

MUSEO MARANHENSE

MUSEO MARANHENSE; PERIÓDICO DE INSTRUÇÃO E RECREIO.
MARANHÃO, TYP. MONARCHICA CONST. DE F. DE S.N., 1842.

01 JUL. - 15 AGO. 1842 = NS. 1-4

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.

EXEMPLAR INCOMPLETO.

- Nº 2 (15 JUL. 1842) = FALTAM PÁGS. 17 - 20



MARANHENSE

PERIODICO DE INSTRUCCÃO E RECREIO.

N.º 1.

SEXTA-FEIRA 1.º DE JULHO.

1842.

INNOVACÃO.

Vai deslisando-se esta quadra bem carregada de odios e paixões políticas, e parece que, a Providencia ainda não quer derramar o celeste balsamo da tolerancia sobre as dicerias feitas em nosso paiz pelo demônio da ambição, por quanto não estaca a torrente desmoralisadora, que vai arrastando e submergindo principios e instituições sagradissimas;—se ella quer deixar ao cuidado dos Brasileiros extirpar tantos males, sanguinosos legados terrenos de transmitir á posteridade, nomes de mãães de victimas engrossarão as paginas dos nossos annaes, e quem gabe se o cutello do algoz.... Não;—já temos tido lições sublimes e terriveis, e Deus se condoerá da terra da Sancha, ~~onde da terra onde o madeiro da repulção foi plantado pelos seus calvidores;—não sopeará os vãos livres do Genio, não o peára a esculptura de escravo;—o Brasil será poderoso, porquanto bom senso, a perspicacia de seus filhos amadurecerão e antiquarão os estorvos retrogradados, e o farão progredir na vereda da civilisação. Todavia, apesar do que levamos dicto, força é confessar, que o elemento politico ainda se acha representando o seu papel, e por isso em quanto não circumscrever-se na orbita, em que deve girar, assolará tudo, suffocará os que com elle forem confrontados. A vista de tal circumstancia é perigoso atirar-se na mejo da arena um Jornal Litterario para desafiar a attenção, para distrahi-la, para pôr á sua disposiçào um recreio, um tentivo; os invejosos pegarão n'elle, percorrerão suas paginas, porém envenenarão puras expressões, e com o sorriso da estupidez, estampado nas lividas frentes, cuspirão n'ellas, rasgarão mesmo uma por uma; os egoistas, os desmoralizados saberão fulminá-las com mil anathemas;—o que nos importa isso tudo?!... Cheios de paciencia nos resignaremos, pois é gloriosa a coroa do martyrio para o que poem o peito a uma tarefa util: não escrevemos para essas almas damnadas, mas sim para aquellas, que compenetradas de intelligencia protegerem nossos esforços, e essas existem na provincia do Maranhão, onde infelizmente se agitam tantos odios, tantas malquerenças, dignas de um termo final.~~

Diremos agora alguma couza privativa ao MUSEO MARANHENSE.

Grandes costumam ser as promessas dos que tem lançado mão de empresas litterarias para o augmento dos seus interesses, porém como muito poucos nos resultarão da nossa, ou para melhor dizermos nem-uns, promettemos atirar a barra até aos limites do possível attendendo sempre ao melhoramento da provincia. Como seria fastidiosa uma Folha meramente commercial ou industrial, em fim exclaimava em uma materia, julgamos de

mister espraçar os nossos esforços pelos dominios da Litteratura, Sciencias e Artes, fornecendo artigos, tirados do nosso cabedal e dos Periodicos estrangeiros com boa escolha e sisudez. A sentença do Lyrico de Venusa—*omne tulit punctum qui miscuit utile dulci*—será sempre o nosso norte para que possamos merecer a protecção do publico. Fundadas em sua illustração esperanças, que de de mão áquelles individuos, que n'uma publicação recente querem ver tudo muito e muito bom, sem se lembrarem da necessidade de avultados cabedaes, e sem reconhecerem, que o nosso serviço, feito ao paiz, já não é pequeno, por quanto, além de franquearmos as columnas da Folha a todos os homens instruidos, e levantarmos um monumentozinho á civilisação, offerecemos uma estampa em cada numero, ensaiando d'esta maneira a Lithographia, entre nós, no que ha bastante dispendio.

Se nossos votos não forem recebidos, consolar-nos-emos com a grata e lisonjeira esperanca de termos introduzido n'esta abençoada terra um solido elemento industrial. Talvez que então possamos gravar no frontispicio da nossa obra o feliz Camões:—
Que exemplos a futuros seja do feliz Camões:—
Lusiadas. Cant. VII. Est. 82.

Maranhenses! contamos com o vosso auxilio e protecção

ANALYSE DA ESTAMPA.

A estampa, que escolhemos para apresentar neste numero, é o Fac-simile de um Retrato de SUA Magestade O SENHOR DOM PEDRO II, IMPERADOR DO BRAZIL. Julgamos será louvada a nossa escolha, preferindo-o a outros muitos que temos; e podemos assegurar, que o nosso Lithographo, o Sr. Jorge Luiz Jobert, desempenhou mui bem o trabalho desta copia: para que a não demos sem ser acompanhada de qualquer artigo, escolhemos as seguintes peças poeticas: ducções de dois eruditos Maranhenses, então em Colômbia e quando ali se solemnizava a Augusta Coroação de SUA Magestade IMPERIAL.

Pela Sr. Antonio Goncalves

Estudante de Direito.

Enthusiasmo ardente m'arrebate; Eleve-se o meu estro, e a minha lyra;

1 8 4 2

J U L H O = NS. 1-2

Que obscura atéqui gemia oppressa
Sob o pézo d'angustias, só resoe
Com sons festivos, echos de meu peito.
—Peito, que na poição frio, agora pulsa
Fogoso, e se dilata, qual o incendio,
Que de centelha apenas duvidosa
Brugido n'um momento abraza os bosques.

Um viva meu s'eleve, e se misture
A tantos vivas vossos, penetrados
—Desperança, d'amor, d'entusiasmo!—...
Tambem um voto meu! que em prol do Povo
Independente já, maugrado a infancia,
De Deus se eleve ao throno, como a prece
Humilde, e ardente d'amoroso filho,
Que a ventura do Pai supplica a medo.
Attende Deus propicio nesse voto,
De ventura, e de paz p'ra o novo Imperio,
De ventura, e de paz para o Monarcha,
Que tam joven no solio toma assento,
A disfarçado pézo sotoposto
D'aurea c'roa te subjeita um povo inteiro

Mancebo! tuas mãos vão calejar-se
Em soffrear as iras do teu povo:
Tu gemerás c'o pezo do teu sceptro
E os teus te invejarão a tua sorte!
Feliz! se no declive de teus annos
O encontrares então moral, e puro—
Feliz—que passarás a eternidade!
E, qual o sol brilhante ao meio dia,
Que depois de manhan escura, e feia,
Ressentida de noite trovejada,
E nuvens carregadas promettendo,
Accesos raios magestoso vibra,
Tal o Brazil de paz em Ceo dourada
Da gloria no Zenith tocando altivo,
Pasmo diffundirá no mundo inteiro.

Pelo Sr. João Duarte Lisboa Serra

Formado em Mathematica, e Bacharel em Philosophia.

Foi só meu coração que fez meus versos:
Por elle julgai só.
(Garrett, prolog. do Catao-trag.)

Se ao triste Bardo, qu'em amarga ausencia,
A medo dedilhando suspiros
Na lyra da saudade,
Em remota soidão, á mágoa entregue,
Só desferia sons, que revelayam
Acerbas dores d'alma;

Se ao Bardo, que soltára a nota prima,
Alando em suspiro que no peito
A vida lhe abafava;
quem o hymno primeiro rebentára
entro d'afflicções, qual d'um rochedo
Rebenta flor mimosa;

Se lhe é dado neste excelso dia
pedaços o alaude;—e a tuba
Soprando sonora,
spondendo mares, ir da occidua praia
canto sóar altivo e grande
De Sancta-Cruz na terra;

Se um ingenio sorrir lhe cabe ao menos
Sobre os labios mostrar, e a voz sincera,
A' mingoa dessa tuba,
N'este ameno recitativo, onde a amizade
Em laço fraternal os peitos une,
Soitar do fundo d'alma;

Socios, Amigos, acolhei meu riso:
Socios, Amigos, escutai meu canto,
Meu canto ingenuo e puro.

Raiava apenas a rosada aurora,
De purpurinos focos e multando
O horizonte suavissimo.

O Sol, que as cunhadas das montanhas
Dourava brandamente, inda no valle
Negava esmalte ás flores rociadas
De cristalinas perolas.

N'um campo ameno de verdura ornado,
Que o anno Moudgo decemente,
Por deleitosos prados serpajando,
Banha de meigas aguas transparentes,
Eu me aprazia, envolto o pensamento
Na glória deste dia.

Aura leve, de manso sussurrando,
A lisa face do cristal enruça,
E entre as corolas de gentis florinhas
Roçando brandamente, vai d'aromas
O ar embalçamando.

Ao longo carpe a rola magoada
em sons de dor a ausencia do consorte;
Mimosa cotovia com requiebro
Souroros festeja o sol que nasce;
Dulcisona canção está trinando
Pelo amor inspirada a philomela
Em suave gorgeio.

Ledo bando de muitas avcsinhas,
Que a vista cega com o matiz das plumas,
Ou no ar adejando, ou entre flores
Mimosas saltitando completavam
O quadro, que minh'alma absorvéra
Em extases de goso.

E nessa hora meus olhos se perdiam
Pela vasta extensão de céus e mares,
E de verdes collinas.

E á minha alma de Patria sequiosa
Aqui se afigurava uma palmeira
Erguida no deserto.....
E as verdes palmas ondeando em tórno....
E o caule escuro, immovel, e sombrio,
Embloma da saudade.....

E além da montanha descalvada,
Estendidas em plano verde-negro,
As cupulas frondosas da floresta,
Quaes ondas bonanças....

E o medonho ranger descompassado,
E monotonio e triste de seus troncos,
Ao rugido do tygre respondendo
Em lobrega palestra....

Em taes delicias engolfada a mente,
Ao tronco altivo d'alamo vigoroso
O corpo recostando—um brande somno
As palpebras cerrou me—tão suave
Como arrobo celeste, que nessa alma
Ao creador transpára....

Quaes meus sonhos seriam nesse enleio?...
Com que sonha o Proscripto no destêro,
Onde somente se alimenta o triste
De saudosas lembranças?....

Magico talisman de harmonias,
E de funereos canticos n'um suspiro
S'exhalou de meu peito....

Ah! que nesse suspiro ia envolvido
O futuro da patria lio mesclado
D'affaveis esperanças e receios,
—Linda flor entre espinhos.

E tão do peito foi, que ao throno excelso
Chegou do Omnipotente:—argenteas nuvens
Do magestoso emporio se desprendem
Onde, e'linas gentis, o solio escoram
De Deus, que os mundos rege.

Da musica celeste as doces notas
Lhe vão cadenciando os movimentos
Nos ares transparentes.

Meiga na terra a natureza inteira,
Os canticos divinos repetindo,
Ao seu Senhor saúda.

Então dos anjos mil que o côro entoam,
Um da cadea mistica soltando.
Que a seus pés o ligava—d'aureo sceptro,
E roçagante purpura adornado.
Baixar o fez á terra—estas palavras,
Que o Universo repetiu, solemnes,
Do labio desprendendo o Omnipotente—

«PAZ ETERNA AO BRAZIL! É TEMPO: EU QUERO:
«NA TERRA O QUINTO IMPERIO SE ALEVANTE.—»

E extinguiu-se a visão—acôrdo—oh! dita!
Vejo Pedro no throno, e reconheço
De Deus o mensageiro.

Fragmento (1).

..... Já tinhamos saído de Sallanche; e no
momento, em que o sol cavou ao Monte Branco o seu
derradeiro adeus, caminhavamos em um lindissimo ter-
rasso. Lisse monarcha dos Alpes desenrolava, deante de
nossos olhos, um espectáculo magnifico e sublime;—tinha
apparecido a lueta do dia com a noite. Insensivelmente
as sombras surgiram dos pés do gigante e foram subindo
medrozias para a sua magestosa frente, onde se demo-
raram alguns minutos, e depois destemidas investiram

(*) Este fragmento é uma das peças de um pequeno
monumento, que no verdor dos nossos annos, temos
consagrado á Religião ao Amor e á Melancholia, e cujas
Baterias o vento do infortunio disseminou pelas regiões.
que temos percorrido: trabalhamos na sua reedificação
para apresentalo completo.

todos os seus lados:—sumiu-se o dia. Entretanto qua-
tro a seis nuvens, sentadas nos picos circumstantes e
similhanes a espiritos aérios inclinando-se para o abys-
mo suspensos sobre as azas, reflectiam ainda clarões li-
vidos até que o acinzentado crepusculo esvaiu-se na cor-
da noite. Transportado exclamei:—*Existe Deus*:—e um
echo tougiquo e triste repetiu:—*Existe Deus*:—dir-se-ia
que era a resposta do genio da solidão. Esta nota do
hymno da minha alma, proferida no grandioso altar da
natureza, foi levada á presença do meu Creador pela
brisa, que fresca soprava, suspirando por entre os den-
sos pinheiraes. Impellidos por um movimento irresistí-
vel, eu, o meu amigo e o guia hespanhol Estevan,
apeamo-nos dos cavallos, curvimos os joelhos e orámos.
Tudo foi prompto, rapido e solenne:—algun tempo de-
pois já nos achavamos a caminho.

Vejam a lita, disse Estevan. Vimos então um ar-
genteo esplendor brincar sobre o cume do monte, assim
como papita na face de um mausoleu o reflexo de uma
lampada sepulchral, e tambem uma nuvem, côr de pe-
rola, eleva-se mansamente e fluctua no vazio azulado,
torçando se sempre mais esbranquiçada e luminosa. Co-
rou a frente do monarcha, e abandonou-o em silencio;
entre abria-se e deixou-nos contemplar um fóco de
luz; as estrellas vizinhas desmaiavam, e saudámos a casta
rafinha das noites—a lita! O Monte Branco, como quem
queria fazer côro connosco, revestiu-se com um ves-
tuario nebuloso,—parecia um manto prateado, e ella,
como envergoadada, occultava de quando em quando a
linda e avelludada face. A neve, em cujos focos jul-
gavamos á pouca ver brilhantes engastados, apresentava
um aspecto sombrio e escuro; vista de longe assimilhava-
se a uma extensa barreira, collocada entre o ceu e a
terra, porém fraca e vacillante, tanto assim que espera-
vamos vê-la desmoronar-se a cada instante;—illusão—
eram os raios do astro, que, por tremorem, tinham des-
pertado tal esperança. O monarcha conservava-se sempre
immovel, grande e altivo:—perto do ceu tinha sido mu-
da testemunha da extincção de muitas gerações!.....

..... Caminhámos por muito tempo silenciosos;—porém o guia,
não podendo soffrear mais o seu genio folgazão, princi-
piou a dar-lhe largas contando nos historias de salteado-
res, e como sabia que eu gostava de Xacras e romances,
cantou o seguinte romance, que tradusi com a possivel
fidelidade.

MARIA.

Romance Hespanhol.

I.

—« Bons dias, minha Menina
Já tío cedo a trabalhar
Na torre branca d'altaia
Eu quatro horas ouvi dar.

—« Olha, o gelo cobre o campo
Mal apenas posso andar,
Doem-me os pés, e com custo
Para caza nei-de voltar.

—« Certos passaros nocturnos
Vim aqui para prender,
Que nas cazas das donzellas
Se vão de noite esconder,

- « Agora de madrugada
Costumam elles sair
Seductores!... raça infame
Com rigor quero punir.
- « Tu és orphã innocentinha
Sem abrigo e protecção
Eu bem sei que o meu Arnaldo
Conquistou-te o coração;
- « Poes escuta: se em tres dias
Limpaes aquelle eirado
Contigo—palavra de honra—
Em breve estará cazado.
- « Sim Senhor!—lhe diz Maria
Sufocada de prazer,
D'aquelle que tanto adoro
Esposa em breve hei-de ser.
- « Muito bem:—respondeu logo
D. Rodrigo o Castellão
Senhor de illustre solar.
Porém cheio de ambição.
- Desandando o seu caminho
Comsigo mesmo dizia:
- « Em promessas gigantescas
E' bem louco quem se fia!!

II.

Onde vais bella Maria,
Tão contente e apressada?
Olha que a morte te espera
Para, para, oh desgraçada!

Muitas vezes negro abysmo
Se cobre de lindas flores,
Ai de ti desventurada!
Adeus vida, adeus amores!

— « Eis o que a razão bradava
Mas de balde, pois amor
No peito da coitadinha
Dominava com furor.

De trabalhar todo o dia,
— « Alta noite—ja cansada
Deitou-se no frio chão,
E ficou desanimada!

De repente com fervor
A Virgem Sancta invocou,
Que prodigio! resoluta
A triste vida voltou.

D. Arnaldo serás meu.
— « Lá comsigo murmurou.—
Porém logo infausto moço
Bem juncto d'ella piou.

A pura ardente Maria
Taes agouros desprezando,
Mais atolta trabalhava
Em seu bem sempre pensando.

As ledas aves cantaram
O hymno da madrugada

O progresso da tarefa
Viu em júbilo banhada.

Jasmins brancos alvas rozas
A seus pés viu decepatas.
Nem as tímidas violetas
Por ella foram poupadas.

Lá sentiu-se enfim o sol
Por detraz do grande monte,
Fosse o dia adeus á vida
Enlucou-se o horizonte.

O canoro rouxinol
A natureza saudou,
O pastor com seu rebanho
Para a cabana voltou,

Foi então que quasi morta
Por minutos descansou!...
Sobre um tronco grosso e rijó
A cabeça reclinou.

Eis que chega D. Rodrigo
Galhoando e presenteiro;
Um creado conduzia
Grande sacco de dinheiro:

— « Tu pensavas, lhe diz eile,
Insensata camponeza,
Que te havias de casar
Com Senhor d'alta nobresa,

— « Ser espozó de Maria
Meu futuro Castellão!.....
— « D. Rodrigo o que seria?
Um misserrimo villão!

— « Em recompensa te deixo
Este sacco de dinheiro,
Se quizeres casarás
Com Fernando—O bello Archeiro.

Esta injuria proferida
Ella o corpo endireitou;
Apontando para o Ceu
Estas palavras tornou.

— « Ali está meu vingador
D. Rodrigo amaldiçoado!
Por cuidados e remorsos
Serás sempre atribulado.

O sino da torre branca
Tres dias depois dobrou
Porque victima da febre
A desgraçada expirou.

E foi cerio, que sosinha
No sepulchro não ficou,
Por que a morte de seu filho
D. Rodrigo deplorou.

M. da C.

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

Da obra do bispo D. Jeronymo Osorio—vida e feitos
de D. Manuel—scripta em latim, e traduzida

em portuguez por Filinto Elysió, hoje muito rara, extra-
clamos o seguinte trecho não só pela importancia do seu
objecto, como tambem pela linguagem castiça, com que
nelle se depara.

— « Mas Pedro Alvares Cabral, que ia em derrota
da India, seguindo a mesma esteira do Gama, veiu á
ilha de Sanct-Iago, d'on le querendo pessar ávante, tal
tormenta se levantou, que a armada se lhe desgarrou,
e uma das naus desalvorada recuou para Lisboa. Ap-
placada a tempestade, cuidou Cabral em recolher a si a
armada, em que achou aquella nau de menos, pelo que
mandou arrear as vergas e esperar por ella dois dias:
venho porém que não apparecia, poz a proa no Occiden-
te. A 24 de Abril descobriram os gageiros terra, de que
todos conceberam incrível contentamento, não havendo
nem um dos nossos que tivesse a menor suspeita, de
que lhes demorasse terra habitada de homens por si-
milhantes paragens. Na la menos mandou Pedro virar
sobre a terra, e deu ordem ao mestre da capitanea fosse
na lancha orçando pela praia, e registando apuradamente
o sitio e natureza d'aquelle paiz. Voltou o mestre, e
trouxe averiguarlo, que era athena a terra e fertil, ac-
bertada de vigorosas hervas e altissimas arvores, vertente
em copiosas aguas: que vira gente baça, de brando ca-
bello corredio, nus de corpo, piscaando pela praia com
arcos e flechas. Não satisfeito Cabral com o testemhanho
do mestre, fez embarcar alguns capitães na lancha ar-
mada, para que melhor indagassem o terreno. Elles
perfizem a ponto quanto Cabral lhes incumbira e de
volta confirmaram por certo quanto o mestre denuncia-
do tinha. Detendo-se ali sobre as ancoras aquella noite,
sobreveiu tamanho temporal, que carregando na armada,
a forçou a rodear ao longo d'aquella costa muito em-
ballada das ondas, e destroncada por aquelles mares, até
que acertou com um excellente porto, que Pedro Al-
vares mandou se chamasse d'ali em diante—Porto Se-
guro. Abrigadas ali as naus encontrando Cabral a
alguns Capitães, que fossem nos bateis examinar aquelles
sitios. Logo voltaram com um pescador, que tomaram
d'um barco; e como nenhuns dos nossos lhes podia
comprender a linguagem, por acenos e signaes comen-
çaram a tractar com elles. Mas tam bõto engenho tinham
estes indios, e tam embaçados estavam de animo, que
se lhes não pôde por signaes dar nada a conhecer. O
que visto por Cabral lhes deu alguns pannos, cascaveis,
anneis de latão e espelhos, e assim dadiavolos, os man-
dou pôr em terra. Elles mui vaidosos com taes pre-
zentes, alardeam com grande contentamento as riquezas
suas, de maneira que, abalada a povoação de tantos en-
carecimentos, acudiram em chusmas com grão medo,
grande copia de farinha e muita variedade de fructas,
que tudo mui lhanamente permutavam com os nossos.
Embellasavam-se nos espelhos, divertiam-se com os cas-
caveis, altanavam-se com os braceletes, estavam fitos em
nós, sem se fartar de remirar cada cousa de per si. A
simples d'esta gente empenhou a Pedro Alvares, Cabral
descer á terra, e ali á sombra de uma arvore grossissima
se celebrasse missa cantada, e houvesse pregação. Nem
foram excluidos d'aquelle espectáculo os colonos d'aquel-
la terra, que mudos e estupefactos entranhavam seus pes-
tanejar no intimo dos sentidos a sanctidade das cere-
monias e a harmonia no canto; e na inclinação de seus
corpos mostraram-se muito entrados do nosso culto. E
quando o Cabral se vinha retirando para as naus, o vie-
ram com muito gosto acompanhando até ás lanchas: tão
declaradas eram estas significações do regosijo, que com
ameitadidos cantos, com tangeres de cornos e buzinas,
com gestos de seu corpo, com settas atiradas ao ar,—
e as mãos apontadas para o ceu, pareciam render im-
mensas graças a Deus de ter trazido ali aquelles ho-

mens. Tão soçobrados estavam de assombro, que dis-
seras tinham perdido o juizo; pois muitos, em quanto Ca-
bral vogava para a armada, se mettiham pelo mar em
seu seguimento até lhes dar a agua pelos peitos, outros
ião nadando e d'elles em bateis, até que agarrados com
as náus não havia modo de arrancá-los d'ellas. Em
quanto se a armada aqui se deteve á fazer aguada a se
prover de farinhas e outros mantimentos, deu á costa
um peixe, que moveu grande admiração em todos. Era
da grossura de uma grande pipa, e tinha dois tantos
de comprido; a cabeça e olhos do feitio dos de porco;
as orelhas parecidas com as do elephante; não tinha
dentes, a pelle sedeada e crespa, e estendia uma cauda
de cinco pés de longo, e tinha a pelle um dedo de
grossura. Nesta terra, que Cabral quiz apellidar—Sancta
Cruz, e hoje se chama Brasil, mandou pôr uma columna
de marmore, semelhante ás que o Gama mandou collocar
em varias partes, e d'ali enviou Gaspar de Lemos, um
de seus capitães, a Portugal dar parte a elrei D. Ma-
nuel do sitio d'aquellas novas terras.—»

MARANHÃO.

A que rio, ou territorio compete propriamente o no-
me de Maranhão.

Ao principio este nome de Maranhão foi dado ao
grande rio das Amazonas, mas em breve os Portugue-
zes, em razão do encontro que Francisco de Orelhana
teve, quando navegando por elle foi accommettido das
margens por hum pequeno esquadrão de mulheres, que
com arcos e flechas lhe picaram a marcha, trocaram aquel-
le primeiro nome por este das Amazonas, alludindo as-
sim ao que se conta das antigas Amazonas da Asia.
Tambem lhe deram o nome de Grão-Pará, ainda hoje
usado, o qual na linguagem indigena tanto vale como
Mar-Grande. Todavia os Castellhanos, e os demais geo-
graphos e viajantes estrangeiros ficaram sempre chamando,
e ainda hoje chamam o rio das Amazonas rio Maranhão,
no que deve haver muita advertencia ao lêr as obras
desses auctores.—Entre os Portuguezes porém foi o nome
de Maranhão transferido do Amazonas para designar a
grande enseada, que desemboca no mar as aguas dos rios
Pindaré, Meary, Itapicuru, Moni, &c., e igualmente a
ilha, situada no meio desta grande enseada, e na qual
está fundada a Cidade de S. Luiz.—Com tudo alguns
auctores Portuguezes parece quererem applicar o nome
do Maranhão ao rio Meary, o mais caudal e possante
de quantos pagam o tributo de suas aguas áquella en-
seada. Entre estes auctores distinguem-se principalmente
Teixeira e Casal (cita-os pelo Sr. F. A. de Varnhagen
nas suas eruditas Reflexões Criticas á obra de Gabriel
Soares), e o Padre Simão de Vasconcellos na Chronica da
Companhia de Jesus no Estado do Brasil, a pag. 23.—
Ha porém outros escriptores que se não conformam com
um tal transferencia de nome. O allegado Padre Ta-
vares, para quem o paiz era tão familiar, escreve na
carta sobredita.—« Dizerem os chronistas que ha aqui
« um rio, que se chama Maranhão, do qual tomou a
« denominação to-lo o Estado, he para mim considera-
« ção pia, que elles fizeram. E senão digam me onde
« está esse rio?—Laja pois toda a cautela ao lêr os chro-
nistas e viajantes Portuguezes, quando nellas se encontra-
o nome de Maranhão, para se saber bem qual he a ap-
plicação que delle fazem.

Mas como e quando é que os Portuguezes fizeram
a trasladação do nome de Maranhão, para designar a ci-
dade, ilha, e enseada, que hoje o conservam, e das quaes

se estendeu a toda a Província e Estado? Responderemos reproduzindo as conjecturas, e que achamos nos auctores, que temos por mais competentes juizes.—Nos citados fragmentos do Maranhão conquistado, escriptos pelos annos de 1750 e tantos, refere-se o auctor á antiga tradição, que ensinava fóra isto na occasião, que ali se perdeu e naufragou Ayres da Cunha, um dos doze primeiros donatarios de toda a costa do Brasil.—«Procurava este fidalgo (diz o auctor) com os seus adherentes o rio Maranhão, nome porque conhecia melhor o rio das Amazonas, e naufragou na ilha do Maranhão, para onde entrou pela boca de um rio largo de cinco leguas desde a ponta do Perá até a do Itacolumim: de que succedem darem áquelle lugar o nome de Maranhão, ou ja enganados e persuadidos que aquelle era o rio Maranhão, ou lá querendo ennobrecer a sua infelicidade, espalhando o seu naufragio como acontecido na boca do rio Amazonas, conhecido então pelo rio Maranhão. E deste accidente ficou até hoje o nome Maranhão affixo á cidade e ilha do Maranhão.»—O padre José de Moraes, jesuita, que depois da extincção da companhia se chamou Joze Xavier da Fonseca Pinto, na sua historia (ms.) da Companhia de Jezus do Maranhão ao Pará, composta em 1759, pag. 693, parece-lhe que esta transferencia de nome foi em razão de similitude que aos navegantes lhes parecia haver entre esta enseada do Maranhão e a do Grão-Pará ou rio das Amazonas, por desembocarem por ella outros quatro grandes rios, como na enseada do Grão-Pará. Mas para se tirar esta commun equivocação (concluiremos nós tambem com o mesmo Padre Moraes) fique a cidade do Grão-Pará com o seu rio das Amazonas, e a cidade de S. Luiz com o seu antigo Maranhão.

(Do Panorama.)

FORTINI.

ROMANCE.

1508.

I.

A tempestade tinha chegado ao seu auge; o trovão fazia estremecer as gothicas vidraças do palacio ducal, que de quando em quando, na escuridão da noite, eram doiradas pelo clarão dos fuzis; o vento, similhante a um gemido de muribundo, suspirava pelas longas e desabrigadas galerias; e Veneza—essa rainha do Adriatico, manchada de crimes e salpicada de sangue—tinha-se cuberto com um manto de luto. Um homem so, cujas vestes molhadas pela chuva denunciavam a miseria e o opprobrio, que o devoravam, encostado no fragmento de uma columna no chão, parecia desafiar o furor dos elementos! Um grande chapéo desabado escondia-lhe as pallidas feições, uma longa barba caía-lhe até á cintura onde lhe reluzia um punhal agudo: seus movimentos eram bruscos, seus olhos chamejavam, o peito agitava-se, e algumas vezes dizia:—Patria ingrata!

—Quem era esse personagem singular e mysterioso? Corria o anno de 1508 e principiou-se a fallar então na Veneza nas façanhas de Fortini ou o homem da barba longa—ente incomprehensivel! No dia posterior ao assassinato de algum nobre ia elle mesmo lançar na boca de um dos leões denunciadores, collocados na escaleta dos gigantes (assim chamada por causa das es-

tátuas colossaes de Neptuno e Marte) um bilhete em que se accusava do delicto:—maneira pela qual se soube do seu nome. Com a mesma mão, que cravava o punhal, levava socorro ao orphão desvalido, á viuva pobre, ao velho, ao aleijado, em fim a qualquer envolvido nos andrajos da miseria ou nos laços da malvadesa. Fazia tremor o conselho dos Dez e o Doge no fundo do seu palacio; baldava-lhes as pesquisas, comprava-lhes os espíões; não tinha moradia conhecida; metamorphoseava-se de mil maneiras:—em uma palavra quando havia um grande crime, ou um notavel acto de virtude, logo o povo dizia:—isto é obra de Fortini:—quem será o homem da barba longa?

Pouco a pouco foi o céu sumindo-se, e as estrellas começaram a brilhar no azul do diaphano campo:—tinha-se dissipado a tormenta. De repente as ondas palpitantes e trémulas do canal vizinho trouxeram as harmoniosas notas de um concerto encantador, as quaes a briza, por assim dizer musical, afastava, reconduzia, elevava, abaixava. Fortini (poes era elle) tranquillizou-se e prestou attenção. Sua alma abriu-se então a um prazer desconhecido, seus olhos se humedeceram. Alguns instantes depois ficou melancolico.

O concerto tinha cessado.

—«Eis a imagem do homem sobre a terra!—disse elle. Depois do prazer a tristeza, depois da tristeza o tumulto!»

Proferidas estas palavras, um grito de agonia partiu do canal, e Fortini mais veloz que o raio n'elle atirou-se. Já se tinha decorrido meia hora quando elle voltou abattido e cansado debaixo do peso de um mancebo, que trazia ás costas quasi morto, e que depositou sobre uma das pedras do caes, ministrando-lhe os possiveis socorros a taes deshoras.—«Pobre Dominico! exclamou elle, o céu fulminou teu casamento quando querias celebrá-lo com todas as mostras do júbilo. Infeliz! casado a duas horas já não tens esposa! ou quem sabe..... Pobre Dominico!—«Quem me chama?—perguntou o mancebo tornando a si. A que mãos benéficas devo eu a vida? Antes preferira a morte! Maria! Maria!..... e com alguma difficuldade elle sentou-se. Meu Deus, o homem da barba longa! continuou fechando os olhos levado por um movimento de horror.

«Dominico tranquillisa-te, respondeu Fortini ajudando-o a levantar-se. O que temes, porque te horrorizas de mim, quando acabo de salvar-te a vida?? So deve temer-se de mim o malvado, e não o virtuoso! Eu te conheço, mancebo, e voto-te amizade sincera. Quem tem soccorrido tua velha Mãe? Quem juncto do grande Arsenal te livrou á oito dias das mãos dos bandidos?

—«Quem Senhor?—«Eu!—Vós meu benefeitor, meu amigo? minha esposa, senhor, Maria onde está?

—«Ali, desventurado!—repliquou Fortini apontando para a agua.

—«Misero de mim! mas julguei que tinha visto um homem atirar-se com ella no canal quando a gondola alagou-se..... Desgraçada!

—«Ella está morta, porém.....

O relógio de S. Marcos deu meia noite.

—«Adeus Dominico, é meia noite. Essa hora me chama a outro lugar, e um favor te peço.

—«Dizei.—

—«De hoje a dois dias haverá um grande julgamento publico na sala do conselho; promette-me que estarás prezente; e de mais peço-te segredo sobre o acontecido, senão ai de ti!

—«Conta-me comigo em tudo e para tudo.

Dominico atirou-se n'uma gondola, que estava amarrada;—queria ir buscar nas ondas o corpo de sua consorte, elle a julgava morta;—porque? «O Homem da

barba longa assim o disse;—era quanto bastava. Fortini dirigiu-se para uma das portas do palacio ducal, que dá para a Piazzetta, e querendo penetrar n'um singular edificio, uma sentinella vedou a passagem, porém Fortini nomeou-se, e ella, que o não conhecia senão de nome, aterrada deixou-lhe o passo franco.

Atravessou a grande porta de la Carta, chegou á área vasta do palacio, chamada il cortile onde existem as duas famosas cisternas; percorreu uma parte da galeria, onde os nobres se reuniam para evitarem as suspeitas da inquisição do Estado; passou pela sala das quatro portas e ei-lo entrando no vasto salão do conselho dos Dez. Oh! ali parou extatico e um pouco aterrado, porque o reflexo de um lampião, quasi a apagar-se, parecia dar vida aos retratos dos Doges, que o circundavam. Fortini julgava ouvir de suas bocas sentenças severas contra a sua temeridade; reconheceu entre elles alguns dos seus antepassados, pois Fortini era descendente de Doges! Lançando porém os olhos para o quadro negro, em que se lia a seguinte inscripção, locus Martini Fortini decapitati pro criminibus encheu-se de indignação, e achando sobre uma das mesas, ali existentes, papel e tinteiros, escreveu n'uma folha estas palavras:—Veneza por um dos espíritos da sua soberbia julga que não devia ter logar, entre os seus Doges, Martino Faliero, degolado por querer vingur sua honra e libertar sua patria do jugo de um aristocracia insolente e desmorralhada! Atirou este leitreiro no quadro preto, e perpassando pela casa do escudo, onde jaziam trophéus e armas, metteu-se por uma porta secreta, que elle só conhecia, e que ia dar no aposento da filha do Doge, de Isabel! Desatado arrôjo! porém o homem extraordinario tinha motivos.

Veneza, a rainha do Adriatico, curvava-se á virtude e formosura de Isabel; essa mãe cruel, que devorava seus filhos e alimentava-se com o sangue delles, prostrava-se humilde aos seus pés. Bella—como um sonho encantador do poeta, para—como um pensamento da Divindade, deveriam seus passos deslizar-se docemente pela vareda da existencia;... não; seus labios tinham tocado no vaso da amargura; ella desinhava melancolica, á similitude da flor-inhã enlaquecendo em terreno ingrato. Isabel amava sem esperanças sobre a terra. O conde Theobaldo na idade de seis annos viu nascer Isabel, a qual, lançada nos umbraes da existencia, perdeu sua Mãe. Theobaldo foi mantido em gentileza, coragem excessiva, e Isabel em formosura, graças, dotes do espirito:—ambos seguíam o caminho da virtude, ambos se amavam. Um dia, disse o conde á sua amante:—«Senhora, a minha patria exige o meu braço para defensão d'ella nos ataques, que esses pérrros infelizes, que esses Turcos, quotidianamente lhe fazem; é forço partir, e Isabel não m'o vedará porque se vexaria logo que lhe dissessem que Theobaldo dorme, quando a Patria vinga. Singular inercé vos imploro, que al não quero, e é o de me amardes sempre—ao que respondeu a donzella:—«Parti, senhor, seguro, que vos juro por Deus, que vos serei firme, ainda mesmo depois de morto, se tal desdita acontecer. Separaram-se. O Conde tocava nos seus vinte e dois annos, e Isabel orçava pelos vinte. Todos os correios que chegavam, traziam novas do exercito e crescentes proezas do amante. Seis mezes ja se tinham decorrido; eis que n'uma manha a donzella assustada ouvia este prégoio debaixo da sua janella:—JUSTICA DO SUPREMO CONSELHO. UMA AVULTADA SOMMA EM BOA MOEDA E HONRAS EM PROFESÃO E A RECOMPENSA, QUE O SUPREMO CONSELHO DAVA A QUEM LHE APRESENTAR A CABECA DO CONDE THEOBALDO, TRAIADOR A SERENISSIMA REPUBLICA.—Infames! murmurou Isabel e caiu desmaiada. De tarde vieram-lhe dizer que um mancebo trouxera uma

grande noticia ao Doge á cerca do conde; fóra de si corre a seu pae bradando allucinada:—Senhor, Senhor, onde está Theobaldo?

—No campo da batalha onde caiu como um bravo,—respondeu o severo velho.—Morto? ai de mim! como explicaes a falsa participação da sua trai...—Falsa? se assim fosse.... isso é um mysterio, que não te posso explicar.... respondeu o Doge em voz baixa olhando em derredor de si. Desde esse momento a extremosa amante não conheceu a alegria; o sorriso, que lhe roçava os labios de quando em quando, tinha um não sei que de funebre; sempre fiel chorava aquelle por quem dera á vida.

Um anno volveu-se depois de tal acontecimento, e a lembrança do Proscripto perdeu-se no turbilhão dos prazeres.—Voltamos a Fortini.

Trez salas formavam a linha habitação de Isabel. A construcção d'ellas era inteiramente mourisca; o pavimento era de mosaico formando flores e figuras; ricas cortinas de seda azul ornavam as esguias janellas; cadeiras gothicas, feitas de preciosa madeira da ilha de chypre, alardeavam fofos coxins de damasco; enfeites de prata e ouro estavam espalhados com profusão; e morava a boa Ignez, velha aia de Isabel, em uma sala allianada por um candelabro. Ella, sentada sobre um sofa assetiado, estava triste e pensativa. Misera velha tão tarde; daria riquezas, a quem lhe derramasse um balsamo no coração opprimido pela angustia.—Quem te mureira a flor da vida oh infeliz? Que mão de ferro estaçou-te a fonte da alegria? A saudade? oh que bem certo é que ella te faz derramar lagrimas no silencio da noite, sem que possas orvalhar a fria lousa do teu Theobaldo; mas outra ideia te tortura o pensamento—um consorte forçado!... Com effeito a donzella n'elle scismava. Fitando os olhos de repente em um grande retrato, onde estava o retrato de sua mãe, levanta-se e cae de joelhos com as mãos postas. Oh minha mãe! exclamou ella, protegi-me, inspira esse homem inexplicavel, que tudo faz em Veneza.... pois dizem, que soccorre os infelizes, se esse Forti....

O retrato fez um forte movimento mas sem estrepito, o retrato saiu do seu logar, e pelo vazio entrou um homem—era Fortini.

Isabel ficou sem movimento, porém na mesma posição:—Dir-se-ia que a sua alma a tinha abandonado por momentos e subido á presença do Eterno. De repente levanta-se e quer correr, mas Fortini lhe tolhe os passos.

—«Senhora, não vos assusteis, senão perdereis o vosso protector—lhe diz elle com voz maviosa.

—«Que quereis?

—«Tranquillisaí-vos, fallai baixo por vossa honra; tranquillisaí-vos, que sempre tenho velado sobre vós.

—«Fugi, fugi! replica a donzella atemorizada. Ah n'aquella sala dormem a minha aia, as minhas creadas; estas paredes escutam....

—«Fugir quando precisas de mim! O conselho dos Dez tem ouvidos, e para mim são surdos; o conselho dos Dez tem chaves, que entram em todas as portas, mas eu as quebro; o conselho dos Dez tem punhaes, eu os emboto; o conselho dos Dez tem venenos, eu tiro-lhes a força; o conselho dos Dez tem mil olhos, elles não me veem. Que receaes?

—«Se é verdade que sois bom e tão poderoso valei-me—lhe torna Isabel sentando-se resignada.

—«Sim; vede os meus vestidos molhados, pois bem, arrisquei minha vida no canal para salvar um infeliz. O Doge quer cazar sua filha com o poderoso conde Orlandio, por assim exigirem os seus interesses privados e os do Estado, porém tal casamento não se ha-de effectuar porque o conde é um infame, é um traidor, e a filha do Doge quer guardar o juramento de ser fiel a Theo-

baldo ainda mesmo depois de morto.—Estas ultimas palavras foram proferidas com emoção.

—« Vós possuis o meu segredo? Conhecestes aquelle que sempre amei? »

—« Isabel!... Oh se o conheci! Patria ingrata tu lhe farás justiça. Quando elle fazia brilhar a tua coroa de rainha, sua cabeça andava posta a premio!—Indignos, se vivesse, tremereis. Senhora, de vossa obediencia aos meus preceitos depende o bom exito da negociação. »

—« Juro obedecer-vos cegamente. Oiro, oiro em montões vós tereis e a minha estima. »

—« Que dizeis, oiro! Não preciso d'elle, ambiciono a vossa estima, porque é o thesouro maior que posso possuir neste mundo. Escutae. Eu nasci tambem em sumptuosos palacios, era feliz: porém o braço de Deus descarregou sobre mim com furor golpes tremendos; enlucou-se o meu horizonte e eis-me errante e... »

—« Proseguí, oh proseguí... »

—« Basta... Senhora. A manhã dá Orlando grande baile mascarado. Lá estarei e não serei conhecido; só a vós direi meu distinctivo—uma fita a tiracol. Não me crimeis pelo que me virdes praticar; é assim de mister. Adeus, segredo e prudencia, e acreditae, que desde o projecto do casamento sempre tenho estado de noite por detraz d'aquelle retabulo, que occulta uma porta falsa, unicamente conhecida por mim em Veneza. »

Fortini desapareceu, e o retrato ficou no seu lugar. Reinou depois profundo silencio.

II.

No dia seguinte não se fallava na cidade senão n'essa inscripção, que tinha apparecido no lugar de Marino Faliero, e sobre a temeridade do homem da barba-longa, pois de tal facto se de-latara a si proprio por um bilhete lançado pela boca do feio denunciador: avivar-am-se por tanto as diligencias da inquisição do Estado: seus executores, seus espiões não descançavam. Veiu Orlando ter com o Doge, e indignado lhe prometteu de effectuar, no prazo de tres dias, a captura de Fortini, e instou violentamente com elle para que não faltasse ao baile, que n'essa noite devia ter lugar em seu palacio. Como poderia o Doge retrahir-se aos ardentes desejos de seu futuro genro? Orlando continuou:

—« Todavia, Senhor, que dizeis á subita disparição de Lambertini, Mansiello e Foscarini? Os indicios indagam terem sido assassinados por esse bandido, e assim vai esse braço ceifando a flor da nobreza, a esperança da patria... »

—« E os meus intimos amigos, replicou o Doge. Oh se por ventura... »

Um sentimento de tristeza estampou-se-lhe na physionomia—uma recordação dolorosa tinha atravessado o seu pensamento.

—« Oh se vivesse Theobaldo! mas o tumulto não larga a sua presa. »

—« E bem depressa te espera, insensato.—murmurou o conde. O misero não se lembrava que ha uma providencia. »

—« Adeus, senhor, até á noite.—« Adeus, conde, até á noite. »

Chegou a noite. Um magnifico palacio, collocado na Piazzeta, alardeava uma brilhante perspectiva, porque uma linda illuminação o decorava por todos os lados externos, organizada em arcadas arabescas; os salões estavam allumiados por mil bugias, candelabros, lampiões: uma musica deliciosa, mascarados atravessando de uma para outro lado, danças e mais divertimentos encantavam

a grande multidão de povo, que silencioso admirava tanta grandeza.

Que contraste! de uma parte o silencio guardado pelo povo, esmagado por uma aristocracia insolente, e de outra parte essa aristocracia convertendo em júbilo o suor d'aquelle.—Abençoada é a hora, em que o Omnipotente disse aos povos:—Levantai-vos, marchae, sede livres; baqueou a escravidão!

Em um dos salões estava erguido um magnifico throno, onde luziam todas as galas do requintado luxo oriental; ja se achava occupado pelo Doge e sua filha, pois o baile, que se dava, era o do conde Orlando. Ja bem adiantada ia a folgança, e alguns grupos de mascarados embuagados em capas, escaletas nunca se despartavam, até mesmo nas danças. Isabel, examinando os um por um ainda não tinha reconhecido o seu protector.

—« Que coragem! dizia ella no seu interior. Que prodigio terá elle de operar neste recinto! Eis que atrahie a attenção geral um Cavalleiro alto, de armas negras, e de negro p-nacho no cinto, cuja viseira lhe tapava o rosto: sobre a couraca tinha ao tiracol fita larga bordada de ouro, um pouco desbotada pelo tempo e salpicada de sangue, que parecia denotar não ser ocioso o punhal, que na cinta brilhava; ei-lo, que fazendo retinar o pavimento com o estrondo de suas esporas, avançava com passo firme até ao throno do Doge e de sua filha, fazendo-lhes uma graciosa reverencia, e collocando-se altivo ao lado d'esta, a qual fixando os olhos na fita descorou, corou, e assim esteve por minutos em attida por sensações differentes.—É elle! »

—« Que novas trazeis do Oriente, Senr. Cavalleiro? perguntou-lhe um. »

—« Sois na realidade bem exquisito: sereis por ventura a alma de algum tinado? diz um outros dando grandes gargalhadas. »

—« Senhor cavalleiro, lhe disse o Doge, Veneza é tambem corte de amor, fizestes algum voto de não participardes dos nossos prazeres? »

O cavalleiro conservava-se immovel e mudo. O conde Orlando, que até então nada tinha dicto affogado em colera, não se pôde conter por mais tempo, e dirigiu ao Doge estas palavras:

—« O cavalleiro, Senhor, receia que vossa filha esteja mal collocada ao vosso lado, má s-ntinella tem ella pois esmoreceria diante de uma boa filha de Damasco. »

—« Menos deante da tua e d'—Liga—Conde, replica o desconhecido levando a mão á espada. »

—« Temerario, que dizeis, explicai-vos! lhe torna o conde intimidado, mas querendo mostrar-se forte. »

—« Tuas horas estão contadas, maldicto conspirador. »

De repente voserias se ouvem, grande tropel de povo, soldados, inundam as salas gritando:—« *Assassinum o Doge, corrantos, querem matar Isabel a protectora dos desgraçados, Fortini está ali? onde está elle? morram os conspiradores, morra Orlando!*—O Doge e sua filha viram-se cercados pela população, e quasi todos os grupos de capas escaletas tinham desaparecido.—Eram conjurados, cujo chefe era o conde Orlando. »

Orlando estava estirado no chão com o coração atravessado por uma punhalada.—Não se lembrava o perido que ha uma providencia. Eis a obra do cavalleiro, de Fortini, que desapareceu por entre a turba. O Doge e sua filha foram conduzidos pelo povo até ao palacio ducal por entre os seguintes vivas:

—« Viva o bom Doge e sua filha, salvou-se a republica. »

III

Não tendes visto o alvorecer de uma grande cidade no dia de um grande acontecimento? Não tendes es-

tadado então o estado das physionomias representantes feis dos sentimentos, que surgem na alma? Não tendes escutado os hymnos do triumpho, e os gritos da desesperação? Não tendes visto a agitação de uns e a perfeita immobildade de outros?—Pois bem, tudo isto apparecia em Veneza desde o fim do baile ate a reinião do conselho da republica no lugar, que já conheceis. Um acontecimento prodigioso tinha tido lugar na noite antecedente—a prisão de Fortini. Gente de todas as classes estava apinhada na salla e na praça, em cujo centro elevava-se o patibulo, sobre o qual estava em pé, firme como o anjo da morte collocado n'um momento funebre, um homem vestido de vermelho com um machado na mão—o carrasco! Ia ser julgado o homem extraordinario, e condemnado á morte:—justiça de Veneza! São onze horas e ainda não tinha chegado o réu, porém a turba soltou um grito como fosse um homem se:—Ei lo. Um individuo se apresentou embuagado n'uma especie de capote, do qual saía um capuz, que cubria parte da cabeça; uma barba espessa e longa parecia que de proposito caía por cima do manto, porque os braços encruzados por baixo d'este não o deixavam descolar-se. Chegado á presença de seus Juizes, e conservando-se n'essa posição, por quanto ninguem se atrevia a tocar n'elle, fallou d'esta maneira.

—« Doge, Soberano Conselho, Juizes, Nobres e Povo de Veneza, grandes revelações vos venho fazer e depois de pronuciado o meu nome julgareis sobre a minha sorte. Não sou bandido, não sou assassino, mas um grande defensor da patria, e d'isso vos darei provas tão efficazes, que vos obrigarão a considerar-me innocente, e então ai dos malvados, que o algoz os espera e não a mim. Doge, o que merece aquelle que sempre soccorreu o orphão, o desvalido, o infeliz, a viuva, e a republica? —Dizei! O Doge respondeu:—Todas as recompensas, todas as honras, a gratidão da Patria. »

—« Soberano Conselho e Juizes, se for Fortini, sairá d'aqui são e salvo? »

Um dos Juizes replicou-lhe:—« Em vez de condemnado sereis premiado; dae-nos provas. »

—« Bem, continuou Fortini. Sabeis que Tertuliani quando falleceu deixou quatro filhos orphãos e sua viuva reduzidos á miseria por não lhes ter deixado outra herança se não a de suas virtudes. Elles estão hoje abastecidos e se por ventura estão presentes compareçam. »

A estas palavras saiu da multidão uma mulher idosa com uma creança ao peito, e outras trez agarradas á sua mantilha, e que banhada em pranto lançou-se aos pés de Fortini clamando: oh meu benefitor!... »

—« Como sabeis, Senhores, foi o bom Tertuliani apunhalado por um creado do conde Orlando... »

Um movimento se fez em um grupo.—Um homem morre aqui!—gritaram algumas pessoas.

E' Salvatori que desmaiou—bradou uma voz.

—« Eis o assassino, Senhores. Tertuliani antes de exhalar o ultimo suspiro disse á sua viuva, que reconhecera o assassino cujo nome era—Salvatori, um dos satellites de Orlando. A denuncia não foi dada porque eu proprio me incumbi della. »

A viuva confirmou esta deposição, e estavam os circunstantes possuidos de profundo pismo.

—« Povo de Veneza dizei se tenho sido o vosso protector, existe entre vós quem sustente o contrario? »

Uns gritavam:—« Vós me salvastes a vida por duas vezes, vós me destes pão todos os dias. Outros diziam. Tendes sido o meu protector, vosso nome será para sempre abençoado. Doge, salvai-o. »

E eu? livrou-me das mãos de bandidos e das aguas do canal:—estas palavras foram proferidas por um joven, que atravessou a multidão, e collocou-se juncto de Fortini.—« Aqui me tendes, meu amigo. »

—« Deus te salve, Dominico; foste fiel á tua promessa. Quando querias em virtude do teu consorcio espalhar o teu prazer por cima das aguas do canal com os teus suaves concertos, quizeram-te sepultar n'ellas para roubarem-te a esposa. Ella vive, Dominico, requisitae ao conselho, que mande alguem batter na porta do gondoleiro Francisco, que mora em uma pequena caza juncto da igreja de S. João, ahi será encontrada Maria, a linda Maria, que tudo vos dirá e ao concelho! Eu espero por ella. »

Foi deferida a requisição. Reinou profundo silencio até que um dos emissarios se apresentou conduzindo a bella Maria e o Gondoleiro. Então um dos Juizes interrogou Francisco.

—« Conta a maneira porque levaste essa joven para tua caza.—Francisco tremendo explicou-se n'estes termos. Meus Juizes; antes de hontem de tarde um mancebo nobre e bem apessoado apresentou-me uma bolça cheia de ouro, declarando-me, que ella continha o necessario para passar rico o resto dos meus dias, e que exigia em troca que eu, como estava já fallado por Dominico para um passeio nocturno, fizesse virar a gondola, e que me lançasse á agua com a moça, que nella deveria entrar. Eu não resisti, porém cedi logo que elle interpoz o nome do Soberano Concelho.—De noite alagou-se a gondola, para que Dominico morresse afogado e Maria se salvasse e por mim fosse conduzida a minha caza, pois assim me tinha sido ordenado. Ella ficou ahi até agora e elle não compareceu.—Esse mancebo foi o Conde Orlando. Ouviu-se um sussurro de indignação geral, e o Doge tapou o rosto com as mãos. »

—« Basta: disse o Juiz.—Não; falta o essencial; proseguí Francisco,—replica Fortini. »

—« Hontem de noite, cerca de oito horas, estava sentado na porta da minha caza desesperado de não poder encontrar o senhor Orlando, e resolvido por tanto a dar liberdade á rapariga. Um individuo pára deante de mim e me diz: « Mal vaes tu, guardador de roubos.—Guardador de roubos, respondi então, quem quer que sejas és bem atrevido. O individuo fez brilhar uma couza, que parecia ferro, e me tornou: « E se estivesse deante de ti o homem da barba longa que dirias? Bemzime tres vezes e retruquei:—Oh! que para esse não haverião mysterios e perdido ficaria para sempre. Como não fiquei eu quando o tal sujeito me disse: Pois bem, Francisco elle está deante de ti, e guarda bem Maria até que ella te seja pedida, senão as nossas contas se ajustarão com brevidade, entendeste? Nem me senti com animo para dizelhe, que sim. Meu Deus ainda quando me lembro... »

—« Disse elle a pura verdade; e sou por ventura algum malvado? Quereis mais provas eu passarei a dar, continuou Fortini.—« Não, não, disse o Doge. »

Maria abraçou-se com Dominico.

—« Quem defende o orphão, a viuva, o desvalido, não pode ser perjuro á obrigação... »

De subito alguns do povo gritaram.—« Aqui estão os Senhores Lambertini, Mansiello e Forcarini; é falsa a noticia do assassinato. »

—« Apressastes-vos meus amigos, proseguí Fortini, não importa. Como eu ia dizendo quem defende o orphão, a viuva, o desvalido não pode ser perjuro ao juramento de defender a patria. Soberano Conselho, uma conspiração, animada e sustentada pela Liga de Cambray, composta do papa, o imperador, o rei de Franca e o rei de Hespanha, fervia em vosso seio tendo á testa o conde Orlando, e vós dormiis e eu velava. Suas raízes alastravam-se com profundidade, e eu quebrei-as e desarreiguei-as. Seu fim era entregar-se a patria ás mãos do estrangeiro e eu pugnava pela sua independencia. O conde Orlando, receando a presença de Theobaldo em Veneza, em consequencia de um pequeno reves por este

experimentado no meio de tantos triumphos, forjou falsas correspondencias e accusou-o perante o Conselho de Ser Trador á Republica. Infame! Ignorava as vantagens offerecidas por aquelles soberanos ao mesmo Theobaldo. Os documentos, Lambertini.

Bambertini pôz sobre a meza do conselho um rôlo de pergaminhos, que os juizes attonitos começaram a examinar e mais provas, entre os quaes vinha tambem uma relação dos conjurados, que immediatamente sem ser lida foi entregue ao Doge.

—« Orlando com a sombra do seu consorcio trabalhava melhor; punha-se ao abrigo das suspeitas, e no baile deveria assassinar o pae e injuriar a filha, porém meu braço de cavalleiro atalhou seus dezechos.

Sensação profunda.

—« Desde que sou conhecido em Veneza entretive sempre relações secretas com Lambertini, Mansiello e Foscarini, que tinham enganado o monstro até á ultima hora: informei-me de tudo, e pedi-lhes, que deixassem o desenlace ao meu cuidado, porém que sem perda de tempo espalhassem agentes por entre o povo reunido na Piazzetta, os quaes produziram o maravilhoso effeito, que presenciasteis.

Sendo do meu plano entregar-me depois de passada a borrasca instei com elles para que se occultassem e deixassem vestigios de terem sido assassinados, o que deu lugar á falsa noticia, que circulou.

Os tres deposeram o mesmo, e apresentaram todos os documentos pelos quaes se via claramente ser Orlando o chefe da conspiração.

—«Atenção! atenção! proseguiu elle, marcharei com firmeza para o patibulo se for considerado criminoso e merecerei as bençãos das gerações actuaes e futuras se for declarado innocente. Proferindo estas palavras desembaragou-se do manto e do capuz e das barbas.

—« Eu sou o conde Theobaldo.
Mil vivas o saudaram. O conselho por um impulso irresistivel poz-se em pé.

—« Eu usei do desfarce de nome e trage para confundir melhor os rebeldes, atrahindo a attenção geral, pois tinha entrado no meu paiz com isso em vistas; desejava mostrar a minha innocencia, para o que era de mister dar-me por morto, e para isso peitei a um escudeiro meu para o fim de revestir um corpo mutilado com o meu vestuario e armas, de modo que a noticia foi accreditada, e chegou justamente depois que a minha cabeça tinha sido posta a preço, occasionando essa ultima circumstancia a morte do meu velho pae.—Decidi sobre a minha sorte, e peço o perdão dos culpados, e eis aqui o que me autorizou a pôr a inscripção no logar de Marino Faliero.—Apresentou um pergaminho ao Doge assignado pelos inquisidores do Estado; o que elle continha, nunca se soube. Fecharam-se as portas do salão para o Conselho deliberar, e Theobaldo saiu conduzido nos braços do povo, o qual collocou-se debaixo das janelas; e os culpados foram immediatamente conduzidos ás prisões do Estado.

Um dos Officiaes do conselho, chegando-se a uma especie de varanda leu em alta voz a sentença que absolvira o conde Theobaldo.

Appareceram então todas as mostras de um contentamento verdadeiro:—cafu o cadafalso—samente por esse dia, porque no seguinte foram degolados os criminosos.

Alguns dias depois celebraram-se com pompa as nupcias de Isabel com o mesmo conde, que lhe fez ver a difficuldade por elle experimentada em reter os seus transportes na occasião já descripta, e que viveu sempre venerado.

IV.

Appareceram com o andar do tempo algumas suspeitas bem fundadas de que Theobaldo, quando voltára da expedição, se defendera secretamente perante os tres inquisidores do estado, que lhe prestaram apoio nos feitos mysteriosos, que praticou, afim de darem uma lição á aristocracia insolente d'aquella epocha.

M. da C.

VARIETADES.

Entre alguns manuscritos velhos deparei com um do fallecido marquez de Queluz; meu pae, e como achei exactissimas as ideias n'elle apresentadas, mormente por serem relativas á patria, á qual tão relevantes serviços prestou desde a sua mais tenra mocidade, resolvi publicá-lo nas columnas d'este jornal, dando por este modo aos seus preclaros mânes mais uma prova de profundo respeito e amizade filial.

Ei-lo.

I.

PROBLEMA.

O BRAZIL DEVE SER UM PAIZ PURAMENTE AGRICOLA?

Ja na minha—Memoria sobre a abolição do trafico da escravatura—aventei algumas ideias á cerca da solução d'este problema economico-politico; mas, para desenfado meu e instrucção de meus filhos, deixarei defluir da pena algumas reflexões, que de subito me assaltam a mente, e a impedirei de correr folgada por assumpto tão vasto, pois largo tractado formaria, o que não é agora de meu proposito.

Que o Brazil deve ser um paiz puramente agricola é crença generica; e o fundamento d'ella é o não estar ainda a agricultura generalizada em todo seu immenso territorio, e ter o atraso dos nossos conhecimentos subido de ponto, que não podemos produzir generos industriaes, nem tão bons e nem tão baratos como os estrangeiros, sendo por isso mais proficuo compra-los do que fabricá-los. Um volver de olhos sobre a marcha dos estados modernos anniquila este senty erroneo.—A agricultura, no seu verdadeiro rigor scientifico, não é senão uma filha legitima da industria e da civilisação: por tanto uma nação meramente agricola é um ente chimerico, porque não pôde haver verdadeira grandza sem industria e commercio; e por toda a parte onde aquelle ramo de riqueza não for sustentado proporcionada e progressivamente por estes dois, será elle sempre precario e péco.—Quereis um paiz cultivado?—dae-lhe fábricas que val o mesmo como dizer—dae consumidores numerosos e certos aos productos de sua cultura. E' verdade que a agricultura no Brazil pôde ser levada a uma extensão indefinida pelo indefinido numero de escravos africanos. Estará ella solidamente fundada nos braços de uma tal população? Serão os estrangeiros os unicos consumidores que devemos dar-lhe? Uma guerra, ou qualquer mudança na economia das nações consumidoras, dos nossos productos, não poderão arruinar subitamente a nossa cultura? Uma indefinida população africana, occupada em cultivar assucar, algodão, café, cacau &, em um sólo vasto e fertilissimo não produzirão uma tal quantidade d'esses generos, que inundados os mercados da Europa, haja uma consideravel depreciación? A immensa quantidade de algodão e assucar da India, e das colonias francezas e inglezas, já faz uma terrivel concun-

rencia contra os productos do Brasil da mesma qualidade. E que será quando Caracas e provincias adjacentes principiarem a trabalhar de véras? Que diremos dos Estados Unidos? Em 1893 já exportavam elles de algodão indigena 37, 712, 079 libras e consta-me, que ultimamente (183...) cubrião elles esta somma!

Ah! já antevejo a epocha triste e desgraçada para algumas provincias nossas. O que será, por exemplo, do Maranhão quando os seus algeodões cairem n'um perfeito depreciamento? Os lavradores não o venderão, o gyro commercial se estreitará, o dinheiro como por encanto desaparecerá, e a homens abastados ha de faltar muitas vezes o numerario para as despesas necessarias. (*) Será preciso, para que saia de tal estado, um grande sacrificio afim de dar novo impulso aos capitães, que houverem, ou estabelecer-se uma syndicancia rigorosa no fabrico dos algodões, para que sua bondade dê mate nos concurrentes. O mesmo acontecerá na Parayba e Rio Grande do Norte! O que será do Pará com a sua seringa e o seu famoso oleo de copaíba? Por algum tempo se ha de sustentar, porém ha-de ver o triste depreciamento dos seus generos. Como é penoso ver o estrangeiro arrancar-nos por preços diminutos os nossos ricos productos, e apresentá-los depois metamorphosados de mil sortes e por preços elevadissimos. Oh! que guerra é a nossa!!

A' vista, pois, do que levamos dicto, deve ser o nosso empenho e disvelo modelar a marcha economica do Brazil pela das nações mais cultas, salvo o desconto das localidades. Pretender hoje reduzir um povo inteiro ao trabalho agricola, é systema errado; ao contrario; tirar da terra o maior producto possível com o menor numero de braços possível, é o grande problema práctico da sciencia economica.

Por experiencia tambem não concordo em que se prefira comprar os productos de manufactura estrangeira a fabricá-los os nacionaes pela razão de lhes faltarem os meios de obtê-los tão bons e tão baratos. Pois por isso que ha essa falta de facilidades para obter a mesma barateza e qualidade, devem os brasileiros cruzar os braços e submeter muito resignadamente a sua perfectibilidade á dependencia das nações mais avançadas? Seria um conselho tal bem digno de um fabricante inglez. Eu daria outro mais nacional, e vem a ser—que visto haver essa falta de meios, e de mister urgente os esforços e maiores sacrificios para fazê-la desaparecer. Nem conheço nenhuma excepção a esta regra senão a esterilidade do solo, e a superioridade das despesas sobre os beneficios, e sem esperanza de melhoramento.

Nem uma das nações cultas da Europa quer o mais barato das outras em generos, que podem manufacturar, e só nós é que o devemos querer?

A razão fundamental da nossa doutrina é evidente, e cifra-se em poucas palavras:—é porque 1.º não pode ser indifferente para o bem da população, riqueza e civilisação nacionaes, que nós os brasileiros paguemos a estrangeiros, ainda mesmo com os productos da agricultura propria, os salarios e beneficios industriaes, que podiam ficar em nossas mãos:—2.º porque ha uma summa desigualdade de interesses em fornecer materias brutas para recebê-las manufacturadas. As primeiras conservam um preço quasi constante e dão por consequencia um proveito estacionario e retrógrado muitas vezes, e as manufacturas treplicam, decuplicam de valor por causa da industria. Todavia, diz Mr. Canard, todas as vezes que uma nação compra ao estrangeiro algumas

(*) Chegou em fim essa epocha para o Maranhão, em que o commercio só vive de transacções, porque o dinheiro anda raro, e ainda para maior infortunio a moeda papel está toda falsificada.

M. da C.

mercadorias, e não as fabrica, é porque, acha nisso vantagem;—porém este economista confunde a nação com um punhado de negociantes: e em mil hypothesees podem ganhar trinta ou quarenta negociantes n'um ramo de commercio aliás ruinoso á nação, como em muitas occasiões sabiamente tem demonstrado o meu erudito amigo o visconde de Cayru.

O primeiro passo que o Brasil pôde e deve dar para impor limites á affluencia da industria, a fim de que a sua progrida, é a organisação de uma tabella de direitos bem calculados, que sem destruir a emulação entre productores nacionaes e estrangeiros, deem mais facilidades aos primeiros que aos segundos; ou a rigorosa prohibição dos productos alieios, como judiciosamente practica Inglaterra. E' para proteger a industria que o governo britanico descobriu as recompensas e premios, de que tem sabido tirar tão grandes vantagens pelo bem calculado valor de que os compoem, e pela discreta applicação d'elles! E' verdade que contra esta doutrina clamam J. B. Say e David Ricardo, discipulos do grande Smith, caracterizando de monopolistas essas restricções, que se fazem nas alfandegas, por isso que evitam a livre concorrência das mercadorias estrangeiras, donde podia nascer a melhoria e barateza dos productos nacionaes em proveito dos consumidores. Estes escriptores erram n'esse ponto: e o erro nasce principalmente de pretenderem applicar ao commercio de nação para nação a regra de uma absoluta liberdade, que só convem ao commercio de provincia para provincia da mesma bandeira, e ja se vê que aquillo, que pôde ser muito util na primeira hypothese, pôde ser muito prejudicial na segunda e vice-versa.

Ter em vista exclusivamente o bem dos consumidores, procurando que elles não comprem senão o melhor e mais barato, importando pouco que o beneficio passe a estrangeiros ou nacionaes é tomar a questão por um lado só; é considerá-la pela face dos consumidores, e não pela dos productores e pela do estado. Se é evidente que a riqueza, a população e a força dependem da industria protegida e universalizada no territorio patrio,—como pode caber em razão, que sejamos consumidores de industria alieia e não productores? Se é preciso pôr limites á concorrência da industria estrangeira com a nacional—porque o não faremos? Facam-se sacrificios, não importa:—a patria merece tudo.—«Embaraços, difficuldades, impossiveis—eis a phrase favorita d'aquelles, em cujo peito não ha uma scentilha de patriotismo.

Seria curioso ler-se o inventario d'esses grandes embarazos, d'esses grandes tropeços, d'essas invenciveis difficuldades. Não vejo o motivo porque o Brazil não pôde fabricar excellentes pannos de lã, algodão, linho e até mesmo a seda; para extrahir e fundir os metaes das riquissimas minas, que tem; para fabricar chapéus, lonas, brins; para preparar breu, alcatrão, e aproveitar infinitas gomas e resinas, e enfim outros muitos productos de consumo geral e de facil manipulação. Mas quando haja falta de meios e mestres, então concordo em que sejam procurados entre os estrangeiros; e é assim, que praticam as nações mais cultas aproveitando-se mutuamente das descobertas umas das outras. Parece-nos tambem conveniente que haja escolha nos generos das manufacturas por onde principiemos, e entre estes deve-se dar preferencia aos que demandarem trabalhos simples e facéis e forem de consumo geral, deixando por ora de parte os destinados a um luxo exquísito e dispendioso.

Aqui finalisa-se a resolução d'este problema, e aguardamos a occasião para dar a lume outras reflexões tambem importantes.

M. da C.

A BOLSA AZUL.

—Ah! assim parece. Ouvi, Sra.; essa viuva Guichard era pobre como as couzas pobres, nem pão tinha que comesse; e a prova é que ainda não ha muito tempo, mamã vendendo-a doente mandou-lhe levar uma tigella de caldo, que foi o seu jantar e o de sua filha: oito dias antes havia ella pedido emprestado 15 soldos que mamã olhava como perdidos, como o disse diante de mim a vizinha Marion: e para t'er d'isso certeza, mamã sem querer agoniar a Madame Guichard pediu-lhe seu dinheiro. Ella fez-se vermelha como um lacre, e disse que os não tinha: eu porém tomando de parte a filha disse-lhe que era uma preguiçosa—pois por que não vais ao Luxemburgo pedir esmola á gente rica?—Maria poz-se a chorar, e disse que não se atreveria; ralhei com ella quanto pude—parece, disse-lhe, que antes queres calotear aos pobres do que pedir alguns vintens á gente que não sabe em que os empregue.—Era um bom conselho que eu lhe dava, não é assim? e de que soubé ella tirar proveito, porque parece que ganhou muito, oh! muito dinheiro no Luxemburgo, e tanto que immediatamente Madame Guichard pagou os 15 soldos de minha mã, e poz uma panella ao fogo com uma galinha. E' preciso t'er achado um thezouro, ou ganho uma herança para usar de tanto luxo, não é assim, Sra.? Depois foram-se ambas sem dizer—Deus te salve!... e a esta hora, quem sabe? talvez estejam passeando em bons coches.

Madame de Tourvel suspirou, julgando achar na narração da pequena a confirmação de suas suspeitas; reprimiu porém esse sentimento.—pois é tão cruel vêr que o ente que a caridade adoptou, é d'ella indigno!—e distribuindo alguns trocos por entre os meninos, retirou-se.

No domingo seguinte, bem que não tivesse muita esperança de tornar a vêr a pequena Maria, Madame de Tourvel não deixou de levar suas filhas ao jardim do Luxemburgo. Leonor e Leonidia a procuraram por toda a parte, ellas ambas que tinham vindo com a esperança de gozar da gratidão de sua protegida, não podiam occultar a contrariedade que sentiam.

—Maria não veiu, mamã, diziam ellas com lagrimas nos olhos, e voz suffocada; é uma ingrata.

—Se eu tivesse adivinhado que ella era assim, dizia Leonidia, nada lhe teria dado.

—Devemos fazer o bem por amor do proprio bem, minha querida, disse-lhe a mã com doçura, e não para obter uma recompensa. Que importa que Maria seja uma ingrata? Tu nem por isso dexaste de praticar uma boa acção que Deus, que tudo vê, te ha-de levar em conta.

A pedido de suas filhas Madame de Tourvel só muito tarde retirou-se, porém Maria não appareceu.

No mesmo dia, á hora de jantar Leonor e Leonidia ao sentarem-se á meza viram em cima de sua toalha um papel dobrado: abriamno apressadas; continha uma linda Cruz de ouro.

—Oh! que lindo mimo! exclamaram ambas.

—Já me não lembrava d'esse desejo, disse Leonidia.

—Mas eu de tudo me lembro quanto vos pôde dar prazer, disse o avô, em cujo veneravel rosto reverberava-se a alegria de suas netas.

Na quinta feira seguinte á tarde, Madame de Tourvel, que não tinha, depois do domingo, levado suas filhas ao Luxemburgo, foi com ellas passear.

Ao entrar, uma menina que a principio não reconheceram dirigiu-se para ellas.

Era Maria:—mais seus cabellos estavam penteados; seu vestido, sem ser novo, estava limpo; trazia calças e sapatos de Leonor.

—Sra., disse dirigindo-se a Madame de Tourvel, e desdobrando seu lenço que parecia embrulhar alguma cousa—aqui está uma bolça que achei no chão depois de vossa retirada no domingo em que me soccorrestes com vossas esmolos, se soubesse onde moraveis, já vol-a teria levado.

E tendo acabado de desdobrar o lenço, Maria tirou a bolsa azul, cheia de ouro e de prata, e entregou-a á sua benefitora, acrescentando—Perdoae-me se me não achei aqui no domingo passado, como me haviais ordenado, Sra.; mas a febre tinha de novo acommettido minha pobre mã n'este dia, e não podia eu sahir de ao pé d'ella.

—Coitada! disse em voz baixa Madame de Trouvel que não podia conter sua commoção; e eu a accusava!....

—De ingratidão! tornou Maria, a quem nem ao menos veiu á idéia de que a podiam ter suspeitado de haver furtado. Ah! Sra., eu o recejava, mas minha mã tanto estava padecendo....

—E como está agora? perguntou Leonidia.

—Melhor, Sra., muito obrigada, disse Maria. Graças á generosidade da Sra. vossa mã pudemos ter caldo toda a semana, e se minha mã não tivesse querido voltar tão depressa a seu trabalho (pois é costureira) não teria caldo. Mas o dinheiro estava para acabar; tinhamos pago o aluguel de nosso quarto na rua do Vau-gerard para irmos residir n'outro mais barato, e um pouco mais longe: tinha sido preciso vêr modos de ganhar dinheiro.

—Pericis podido tomar-me algum emprestado, minha filha, disse Madame de Trouvel sacudindo sua bolsa.

Oh! nada no mundo me teria levado a fazê-lo, Sra. disse Maria com um gesto de horror cheio de singeleza: já de tanto vos eramos devedores!

O fim d'esta historia, facil é adivinhal-o. Madame Guichard é hoje camareira de Madame de Trouvel, e Maria tem os mesmos mestres que suas protectoras.

EUGENIA FOA.

PRINCIPIOS

DE

MORAL, VIRTUDE, E CIVILIDADE.

(Marquez de Maricá.)

He necessario que nos habilitemos, para ser felizes. a felicidade sensual exige poucas habilitações, mas a moral, a intellectual e a religiosa reclamão um prolongado tyrocino de saber, experiencia, e virtude.

Ser religioso é o attributo mais honroso e sublime do homem sobre a terra: é por este predicado especialmente que elle se distingue de todos os outros viventes; erigindo templo e altares a Deos, elle tambem de algum modo se divinisa.

A vida humana sem religião, é viagem sem roteiro.

A religião é tão boa companheira na adversidade como excellente conselheira na ventura.

Maranhão.

TYP. MONARCHICA CONST. DE F. DE S. N. CASCAES. ANNO DE 1842.



MARANHENSE,

PERIODICO DE INSTRUCCÃO E RECREIO.

N.º 2.

SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO.

1842.

ANALYSE DA ESTAMPA.

A conquista do Mexico.

A intelligencia, acordando em fim do lethargo em que jazera por largos seculos, olhou em tórno de si, e pareceu-lhe espaço estreito este mundo onde haviam figurado gregos e romanos, onde o braço vigoroso do tempo, e o inquieto andar de revoluções, haviam feito baquear tantos imperios, cujas magestosas ruínas são ainda hoje o enlêvo do archeologico infatigavel; e como querendo novo theatro para glórias e experiencias, devassa o oceano immenso, cujos terminos não conhece, enjas tormentas assustam. Eis que do meio d'essas ondas selvagens e inhospitas surge como por encanto um mundo novo, onde duas vezes o sol dardeja os raios do estio, e duas vezes a primavera embalsamz os ares com a corda de flores que lhe adorna as tranças. Onde finalmente o genio das tormentas, em throno de gelo e neve, vê dos cabeços dos Andes a seus pés, na região das nuvens, formar-se o trovão, gerar-se o raio! Lá desses mananciaes de vida o Eterno debruça o Amazonas, que repele o orgulhoso o proprio oceano ao sahir da terra que fecunda; o soberbo Niagára, o Missisipi, o Orenoque, que ostentam galas em suas magestosas quedas, por essas solidões typo do mundo original, onde a natureza gera em seu seio o diamante, o ouro que deslumbra a Europa, e com mão liberal entorna todas as riquezas da vegetação, não só com as arvores gigantes que assombra a terra, mas tambem com a planta humilde, que contuplica e cresce sem cuidados nem fadigas nessa terra virgem. Porém se ali a botanica dilata seus dominios, enriquece seus cofres, pelo contrario a zoologia não vê, como nos antigos continentes, desenvolverem-se as corpulentas e nobres especies de animaes cheios de vigor e força. Mas como em indemnisação a natureza cria essa multidão de insectos e reptis, enlevo do naturalista e susto do viajante.

Christovão Colombo havia descoberto um novo mundo, e essa descuberta, que fa dar á Europa uma existencia toda nova, começou desde logo por mudar o curso ás paixões humanas. Antes de Colombo pizar o solo d'America, o nobre castelhano e o plebeo humilde aspiravam tão sómente a medir suas lanças contra os alfanges d'infieis. A ambição de um podêra dizer-se a ambição de todos, porque todos anhelavam pelo exterminio dos inimigos da cruz: mouros e judeos eram as palavras magicas que faziam revolver a Europa em seus proprios fundamentos. Mas em breve vai operar-se uma grande

revolução. Esses homens que haviam ousado atravessar mares até alli desconhecidos, esses homens que ao separarem-se de seus concidadãos lhes viram no rosto o riso da moía e da incredulidade, voltáram á patria trazendo-lhe por brinde a descoberta de uma nova parte do mundo. Esse novo paiz bem depressa mostra a novos aventureiros o precioso metal que esconde em seu seio, origem de tantos crimes, e os diamantes que rolam nas ondas de seus rios. Então emmudecem os brios de cavalleiros; esquecem-se votos de christãos; não lembram infieis; um só pensamento se agita em todas as mentes, um só desejo devora todos os corações, e esse pensamento e esse desejo, é a sede d'ouro. Porém para adquirir essas riquezas é necessario experimentar a inconsciencia dos mares, e talvez combater e conquistar. Mas embora, que um homem se alevanta para arrostar os mares e os combates, e esse homem é Fernando Cortez.

Escolhido por Vellasquez governador de Cuba para commandar a expedição aventureira, Cortez colloca-se á frente de 600 infantes e 18 cavalleiros, e com esta diminuta força arroja-se o atrevido hespanhol sobre as costas do Mexico (Abril de 1519). A sua apparição entre algumas tribus selvagens é seguida de constantes triunfos, que excitam o ciume de Vellasquez, que lhe forja mil obstaculos. Porém o intrepido Cortez triunfa dos estorvos que a inveja lhe oppõe, e avança até S. João d'Ulloa, onde Montezuma, soberano do Mexico, lhe envia magnificos presentes pedindo-lhe abandonasse o paiz. Mas os desgraçados Mexicanos ignoravam que a sua generosidade não faria mais do que inflamar a cubica d'aquelles que, apesar de suas dissensões, ousavam affrontar o poder da mais forte e belleciosa nação da America.

«Avante, pronunciou Cortez assim que desembarcou; avante, era a palavra que seus labios sempre proferiam, e para que essa palavra não fosse desmentida, o audacioso chefe faz incendiar todas as embarcações que o haviam conduzido e a seus companheiros d'armas. Desde então era forçoso vencer ou morrer, e os hespanhoes avançavam por um paiz ignoto confiados no chefe, que os guiava.

Cortez, ligado com algumas tribus selvagens inimigas de Montezuma, triunfa em Tlascala, ganha a cidade santa de Cholula, lança os fundamentos de uma povoação que deve ser um dia a populosa cidade de Vera-Cruz, varre o paiz com ferro e fogo, e assoma ás portas da capital do Mexico como um espectro para quem não vallem resistencia! (Novembro de 1519).

Esses castellos de madeira que os haviam conduzido sobre o vasto oceano, e que pareciam desafiar a furia dos elementos; esses animaes aguerridos em que montavam os chefes; o ferro de que os hespanhoes se vestiam; esse trovão artificial que se formava entre suas

mãos, e que desprendia o raio; suas marchas, que se contavam por outras tantas victorias; e sobre tudo a audacia de tão pequeno numero de homens, que se atreveram a penetrar com mão armada no coração do mais formidável imperio, eram tantos objectos de admiração para esses povos, que estupefactos á vista de taes prodigios, reputam os invazores, filhos do deos da luz! Montezuma sáe ao seu encontro, e os recebe como a seus senhores; e o povo cheio de veneração os appella *teules*, deozes!

A pompa oriental que o monarcha mexicano ostentou nesta occasião, e o brilhante cortejo que o cercava, enchem de espanto os hespanhoes, já extasiados á vista da cidade do Mexico, que vaidosa lhe mostrava suas douzadas torres. Elles julgavam encontrar sómente em todo o seu transitto essas tribus nomades, que os viram aportar ás praias d'America; acreditavam que em todo aquelle paiz veriam, como ao principio viram, o rei da criação, o homem, mesquinho e apoucado como na infancia do mundo, arrastar uma vida selvagem e miseravel, sem conhecer a industria e o trabalho, as artes e a propriedade, gozando apenas em commum os bens que a natureza espontanea com elle reparte. Porém a corte de Montezuma dissipa todas essas illusões. Os hespanhoes ahi entram como amigos, e olhando em torno de si veem todos os indícios que caracterizam um povo civilisado. Um principe, descendente de principes, sentado num throno radioso e acatado, no meio de uma poderosa aristocracia, cercado do esplendor da magestade, e fazendo-se obedecer de uma á outra extremidade de seus immensos estados, mostra aos hespanhoes assumbrados uma monarchia constituída como na sua Europa. Os sacerdotes, servidores de um culto supersticioso e barbaro, se bem que reconheciam a divindade e o dogma consolador de uma vida melhor, formando uma classe distincta e respeitada, presidida por um summo pontífice sempre de sangue real, apresenta o quadro completo de uma religião. Os templos sumptuosos e palacios magníficos, onde resplandecia o ouro e pedraria por entre columnas preciosas e mil delicados labores, offerecem pelo progresso das artes o aspecto brilhante da civilisação. E finalmente, as pontes de pedra, os mercados, em que abandonavam os productos de agricultura, e o systema das trocas, porque desconheciam o uso da moeda e seus beneficios resultados, faziam ver aos estrangeiros absortos uma nação organisaada, que exercia com alguma perfeição muitas artes necessarias á vida, e até não poucas das que gera o luxo.

Prodigialisava-se aos hespanhoes uma especie de adoração, e se a amizade era estranha aos actos de respeito que lhe testemunhavam, um sentimento religioso impelia os mexicanos a prostrarem-se a seus pés. Porém a corte de Montezuma, familiarizando-se pouco a pouco com seus hospedes, ou sou tracta-los como membros da familia humana. Cortez, começando a arrepende-se da imprudencia que o levou ao seio de uma cidade inimiga, onde tão facilmente o podiam vencer, concebe o arrojado pensamento de se apoderar de Montezuma, e guarda-lo como em refem: e este principe infeliz, procurando desfazer-se de um inimigo que não se atrevia a encarar de frente, apressa a execução do projecto terrível. Os poucos hespanhoes que haviam ficado em Vera-Cruz sam atacados repentinamente pelas tropas de Montezuma, mas sahem victoriosos perdendo apenas quatro homens mortos no combate. Os mexicanos apezar de derrotados animam-se com a morte desses quatro inimigos, e levam em triunfo a cabeça de um d'elles á presença da corte, como para a convencer de que os castelhanos não eram isentos da morte. Então Cortez arreemessa-se com seus soldados ao palacio real; a sua audacia torna os mexicanos extaticos; sem difficuldade con-

duz o monarcha prisioneiro para o seu quartel; obriga-o a entregar-lhe os que haviam atacado Vera Cruz; constrange-o a pagar um tributo annual, e a reconhecer-se publicamente vassallo de Carlos 5.º; e por fim lança algemas n'aquelles pulsos, que empunhavam o sceptro do mais poderoso imperio d'America, como um general que pune o simples soldado!... O desgraçado Montezuma, que até ali presidira aos destinos de uma grande nação; que sempre obedecido ignorava o que era temor, curva-se ante o homem de genio que dest'arte obtem a soberania do Mexico! (1520).

Cortez tem correspondido á confiança de seus soldados: não ha perigo que não tentia afastado; não ha obstaculo que não tentia vencido! Mas o cioso governador de Cuba, o invejoso Velasquez, temendo um rival, envia Narvaes a combater seus proprios irmãos. Avizado da sua chegada Cortez corre ao seu encontro, e tem o prazer inesperado de ver as tropas do seu antagonista reunirem-se ás suas. Com este reforço volta sem perda de tempo sobre a cidade do Mexico, e a guerra começa com encarnicamento, porque os mexicanos venceram se finalmente que era mister combater, para defenderem seus deoses, sua liberdade e seus bens. Montezuma é bem depressa victima da sua sujeição aos hespanhoes: no momento em que arengava aos seus para deporem as armas, cõe ferido mortalmente por uma pedra arremçada d'entre a multidão do povo, que não via nelle mais do que o escravo dos seus oppressores. Os mexicanos sentem renascer-lhes a coragem; elegem para seu soberano o famoso Guatimozim, sobrinho e genro de Montezuma; e commandados por este principe precipitam-se sobre os hespanhoes, que são forçados a abandonar a cidade. A voz da religião havia resoado em todas as provincias, e os mexicanos corriam á sua defesa. Vai dar-se uma batalha geral; os hespanhoes rivalizam em valor, mas os seus inimigos cobrem immenso espaço de terreno. O rouco estampido da artilheria faz recuar as phalanges de Guatimozim, porém um estandarte sagrado tremula nas mãos do summo sacerdote, e esse estandarte obriga os mexicanos a voltar á peleja. A tomada da bandeira sagrada fará decidir da victoria; o chefe audaz arroja-se por entre o inimigo, como a aguilha sobre a sua preza, e arranca-lhe das mãos essa bandeira misteriosa. Os mexicanos perdem o alento; abandonam o campo; fogem para dentro da cidade; e Cortez victorioso, porém precisado de repouso, vai para Vera Cruz gozar o seu triunfo, e preparar-se para novas victorias.

Refeito das perdas que soffrera, o inatigavel castelhana decide-se novamente a marchar sobre a cidade do Mexico. Fazendo transportar em pedaços os barcos que mandára construir, torna-se senhor do lago, em cujas margens estava edificada aquella cidade, por meio da sua pequena esquadra. A este ousado projecto segue-se um assalto á cidade; combatem-a por mar e por terra; sam repellidos, mas a final o pavilhão de Carlos 5.º desdobra-se victorioso sobre o palacio dos Montezumas! e Fernando Cortez adorna-se com o titulo de *Conquistador do Mexico*.

Então os soldados de Cortez cobrem o paiz de atrocidades enauditas: Guatimozim e o summo sacerdote sam lançados sobre carvões accezos, para revelarem em que parte haviam escondidos seus thesouros. A coragem deste principe desditoso em tão horrivel transe é digna de admiração. Nem um queixume, nem um al se quer proferiam seus labios durante o horroroso supplicio! nenhum vislumbre de desesperação lhe assomava ao rostol parecia que no coração se lhe haviam concentrado todos os sentimentos d'alma! E quando ao seu companheiro no sacrificio escapáram algumas palavras de dor, o principe lhe disse com uma nobre altivez: „ e eu estou sobre um leito de rosas?!

ROMANSES.

Um casamento em 1814.

Barbaras eram as tribus selvagens que viviam em torno do Mexico, e que se banqueteavam com os membros despedaçados dos prisioneiros, que em suas guerras faziam, no meio de danças e folguedos, offerecendo á Europa um quadro terrível da humanidade em sua infancia, degradada e abatida, não tendo do homem mais que a figura, o instincto, e as paixões brutaes. Barbaros eram os costumes religiosos dos proprios mexicanos, que inundavam de sangue humano o altar de seus deoses; mas ahi que esses que rompiam as ondas do oceano; que se intitulavam christãos, e que pizavam essa terra de ignorancia dizendo plantar a cruz e a illustração, mais ferozes ainda ahi levaram o exterminio, a morte e a rapina. Os ferros da escravidão opprimiram os pulsos do habitante da America, e suas numerosas tribus quasi que desapareceram da face do paiz que Colombo mostrara aos hespanhoes, e que elles armados do ferro e do trovão calcaram com pé sacrilego. Debalde uma voz se alevanta para reivindicar os direitos do selvagem oppres o. Las Cazas, Apostolo da humanidade! teu zello é impotente, e teus exforços baldados para destruir a oppressão que gerara o interesse e a sede de ouro. O indio expirará na escravidão e nos tormentos que lhe prepara o aventureiro hispano... em quanto este, empunhando á cruz de Christo, emblema da paz e do amor do proximo, rasga as veas desses a quem chama barbaros, para deso-brir o ouro atravez do sangue de seus semelhantes!...

Paginas de luto: paginas tintas no sangue dos innocentes foram os factos que os hespanhoes legáram á historia depois da conquista do Mexico. E parecendo-lhe os mexicanos ainda pequeno objecto para tão grande furor, voltáram sua raiva até para os monumentos magníficos, que sam destruidos, assim como todos os vestigios da sua antiga historia, pelo fanatismo de Zumaraga, primeiro bispo d'aquella região!!!...

Cortez governou, o Mexico por algum tempo, e durante o seu governo fez exforços para reprimir as vinganças de seus soldados. Obrigado a voltar á Hespanha para rebater as intrigas de seus adversarios, o grande capitão veiu prezenciar o triunfo de seus inimigos; e o conquistador do Mexico, a quem foram fechadas as portas do palacio de Carlos 5.º, morreu victima da inveja de seus compatriotas e da ingratição de seu soberano (1547).

Rarissimos cidadãos tem obrado tanto prodigios de valor, e feito tão grandes sacrificios pelo seu paiz, como Fernando Cortez pela Hespanha. Elle não só lhe deu a posse de paizes immensos, mas também thesouros, com que por largos tempos se sustentaram as emprezas da corôa de Castella. Porém esses mesmos thesouros, envenenados pelo sangue de tantos infelizes que a raiva dos conquistadores immolou sobre o altar da cubica, parecem ter vingado o solo onde nasceram. Elles não tem produzido na Hespanha, como em Portugal o ouro do Brazil, a felicidade, a riqueza, e a prosperidade publica. Atrahindo para essa fonte de riquezas com magico engodo o cidadão util, o lavrador, o artista, todos aquelles que cheios de vigor e talento podiam illustrar a patria, preparavam á esta morte lenta, que se ia definhando abandonada, deserta de cidadãos, pobre de agricultura e de industria, em quanto seus filhos corriam ao novo Mundo a procurar uma terra estranha, onde medravam crimes e ignorancias, sem civilisação nem virtudes, curvando-se ante o despotismo dos governadores, e esquecendo a patria, onde poderiam ser ricos de bens reaes, felizes da felicidade que gera o patriotismo, a illustração, e os exforços de um governo paternal, que conhecesse seus verdadeiros interesses.

(Do Universo Pittorresco.)

O general D... era d'esses homens novos que assentando praça de soldado em 1792 alcançáram grande reputação e valimento no tempo do consulado e do imperio pela sua distincção no campo da batalha. Era energico, mas apenas embainhava a espada era docil, e facil d'enganar como uma criança. Ha muitos homens assim, concentrão todas as suas faculdades n'uma, e quando saem da sua rotina, qualquer se apodera da sua vontade pouco firme. Assim accoteco a Moreau, a sua fraqueza o perdeo, e foi por cauza d'ella que morreo combatendo contra a frança. O general D... casou por inclinação quando era alferes, e assim como Moreau era guiado por sua mulher; felizmente ella não o acompanhava em campanha, e porisso a reputação do militar cresceo sem obstaculo. Napoleão enriquecia aquelles que o servião bem; em 1814 o general D... a par de uma enorme riqueza tinha um nome que muito figurava nos fastos gloriosos de França; voltou para Paris para a companhia de sua mulher e seo filho, o qual em consequencia da queda do Imperador via interrompida a carreira a que se dedicára. Se o general tivesse seguido a sua inclinação, houvera pedido a sua reforma, retirando-se para as suas fazendas; mas sua mulher lhe mostrou que ainda era moço e que ao menos em attenção a seu filho, devia vencer uma repugnancia pueril. Napoleão perdeu se por sua culpa, dizia ella; os Bourbons querem chamar a si o exercito. Porque razão não has de seguir o exemplo dos marechaes; porque razão has de pedir a tua reforma quando muitos agora é que pretendem entrar para o exercito? Os homens do imperio não tem perdido os beneficios que lhe prodigalisou Napoleão; conservão-nos os nossos titulos, reconhecem a nossa nobresa nova; não façamos a loucura de abdicar.

O general deixou-se vencer, e com muito vagar arrancou do chapeo o laço tricolor, poz um branco, e apresentou-se no paço.

Fez-se n'esta época uma reacção singular na sociedade; os vencedores recuarão diante dos vencidos, e procuráram a sua aliança. Aquelles repetião grandes nomes esquecidos, estes citavão Marêngo, Wagram, Austrelitz, etc. etc. De nada servio levantar de novo a estatua de Henrique 7.º Napoleão fazia esquecer este grande nome. A antiga nobresa, com a habilidade que a distingue, comprehendendo este sentimento nacional, e abriu os braços á nobresa nova. A mulher do general vendo estas alianças, pensou logo em seu filho, e lançou logo os olhos para uma menina filha de um antigo fidalgo da Bretanha, que tinha grande valimento no paço; não era rica, mas era formosa e protegida pela duquesa de Angoulême. Quando a mulher do general fallou n'este casamento a seo marido, recusou elle logo, porque sentio ainda um resto d'aquelle enthusiasmo republicano, que o fez estremer só com ouvir o nome de um realista.

—Meo filho é muito moço para se cazar: e que mulher lhe escolhestes? uma vendeana!

Madame D... não esmoreceo, tornou a carga pela manhá, á noite, até que a final o general cedeo: foi então a mãe fallar ao filho. Napoleão era o nome d'este filho, era tenente da guarda real de Luiz 18. Rapaz amavel e acanhado que tinha abraçado a vida militar em consequencia da posição em que se achava a sua familia: não conhecia bem o genio do paé, porque desde a infancia tinha vivido longe d'elle, e por isso nunca lhe

grande respeito. Madame D... chamou o filho á parte e disse-lhe:

—Napoleão (tenho até medo de te dar hoje este nome) achei um meio de te introduzir na nova corte, com as mesmas vantagens com que te houvera introduzido na antiga: não se alcanção hoje postos no campo da batalha, é tudo devido a empenhos, não ha outro remedio senão resignar-se a gente a isso: quero casar-te.

—A mim, minha mãe? exclamou o mancebo.

—Sim: sei muito bem que vida é a tua: no quartel da guarda pensão que dormes em casa de teu pae; e aqui dizem que tu dormes no quartel da guarda, e sabe Deus onde tu passas a noite; nestas coisas se não deve intrrometer uma mãe... Mas olha meu filho, que se trata do interesse de nós todos. Além d'isso teu pae assim o quer.

Com estas palavras—*teu pae assim o quer*—dominava Madame D... seu filho á sua vontade; com estas palavras o obrigou ella a assentar praça na guarda; com estas palavras abaixou elle a cabeça, e deo um consentimento tacito ao casamento que estava projectado.

Encontrarão-se os noivos; o joven Napoleão ficou mudo, a fidalga acanhada; mas com uma mulher como Madame D... o negocio devia andar depressa. A mulher do general tinha muita vontade de ser convidada aos bailes da duquesa de Angouleme, e aparentar-se com uma familia que descendia de Duguesclin o Cisson; trez semanas não erão findas já o contracto estava feito, os banhos publicados, e só esperavão pela occasião em que o arcebispo de Paris quizesse casal-os. O rei e os principes devião assignar o contracto. Muitas vezes o general conhecia a sua fraqueza, e se envergonhava do que se passava. O voluntario de 92, o amigo de Hoche, dar seu filho a uma vendeana! Qual das duas familias devia perder as lembranças do passado? A sua? Ou aquella para a qual hia entrar? Fugia de seu filho, que contra sua vontade tinha entrado para a guarda real, e que elle julgava de boa fé ser o instigador d'este casamento, porque Madame D... enganava ao mesmo tempo o pae e o filho.

Todavia o joven Napoleão estava cada vez mais magro; tinha uma febre lenta d'essas que resistindo a todos os remedios levão á sepultura. O general conheceo o estado de seu filho, e fallou n'isso á mulher.

—Senhora este rapaz está doente, pediu licença no regimento e o capitão disse-me no outro dia que nem podia montar a cavallo.

—Para casar não tem necessidade de hir a cavallo, replicou ella.

Chegou com effeito o dia do casamento. O general costumava levantar-se muito cedo, como se estivesse em campanha, e estava no seu gabinete quando o creado lhe veio annunciar uma visita: era um soldado velho que lhe queria fallar.

—Que entre disse o general.

Abriu-se a porta e entrou um soldado com uniforme dos veteranos; trazia tres galões de sargento n'uma manga, e a outra vazia sem braço; era d'esses restos de uma batalha, cujo rosto toma uma côr de bronze, tão bem imitado pelo pincel de Venat. Apenas vio o general fez logo a continência militar.

—Camarada, lhe disse o general, pondo a mão n'um cartucho de napoleões que tinha em cima da mesa, que pertendes de mim?

—Conhece-me meo general, replicou o soldado?

O general olhou para elle com attenção, e confessou ingenuamente ao invalido que se não lembrava d'elle.

—Pois, meo general, fomos da brigada 32; fostes meo alferes no Rheno e Moselle; meo capitão no acampamento de Bolonha. Entrastes então para o estado maior, e nunca mais nos vimos.

—O meu Deus! é Gervais! disse o general abrindo os braços ao seu antigo camarada.

—Justamente sou Gervais sem mais nem menos.

—Ora vamos, Gervais, disse o general depois de ter apertado nos braços, o que queres? Queres que te proteja algum requerimento na secretaria da guerra? Estou vendo que pedes augmento de soldo.

—Nada d'isso, meo general, venho-lhe pedir meo queira fazer o obsequio de brigar comigo.

—Brigar comigo!

—Se o meu general ainda é francez, e não tem medo d'uma cutilada; a differença de patentes não faz nada ao caso.

—Estás doudo, Gervais, então o que é isso?

—O caso é este, meo general; estou no hospital dos invalidos, por causa d'este braço que saio da manga, e por isso não posso cuidar de minha filha como queria.

—Tens uma filha?

—A mais bonita rapariga de Pariz, disse o soldado chorando, bem comportada, tinha todas as qualidades que se requerem na filha de um veterano da guarda imperial, quando desgraçadamente encontrou um homem...

—Mas que tenho eu com isso....

—Esse homem é vosso filho, meo general, um homem da guarda real. Se ella me tivesse contado tudo, ter-lhe-ia dito—deixa-te d'isso Luiza, as filhas dos soldados não devem namorar os filhos dos generaes; elles cazão com fidalgas, não querem costureiras. Mas ella não me disse nada; não sube de tudo senão quando as cousas já não tinhamo remedio, e quando elle estava para se casar com a filha de um vendeano.

—E então para que queres brigar em lugar de pedir outra reparação? Porque vens ter comigo em lugar de ir procurar meo filho que é o unico criminoso?

—Eu vol-o digo, meo general, é porque estou desesperado, e hei de por força desabafar com alguém. Disse á minha filha, estás perdida, deshonrada. Ella tem alma grande, entendo-me; n'este momento chegou vosso filho: é necessario fazer-lhe justiça é um bom rapaz; tem verdadeiro amor á Luiza; e o casamento que se prepara não é do seu gosto... Fallarão por algum tempo ambos em segredo; bem entendi o que querião dizer, e á estas horas está tudo acabado... ficamos nós.

—Como desgraçado, um suicidio! meo filho!

—Em guarda, meo general, mate-me que já não tenho filha.

O general tornou repentinamente á sua actividade, e firmeza do tempo da guerra, tocou a campainha, pediu que lhe apromptassem o carrinho, e um momento depois estava já com o soldado á porta de Luiza.

—Chegaremos a tempo? dizia elle tremendo. Arrombarão a porta, e os dois pais entrarão rapidamente no quarto; os preparos para o sacrificio estavam feitos, mas as victimas ainda não querião morrer: estavam escogitando outro meio de abrandar o general, obriga-lo a consentir n'um casamento, quando os dois chegarão.

—Vosso filho, disse a rapariga, tem medo de vós, general, e morre por vos querer obedecer, e eu morro tambem porque o amo. Elle não pôde viver sem mim, a mulher que lhe destinaes cedo ficará viuva.

O amante estava mudo, baixando os olhos diante do pai.

—Mas porque me não disserão isso tudo: como é que um filho dispõe de si sem licença de seu pai, disse o general, e virando-se para o invalido, e tu Gervais, que me conheces do campo de Bulonha, não te lembras da ordem do dia do Imperador que condemnou o suicidio, que declarava que o homem que se mata é um covarde?

—Não pensei senão na deshonra de minha filha. re-

*A Ninfa Eco prantos lastimosos;
Ignez, por quem a Fonte dos amores
Derrama eternas lagrimas afflicta,
Ainda outra vez surge na scena,
E, quem não ferreo for, chòre seu fado!
Ah! que o Amor e o Throno poucas vezes
Com as Graças unir praser conseguem;
Alcançao raras vezes ser felizes;
Inculto antes Pastor fosses, oh Pedro!
Antes, Ignez, inculta camponeza;
E, sem Thronos esperar, Sceptros, Dominios,
Fora Pedro feliz, Castro ditozal....*

*Li no Throno dos seus Affonso egregio
Gozava, por esplendidas campanhas,
O nome de guerreiro altivo e fero;
E o Povo Portuguez d'Affonso á sombra,
O descanso da Paz, dos bens origem;
Quando extremos de Amor, que sempre (ou quasi)
—Principios doces tem, tem fins amargos;—
Extremos de paixão forte, invencivel,
Peiro (chamado-lhe o Crú) a Ignez enliação!...
O cuncto ainda Amor talvez que fosse,
Ou só depois de morto Affonso alçára
O segredo seu vò, e Ignez seria
Dos Lusos marciaes gentil Sobrana;*

*—Mas... quanto podem Cortezãos soberbos! —
Sereil adulação tudo revella,
De hum Potentado aos pés curva-se o Monstro
Venal, bilingue, e fiel somente
Ao vil interesse dos Palacios Nume!...
Por elle, sabe Affonso o Amor de Pedro,
E que fructos de Pedro e Castro existem;
Arde em furias Affonso, vendo opposto
Consortio, que Hespanha não tolera,
E o par Hespanha já roto, desfeito;
Rebram de furor quando, se afferrão
Aos laços conjugacs Ignez e o Principe!*

*Em vò da linda Ignez o rosto inerte,
Mas, de pranto armada, por hum pouco
Applava do tremendo Affonso as iras:
A Lizorja saza de Amor zombanda,
Os Aulicos sereiz d'Ignez triunfão.
E Pedro sobre Ignez sem cor, sem vida
Pondo os olhos, oh Ceos! de horror delira,
Urta de raiva e por Ignez protesta
Dos algozes d'Ignez ser o Verdugo!..*

*Oh! vós, os que fallais d'Ignez o idioma;
Lusos sensiveis, ternos Brasileiros;
(Alguns de vós talvez lestes seu nome
En padroes que a Scudade lhe levanta
Lá no Solo d'Athenas Lusitana,
Da fastozza Coimbra monumento!) (*)
Memoria, qual mereca, consagrai-lhe
Perto da Scena em lagrimas ardentes:
Chorem os vossos Corações myviozos
D'Ignez de Castro os lances dezastruos!*

SONETOS.

*A trinta e cinco reis custa a pescada:
O triste bacalhão a quatro e meio;*

(*) Alude-se ao Monumento, que Nicoláo Trant the
chamou origin.

*A dezesseis vintens corre o centeio:
Do verde a trinta réis custa a canada.*

*A sete e oito tostões custa a carrada
Da torta lenha, que do monte veio:
Vende as sardinhas o galego feio
Cinco ao vintem; e seis pela calada.*

*O cujo regatão vai com excesso,
Revendendo as pequenas iguarias,
Que da pobreza são todo o regresso.*

*Tudo estí caro: só em nossos dias,
Graças ao Céu! Temos em bom preço
Tremóços, Excellencias, Senhorias.* (Paulino Cabral.)

A Dom Miguel.

*«Avante! calca o Povo Lusitano!
«Punco da culpa de te crer sincero;
«Sê doce aos crimes, á virtude austero;
«E o throno assenta no terror no engano.*

*«Nem vestigio, se quer, já tens d'humano;
«Em poucos dias excedeste a Nero;
«Filho algoz, vil Cahim, perjuro, fero,
«Parabens! triumphaste, impio Tiranno!*

*No hymno das Furias teu applauso é este;
E se cabe o praser no abysmo eterno,
Monstro dos Monstros que praser lhe deste!*

*Mas vela sobre nós Juiz Superno.
Se ao som dos ais da Patria adormeceste
Ao som do raio acordarás no Inferno.*

Antonio Feliciano de Castilho.

*O seguinte soneto é de Violante do Céu, nasceu em
1631 e morreu em 1693—Freira da Ordem de S.
Domingos, em Portugal, grande talento musical e
poeta d'aljám merecimento.*

*Que logras Portugal? Um Rei perfeito.
Quem o constituiu? Sacra piedade.
Que alcuñastes com elle? A liberdade.
Que liberdade tens? Ser-lhe sujeito.*

*Que tens na sujeição? Honra, e proveito.
Que é o novo Rei? Quasi deidade.
Que ostenta nas accões? Felicidade.
E que tem de feliz? Ser por Deos feito.*

*Que eras antes delle? Um labirinto.
Que te julgas agora? Um firmamento.
Temes alguém? Não temo a Parca.*

*Sentes alguma pena! Uma só sinto,
Qual é? Não ser um mundo ou não ser cento.
Para ser mais capaz de tal monarca.*

—A D. João 4.º de Portugal.

*Epitaphio d'Affonso d'Albuquerque por Pedro d'An-
drade Caminha.*

*Um corpo aqui se guarda governado
Em outro tempo d'um tão claro Espirito:*

Que nunca poderá ser igualado
D'humano canto, ou de mortal escrito.

Afonso d'Albuquerque foi chamado,
De quem levanta a fama immortal grito,
De Reis vem, Reis honrou, a Reis venceo,
E de seu nome a todo o mundo encheo.

Discripção de Echo pelo mesmo.

Para mim não, para outros tenho vida,
Não tendo corpo, occupo grandes valles;
Não ouvindo, respondo a bens, e malles;
Sem nunca vista ser, sou conhecida:
Lugar proprio não tenho, e em muitos ando,
Nisto fui transformada d'impreviso
Do amor, que a meu amor nunca foi brando,
Foi meu nome Echo, e meu amor Narciso,
E minha morte, a morte de Narciso.

O PREJURO ARREPENDIDO.

LYRA.

1.º

Cruzo escuros densos bosques,
Subo rochas escarpadas,
Sigo, em vão, pelas pisadas,
Lília em fim não posso achar.

2.º

Sinto a terra convulsiva
Meu prejurio condemnando,
Vejo o Ceo de quando, em quando,
Contra mim raios vibrar.

3.º

Mil remorsos me laceram,
Lília bella.... bem amado....
Serena escuta um desgraçado,
Vem pôr termo ao meu penar??...

4.º

Já serena a tempestade;
Já não brama em furia Eolo,
Já d'um pollo, a outro pollo,
Vejo Phebo caminhar....

5.º

Justo Céu ouvio meus ais,
Findou minha desventura.
Junto á Lília elle me angura:
Doce paz vou desfrutar.

6.

Nova chamma no meu peito,
Meigo affecta mais até,
D'Hyménico aurea cadea
Jonio, á Lília vai ligar,

Bella Lília, teu esposo.
Jonio em fim podes chamar.

CHACADAS.

1.º

Ao filho de Clímene assim dizia
Perseo em quanto em pedra o convertia. } 1
Taes Archimedes os membros amostrava, } 1
Lá quando a Coroa d'ouro decifrava.
Ideas de prazer e de loucura:
E' decantada a minha formosura.

2.º

Eu sou um Deos Fabuloso, -1
E nas cantellas preciso; -2
E se alguém assim me chama,
Julga-me pouco juízo.

3.º

O mais branco é o melhor -1
Mantem-se d'erva e de flores; -2
Sirvo de apelido a algum,
He bom para os bebedores.

4.º

Largo sou, e sou mui velho -1
Eu d'homem sou appellido: -2
Animal menor que a lebre;
Lá nos Alpes conhecido.

ANECDOTAS.

O Duque de Borgonha e um dos seus subditos.

Filippe, Duque de Borgonha, entrando desfarcado em uma taberna, ouviu um homem que dizia mal d'elle. O Duque dando-se a conhecer, o homem, confuso e arrependido, lhe pediu perdão: o Duque perdoou-lhe sem custo, e deu-lhe o seguinte conselho:—Não fales nunca dos Principes; porque se dizes bem, mentes; e se dizes mal, expões-te á grandes desgraças.

Frederico 2.º e o Granadeiro.

Frederico 2.º, estando para dar uma batalha, tronxerão-lhe um granadeiro que tinha desertado havia dois dias—Porque me deixastes tú? (lhe dice o Rei) Porque os negocios vão muito mal Snr. (respondeu o granadeiro, que era Francez). Muito bem, (replicou Frederico) batemo-nos ainda oje, e, se eu for vencido, amanhã desertaremos ambos.—E elle mandou o Soldado para o seu Regimento.

Frederico venceu, e nenhum dos dois desertarão.

O bello espirito.

Ha 3 cousas, dizia um bello espirito, de que eu

sempre tenho gostado muito, e que nunca entendi:—a pintura, a musica, e as mulheres.

O Marido e a Mulher.

Hum sogeito que acabava de fazer uma longa jornada, depois de ter ceado, foi-se deitar com sua mulher, a quem disse que não conversasse com elle durante a noite, porque estava muito fatigado, em consequencia de ter vindo pela posta. Passados alguns dias vindo passear com a sua cara metade, e vindo no pateo de sua quinta o gallo deitado ao sol sem fazer caso das galinhas, que estavam perto de elle, disse á mulher: o que terá o nosso gallo, que está tão adormecido ao pé das galinhas?—Eu não sei meu amor: (respondeu a mulher) talvez elle fizesse alguma jornada pela posta.

O Moleiro.

Indo dois sujeitos por huma estrada, encontráram hum moleiro que conduzia trez cavallos carregados de farinha, e querendo mette-lo a humna, he perturbado porque razão o cavallo de diante era tão gozdo. O moleiro, reconhecendo hum delles, que tinha sido seu Procurador, lhe respondeu:—he porque o primeiro he Procurador, e os outros são seus constituintes.

As demandas.

Hum demandista dizia que sabia melhor das demandas em que não tinha juiza do que as pedras em que a tinha; e dava a razão:—he que tanto não tinha juiza a comprava, e que quando a tinha se fazia nella, e se achava enganado.

VARIEDADE.

HUM QUI PRO QUO.

Era uma segunda feira, dia aziago por excellencia, quando um tal fulano Joubert, jornalista de profissão (he cousa diferente de jornalista, mas muito pouco) pelo fim da tarde se pôz a caminho para sua casa, rua des Billettes em Pariz. Em consequencia de algumas garrafas de tinto, de branco e de amarello, que elle tinha despejado antes de recolher-se, taes modificações havia soffrido o seu raio visual, que nenhum dos objectos que o cercavão parecia tranquillo no seu lugar, como todos os dias antecedentes, e ainda mesmo no momento em que tinha sahido de casa. Os edificios dançavão, as pernas torcião-se-lhe, a rua fazia nelle o mesmo effeito que a coberta de um navio com mar alto. Numa palavra, o pobre homem, perfeitamente enjoado, como n'uma viagem de mar, andava em busca de sua casa, fazendo curvas e descrevendo cambetas, até que perdeu de todo a tramontana nas paragens semidesertas dos arredores do Marais.

Não obstante isto depois de muitas marchas e contramarchas, lá se pôde até certo ponto orientar, e pareceu-lhe reconhecer a sua rua de uma maneira positiva. Entrou pela porta, subio a escada, trepou ao terceiro andar, e metteu no buraco de uma fechadura uma chave que tirou da algibeira. A malhada chave, porém, nem para traz, nem para diante queria dar volta. Zau-

ga-se o homem (e o caso era para isso), dá um enorme pontapé na porta, arromba-a, entra para dentro, despe-se ás escuras, e deita-se mais commo-lamente do munto n'uma cama que lhe parece ser a sua.

Adormeceu no mesmo momento, e faça Deos bom tempo. Porém o caso era que, em lugar de estar na rua des Billettes, estava na rua de la Perle, e que a cama em que estava deitado pertencia aos conjuges G...

Pelas onze horas da noite chega do theatro a dona da casa com uma lanterna de furta fogo na mão. Não deixou de se espantar quando achou a porta aberta de par em par; porém supoz que seu marido se teria recolhido primeiro, e nessa idéa ficou, quando viu um vulto dentro da cama, que bem mostrava ser cousa macho. Arranjou muito de mansinho o seu toucado nocturno, compoz a lamparina e descobrio a cama para se deitar. Foi sómente neste momento que reparou que o tangalhão que lá estava não era seu marido, nem para lá caminhava. Imagine cada um o susto em que ficaria. Deu um grito que estrugio tudo.

Aos gritos da mulher, acordou Joubert; porém vendo agitar-se indistinctamente diante de si uma figura humana, julgou que os ladrões lhe tinham entrado em casa, e entrou a berrar com quantas forças tinha. Aco-dem logo os vizinhos, e por cumulo de desgraça chega também o marido.

Não ha palavras com que se possa explicar o furor que se apoderou do honrado homem, quando achou um substituto na sua cama e sua mulher quasi nua. Afirou-se como um damnado ao offensor, e nada menos se propunha do que esgana-lo. He facil de ver que a desordem, em lugar de se accomodar por esta maneira, pelo contrario, se augmentou de uma maneira horrivel.

A final acudio a guarda vizinha, que tomadas as informações do caso, vio logo de que se tratava. Marido e mulher ficaram tranquilos em sua casa, fizeram a cama de novo, e lá passarão a noite como poderão; porém o pobre Joubert, teve de ir reflectir no corpo da guarda sobre a sua aventura, e não podia comprehender o motivo de semelhante transtorno.

He muito provavel que no dia seguinte estivesse com as idéas mais claras, e que o negocio lhe parecesse menos mysterioso. O ar da manhã he excellente para desassombrar o juizo.

(Gazette des Tribunaux.)

PRINCIPIOS

DE

MORAL, VIRTUDE, E CIVILIDADE.

(Marquez de Maricá.)

A religião he necessaria ao homem feliz para não abusar, ao infeliz para não desesperar.

Não ha maior nem peor tyrania que a dos mãos habitos inveterados.

Não ha escravidão peor, que a dos vicios e paixões. O trabalho he amargo, mas os seus fructos são doçes e apraziveis.

Muito se perde por falta de intelligencia, porém muito mais por preguiça e averção ao trabalho.

A ignorancia, exagerando a nossa pouca sciencia, promove a nossa grande vaidade.

Ha males na vida humana, que são preservativos de outros maiores, e muitas vezes occasionão bens incalculaveis.

Os bons presumem sempre bem dos outros; os más, pelo contrario, sempre mal; uns e outros dão o que tem.

O sentimento mais nobre e feliz da natureza humana é sem duvida o do amor e temor de Deos.

Para repellir injurias basta o silencio de quem não se faz della merecedor.

—Um soberano desprezo é a resposta, que o homem de bem deve dar sempre á detractores e insolentes.

—O ridiculo é a arma favorita do vicio.

—A injuria excita a represalia, e arrastra aos excessos: o homem que não sabe conter a sua lingua, é incapaz de viver na sociedade, porque de ordinario perturba esta, sendo a causa da ruptura de todos os laços, que fazem o seu melhor ornamento.

—A actividade, e a conservação da intelligencia no momento do perigo, é uma das mais solidas e brilhantes provas da verdadeira coragem.

—O homem prudente deve formar dentro de si mesmo uma especie de solidão.

—Os promotores de desordens, e seus apologistas não tem por fim senão fundarem a sua fortuna particular sobre as ruínas da fortuna publica.

—Um povo não pôde conservar uma fórma de governo livre, e a felicidade, que resulta da liberdade, senão por uma adhesão firme, e constante ás regras da justiça, e da moderação.

—Devemos respeitar e obedecer a todas as authoridades, posto que estas se não mostrem com todas as qualidades, que as devem ornar, por que nisso vai o nosso interesse. Faltando ao respeito e obediencia ás authoridades, a sociedade se perturba, e gravissimos danos se segue a todos os seus membros.

—A vil ambição do mando presta auxilio á tyrannia, se deixa escravisar para dominar, entrega os povos para participar dos seus despojos, e renuncia a honra para obter dignidades e titulos.

Este mundo é um vasto e completo labyrintho em que o homem se perde e desatina, se a virtude o não dirige e acompanha.

O homem que não é indulgente como os outros, ainda se não conhece a si proprio.

Occupados em descobrir os defeitos alheios, esquecemo-nos de investigar os proprios.

O invejoso tem em si proprio o seu algoz, patibulo e supplicio.

Os más não podem viver em solidão, tem medo e horror de si proprio.

A economia, como o trabalho he uma preciosa mina de ouro.

O jogo, assim como o fogo, consome em poucas horas o trabalho de muitos annos.

Quasi sempre attribuimos os nossos revezes á fortuna, e bem raras vezes aos nossos desacertos.

Quem não espera na vida futura, desespera na presente.

A modestia é a moldura do merecimento que o garante e realça.

Nunca pioramos de fortuna, quando melhoramos de conducta.

O homem mais sabio é necessariamente o mais religioso.

As virtudes são economicas, mas os vicios dispendiosos.

Trabalhai, poupai, accumulai, sabereis quanto podeis.

Quem em Deos confia e espera, nunca desespera.

Uma velhice alegre e vigorosa, é de ordinario a recompensa da mocidade virtuosa.

Para quem ama e teme a Deos, não ha neste mundo completa desgraça.

Trabalho honesto produz riqueza honrada.

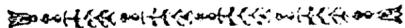
Nada conserva e resguarda a saude como a virtude.

As virtudes enriquecem, os vicios empobrecem os homens.

Quem atraiçoa o seu rei não he leal á mais ninguém.

—Os traidores na monarchia não são mais fieis na democracia.

—He facil governar os homens pelo terror mais difficil fazel-o por muito tempo, e impunemente.



ADVERTENCIA.

Não obstante ser-nos mister 300 assignaturas para cobrirmos as despezas infalveis deste Periodico, todavia com 118, que são as que temos, estamos a publical-o, e a nossa empresa terá o prometido curso; visto que despostos estamos a todos os sacrificios, com tanto que o Maranhão colha os resultados de uma publicação como esta. Despedimos de nosso serviço o Senr. J. L. Joubert, nosso primeiro Lithograffo; porem nem nós perdemos com isso, nem os Senrs. Assignantes; por quanto foi por nós chamado o Sr. Domingos Tribizj, Italiano de Nação, um dos melhores Retratistas que oje temos; e tanta facilidade tem o Artista que em poucas oras apresentou-nos o feliz resultado da Estampa que adorna este n.º: desnecessario é á vista d'ella tecermos elogios; porem a Lithographia será melhorada logo que nos cheguem o papel e tinta proprios, que brevemente esperamos de Portugal.

Maranhão.

TYP. MONARCHICA CONST. DE F. DE S. N.
CASCAES. ANNO DE 1842.

1 8 4 2

A G O S T O = NS. 3-4



João de Barros



MARANHENSE,

PERIODICO DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

N.º 3.

SEGUNDA-FEIRA 1.º DE AGOSTO.

1842.

ANALYSE DA ESTAMPA.

João de Barros.

—João de Barros, o grande historiador das nossas façanhas na Índia, nasceu em Vizeu no anno de 1496. Foi filho natural de Lopo de Barros, fidalgo de grande distincção, e neto de Alvaro de Barros, senhor do morgadio de Moreira, proximo á Braga. Seu pai, que teve grande privança com D. João de Menezes, camareiro-mor do principe D. João (filho d'Elrei D. Manoel), que depois veio a ser 15.º rei de Portugal e 3.º do nome achando-se proximo da morte, disse-lhe que todos os seus filhos se achavam empregados excepto um que tinha natural, filho de uma mulher nobre, e que assim lhe pedia que o recomendasse a el-rei. D. João de Menezes, satisfazendo os desejos do amigo moribundo, o apresentou a el-rei D. Manoel, que o admitiu em seu serviço no fóro de Mõço-Fidalgo, e o mandou instruir nas bellas letras.

Os progressos que em seus estudos fez o illustre bastardo fóram taes, que em poucos annos adquiriu nas linguas latina e grega, na geographia e na philosophia, aquelles vastos conhecimentos, que tanto ressumbraram depois em seus escriptos. Suas habilitações litterarias fóram logo recompensadas por el-rei, que o admitiu á companhia do principe na qualidade de guarda roupa do mesmo, graça que foi principalmente devida ás solicitações e poderio de D. João de Menezes. Nos instantes que o serviço do seu emprego lhe deixava desocupados, e tendo pouco mais de vinte annos, emprehendeu a sua primeira producção litteraria, que foi a chronica do imperador Clarimundo, historia fabulosa, em que mostrou não menos talento que eloquencia, na confeição da qual apenas gastou oito mezes. Estava el-rei D. Manoel na cidade d'Evora em 1520, quando João de Barros lhe apresentou esta obra, dizendo lhe que a fizera como ensaio que o habilitasse para escrever a historia de Portugal. Já el-rei tinha o pensamento de mandar escrever os feitos assombrosos, que os portuguezes haviam obrado na Índia, e assim satisfeito com a obra e com o autor encarregou-o de fazer essa historia. Não teve porém lugar sua nobre tarefa, porem morrendo el-rei no anno seguinte (1521), D. João 3.º pouco depois de subir ao throno o nomeou (1522) capitão de S. Jorge da Mina, praça que então tinhamos em Africa, para onde partiu nesse mesmo anno.

Já tinha casado em Leiria com Maria de Almeida, filha de Diogo d'Almeida, quando partiu para a sua capitania, donde voltou em 1525, anno em que el-rei lhe

remunerou os seus serviços d'África com o emprego de thesoureiro da casa da Índia, Mina, e Ceuta, lugar muito honorifico e de avultada renda, cujo exercicio, longe de o disviar de sua estudiosa applicação, lhe dava mais vagar e remanso para com mais afinco á ella se entregar.

Quando Lisboa foi devastada em 1530 pelo terrivel flagelo da peste, retirou-se João de Barros para uma quinta sua nas visinhanças de Pombal, chamada da Ribeira de Alitem, onde permaneceu em quanto durou a epidemia, entretendo-se em compôr a *Rhopica Pneuma* ou *Mercadoria Espiritual*, dialogo moral em que desenvolveu vastissimo saber. Voltando á Lisboa lhe deu em 1533 D. João 3.º o cargo de Feitor das casas de Guiné e Índias, e mais tarde lhe concedeu a capinania do Maranhão para a hir povoar de portuguezes, e assegura-la contra os indios: porém tendo naufragado na barra daquela cidade a frota em que elle hia, que era commandada por Ayres da Cunha, perdeu quasi todos os meios com que contava para executar as ordens de seu soberano. Assim falto de dinheiro e gente voltou para Portugal, onde chegou reduzido á mais extrema miseria.

Foi sempre tal a sua tendencia para as letras, que nem os grandes revezes porque acabava de passar, nem suas anteriores prosperidades, fóram capazes de o distrahir da assidua applicação a que se abituára. Como tivesse fallecido Lourenço de Caceres mestre do infante D. Luiz, a quem se havia encarregado de escrever a historia da Índia, a que nunca dera principio, offereceu-se João de Barros a D. João 3.º, como fizera a el-rei D. Manoel, para a escrever. El-rei accitou a offerta, e o illustre escriptor, aproveitando com avidez todos os momentos que lhe sobravam do desempenho de seus cargos, e dando largas a seus talentos, começou a compôr suas immortaes Decadas, que o fizeram immortal, e immortaes tambem nossos feitos na Azia. No anno de 1552 publicou a primeira Decada, em 1553 a segunda, e a 3.ª em 1563; a quarta sahiu posthuma á luz.

Extenuado por suas incessantes fadigas e abatido pela idade, deixou João de Barros a cidade de Lisboa, e retirou-se á sua quinta da Ribeira de Alitem em Janeiro de 1568, onde morreu a 20 de Outubro de 1570, contando 74 annos de idade. El-rei D. Sebastião, em cujas mãos renunciára seus bem merecidos cargos, cobriu-o de novas horas e favores. Uma tença de mil cruzados, uma pensão annual para seu filho mais velho, outra para sua mulher por sua morte, e o titulo de Fidalgo da sua Casa, fóram, entre outras mais, as mercês com que D. Sebastião galardoou o merito deste portuguez, que tanto honrou a sua patria. Seu corpo foi sepultado em uma ermida dedicada a Santo Antonio, proximo do rio Arunca, termo de Leiria, e em 1610 foi trasladado para a igreja parochial de Alcobaca por ordem de D. Jorge d'Athaide, bispo capellão mor e commendatario perpetuo

do mosteiro d'Alcobaça, que ali destinara erigir-lhe um mausoleu, mas que a morte não lhe deixou effectuar. Teve cinco filhos e outras tantas filhas; alguns d'aquelles illustraram o seu nome na Azia e Africa.

Todas as obras de João de Barros lhe fazem honra, em todas ellas transluz não vulgar sciencia, um perfeito conhecimento da lingua portugueza, um estilo apropriado ao assumpto, uma dicção pura; porém d'entre todas sobresahem as suas inestimaveis Decadas, que fariam de per si uma reputação litteraria. Esse amor da verdade, que deve ser superior ao amor proprio nacional; essa severidade, que deve abafar as vozes da lisonja apparecem constantemente nos seus escriptos, momentê nas Decadas. Um nosso escriptor do seculo passado (1) n'uma oração dedicada ao Marquez de Pombal, obra de mui-tissimo merecimento, diz, fallando da historia: „Não digo que todos os nossos historiadores possuíssem em grão sublime estas qualidades; porém elles eram pela maior parte exactos; ainda hoje sam justamente reputados mestres da linguagem que fallaram; eram methodicos, eram elegantes, eram bons pintores; eram em fim os melhores historiadores, que eu acho n'aquelles tempos: o Barros, pelo menos, é um bom Tito Livio; elle sabia observar as leis, que se podiam impôr a um historiador no fim do 16.º seculo: o Barros dos romanos era mais supérsticioso, mais credulo, e não era melhor filosofo.”

Affavel para todos, austero consigo, grave e moderado na prosperidade, e resignado na desgraça, elle gozou uma felicidade bem pouco commum aos grandes homens, principalmente aos sabios, e foi essa felicidade o ver suas fadigas recompensadas pelo soberano, e pela estima e consideração de seus compatriotas. Aquella corôa de espinhos com que ás gerações contemporaneas costumam apertar a frente dos homens que as illustram, não cingiu a de João de Barros; se a fortuna algumas vezes lhe foi adversa, não o perseguiu ao menos a terrível ingratição, antes viu sobre sua cabeça a corda de louros, que fado invejoso parece só destinar para o adorno dos sepulchros. Finalmente, nacionaes e estrangeiros fizeram justiça ao seu alto merecimento; seus concidadãos escreveram-lhe sobre a campa—*Tito Livio portuguez*, e os estranhos collocaram seu nome entre os dos mais conspicuos historiadores do mundo, como Pio 4.º collocou o seu retrato nas galerias do Vaticano a par do de Ptolomeu. (Do Universo Pittorresco.)

ROMANCES.

O PINTOR.

Em uma manhã do mez de Maio, ao tempo que se dispunha para levantar ferro a tripulação de um dos barcos de vapor, que de alguns annos a esta parte fazem a quotidiana viagem entre Sevilha e Cadiz, uma carroagem puxada a quatro cavallos pretos atravessava a todo o galope a cidade, e foi parar no cães defronte do vapor que se preparava para partir.

Apeou-se um cavalleiro de aspecto respeitavel, e que por suas cãs e rugosa fronte mostrava ter uns setenta e cinco annos de idade.

Acompanhava-o, dando-lhe o braço para encostar-se

(1) Joaquim José de Miranda Rebelo.

uma senhora mui elegante, e de maneiras distinctas, que poderia ter quarenta annos de idade.

Tendo entrado no vapor seguedos de alguns criados, dirigiram-se á camara de pôpa, e ali ficaram, até que o movimento do barco, e o estroendo das rodas os fizeram subir para a tolda, onde se achavam os demais passageiros, não podemos dizer se por que nesse sitio lhes fosse menos molestada a viagem, ou se por gosar das bellezas que esta offerece, sobre tudo na estação da primavera.

A prôa do barco fen lia as aguas cristalinas e pacificas do Guadalquivir; e seguia o seu rumo por entre duas margens adornadas pela natureza com todas as pompas, e primores da vegetação.

O sol estava coberto de algumas ligeiras nuvens, as quaes e uma brisa que soprava do lado do mar tornavam a manhã fresca e deliciosa.

A aragem que tinha atravessado as bellas e impinas da Andaluzia vinha impregna da do perfume das flores, e bandos de passarinhos passavam de uma para a outra margem do rio, saudando a primavera com seus alegres cantos, e pausando ás vezes, como para gosarem do fresco das aguas, sobre os mastros do navio.

Todos os passageiros que estavam na tolda ou tomavam chá, ou reunidos em grupos conversavam entre si, fixando os olhos nas brancas torres de Sevilha, que ainda se avistavam por cima das espessas alamedas, sobresahindo entre todas a collossal Giralda, ou dirigiam as vistas para S. João de Alfaraache, e outras pequenas povoações, que ha n'uma e n'outra margem banhadas pelas agoas do Guadalquivir, e quasi sempre coroadas de sua fortaleza ou castello meio arruinado, porém de gosto, e architectura oriental.

Todos contemplavam com interesse tão bello e variado panorama, excepto os dois passageiros que se tinham apeado da carroagem, que não obstante estarem sobre a tolda, permaneciam affastados dos demais, silenciosos e como indifferentes ás bellezas naturaes que os rodeavam.

A senhora, que o aco pnhava, era sua filha, viuva do conde Olmo, aristocrata até ao extremo como seu pai, e tida em conta de um modelo de pura nobreza. Em vista disto não parecerá estranho que estas duas personagens não tomassem parte nas conversações e entretenimentos com que os demais passageiros procuravam consumir as horas da viagem.

Seria uma hora da tarde quando o barco chegou a Saucalucar, e tendo entrado no mar, passando a barra, e dobrando o cabo de Rola, com vento e maré favoravel divisaram Cadiz, que se acha no meio do oceano, como uma concha no meio das aguas. A sua bahia estava cheia de centenares de navios de diferentes lotes e formas, e de diversas nações e bandeiras, e descobria-se tambem uma vasta extensão d'agua, sem outros limites mais que o horisonte.

A vista deste mar immenso o marquez e sua filha se animavam, alongavam a vista por aquella dilatada superficie, como se buscasse um objecto que chamava a sua attenção, e era o alvo de seus cuidados.

—Capitão, disse o marquez ao commandante do vapor, aquillo que se divisa ao longe parece-me ser um navio!

O capitão dirigio o seu oculo para o ponto que se lhe indicava, e respondeu:

—Sim senhor, é um navio que navega a todo o panno para entrar no porto antes de anoitecer.

—Não traz bandeira? disse o marquez.

—Não a diviso bem; mas pela construcção do barco e pelo rumo que traz, conheço que é inglez, e provavelmente vem de Londres ou Liverpool.

—E' o que esperamos, disse o marquez á sua filha,

—Outra pergunta, capitão, chegari á bahia muito depois de nos?

—Se houver differença será muito pequena.

Para se comprehender o vivo interesse que este navio inspirava ao marquez e sua filha, é preciso saber que á esta ficara de seu defuncto marido uma filha que teria então dezoito annos, e havia quatro que tinha sido enviada para um collegio de Londres, a fim de receber alli uma educação tão esmerada e completa como convinha ao seu illustre nascimento e grande fortuna, porque esta menina não só possuia o titulo e riquezas de seu pai, mas tambem devia herdar por morte de seu avô os bens da casa de Gualmellato.

Muitas difficuldades tinham havido para que a menina fosse a Londres, nascidas não só da affeição que todos em casa lhe professavam, mas tambem dos receios que tinha seu avô de que sua neta educando-se n'um collegio estrangeiro, adquirisse os principios e costumes modernos, que tão aborrecidos lhe eram. Com tudo, outras reflexões relativas ao bem estar e felicidades de sua neta, venceram as difficuldades de vontade que se oppunham, e ella por fim partio para o collegio de Londres, onde segundo as suas cartas, e as da pessoa de confiança que a acompanhara, aproveitou muito, achando-se em fim no estado de regressar ao seio da sua familia, não só porque a sua educação estava acabada, mas porque tendo chegado á certa idade, era tempo de se realisarem os brillantes projectos que a seu respeito se formavam.

No dia anterior havia chegado á Sevilha uma carta participando o dia em que deviam partir de Londres Theresa (pois assim se chamava a menina), e a pessoa a quem fora encarregada, por cujo motivo seu avô e mãi emprehenderam a viagem de Cadiz, onde já teria chegado, ou deveria chegar em breve, o navio que a trazia, para a receberem em seus braços pagando com esta impaciencia um tributo ao carinho que lhe tinham, e ao que della deviam e pensavam exigir para o futuro.

Cadiz, que ao principio parecia uma nuvem no meio do mar, ia pouco a pouco, e a proporção que o vapor se aproximava elevando se d'entre as agoas, e deixando distinguir suas torres, castellos, baluartes e ameias.

Tambem ao mesmo tempo o navio, que tinha sido o objecto das perguntas do marquez, se ia aproximando, e já se distinguia bem claramente, não só o seu velame até ao mais pequeno galardete, mas tambem as peças que tinha, e os marinheiros e passageiros que vinham na tolda.

Por fim os dois barcos, o vapor e o navio de guerra inglez, sulcavam as mesmas agoas, e navegavam já na bahia, e a tiro de peça das fortalezas de Cadiz, ancorando de pois á pouca distancia um do outro.

O marquez e sua filha saltaram logo para uma lancha das que se aproximaram ao vapor, para conduzir os passageiros para terra, mandaram remar para o navio inglez, que acabava de ancorar.

Com effeito vinha nelle a menina, e d'alli a poucos instantes ella se vio apertada nos braços de sua mãi, e contra o frio coração de seu avô, que nesta occasião não pôde deixar de bater mais velozmente.

Passados aquelles primeiros momentos; o marquez ordenou á sua neta que se apromptasse para o acompanhar ao vapor d'onde acabavam de sahir, pois tendo este de regressar naquella mesma tarde para Sevilha, mencionava ir nelle, e não se demorar em Cadiz senão as poucas horas que decorriam até á sua sahida.

A menina seguiu a sua familia depois de se haver despedido de todos os seus companheiros de viagem, porém não deixou de lançar entretanto repetidas e expressivas vistas a um mancebo, que encostado ao leme do navio parecia abismado na mais profunda tristeza e abatimento.

—Senhor, disse Thereza chegando-se a elle, pelo braço do velho marquez, vamos separar-nos já, pois parece que esta noite partiremos para Sevilha no vapor em que veio seu avô, sem nos demorar-nos aqui senão algumas horas.

Como pelo perigo de que me salvastes, e do qual mais devagar informarei á minha mãi, contrahi para com vosco particulares obrigações, não posso deixar de dizer-vos, que se alguma vez fordes á Sevilha, tendes ali uma casa onde sereis recebido com prazer, e uma familia que desejará ser-vos util.

—Muito agradecido, Senhora! respondeu o mancebo respeitosamente.

O marquez não pôde deixar de repetir a offerta que acabava de fazer sua neta, ainda que n'um tom secco que revelava a fria etiqueta e urbanidade do homem alivo e orgulhoso.

Saltaram finalmente para á lancha, e o mancebo immovel sempre na pôpa do navio seguiu com os olhos aquelle barco que afastava d'elle Thereza, a qual da sua parte não deixava de dirigir tambem algumas vistas furtivas para o navio onde ficava o seu companheiro de viagem.

—Fallaste, disse o marquez á sua neta, não sei de que serviços que te fez esse mancebo. Supponho que será alguma cousa mais seria, do que essas attentões com que communmente servem ás damas os mancebos bem educados.

—Sim, Senhor. Na terceira noite que passamos no mar, um vento contrario, e uma tempestade furiosa, que fizeram algumas avarias no navio, obrigaram o capitão a entrar n'um porto proximo.

Quando arribamos a elle resolveu-se que desembarcássemos; e indo eu a descer para a lancha, uma onda quebrou o cabo que a prendia ao navio, e eu caí ao mar; sendo difficil o salvar-me tanto pelo que este estava então levantado, como pela escuridão da noite. Todos estavam perplexos sem saber o que fariam e muitos nem se quer sabiam o occorrido; quando esse mancebo se lançou á agoa expondo sua vida, e depois de ter luctado alguns momentos com as ondas, conseguiu salvar-me... Julgo, Senhor, que é um serviço que merece o offerecimento que em vosso nome acabo de fazer-lhe.

O perigo de sua neta tinha affectado o marquez de maneira, que sentiu não ter sido mais expressivo com aquelle mancebo, e até determinou reparar esta falta se elle viesse á Sevilha, pagando-lhe o serviço feito á sua neta.

Porém esta já o tinha recompensado com as tenras vistas que lhe havia dirigido, e com uma lagrima, que ao despedir-se d'elle havia corrido de suas faces, e que elle só tinha notado.

Thereza era o encanto, não só da sua familia, mas tambem de quantos a conheciam. Mui superior por sua educação ás demais meninas da sua jerarchia, sobre-sahia tambem d'entre ellas por sua amabilidade e formosura.

Aos dezanove annos, a sua estatura era alta, cintura flexivel como o vime, o pé pequeno, a cutis rosada, e os olhos azues, rasgados, e de um brilho como os das estrellas n'uma noite escura.

Em vão seus pais a tinham apresentado na grande sociedade, deixando a passar noites inteiras nos bailes e altas-assembléas de Sevilha, onde mil adoradores faziam á porfia soar a seus ouvidos palavras de ternura, e frases amorosas.

Thereza, insensivel a tses obsequios e superior a tudo que a rodeava, em nada fixou a sua attenção por um momento, e parecia occupada de algum secreto pensamento que absorvia todas as suas idéas, e occupava exclusivamente a sua alma.

Esta continua distração, esta volubilidade de idéas

era tida por uns como um aristocratico orgulho herdado de seus avós, e por outros como um effeito da candura de sua alma innocente, ou resultado da sua falta de experiencia e pratica do mundo. Pouco a pouco, este estado foi-se tornando habitual, e mais pronunciado, até chegar a converter-se, em poucos mezes, n'uma tristeza continua, n'uma profunda melancolia, que se manifestava no seu decidido desgosto pelos prazeres, e no amor da solidão, que frequentemente buscava nos campos e mais solitarios passeios, apenas acompanhada de uma aia de toda a confiança, e um criado que as seguia, na distancia de alguns passos.

Thereza escolhia as mais das vezes para estes passeios, as margens do Gualdaquivir, comprazendo-se em ver aportar os vapores que vinham de Cadiz.

Então parava a observar os passageiros que desembarcavam, e muitas vezes ao retirar-se soltava um profundo suspiro que ninguem ouvia, e que se perdia nas refregas do vento ou entre os clamores dos barqueiros e mareantes.

Educada n'um collegio, com alma ardente de uma hespanhola, e um talento adornado pela leitura, Thereza ao chegar a certa idade tinha creado na sua imaginação a imagem de um homem tal qual convinha á sua felicidade, mas sem se lembrar se quer da classe em que elle nascesse, e de que era mister que o homem, que occupasse seus pensamentos, tivesse no mundo um logar tão distincto, como o que ella occupava por seu nascimento e riqueza.

Nos poucos dias que se demorou em Londres, depois da sahida do collegio, fez conhecimento com um mancebo, tambem hespanhol, que devia voltar á sua patria no mesmo navio em que ella vinha, e que se achava em Inglaterra, depois de ter percorrido a Italia e outros paizes, onde tinha estudado quanto era necessario para se aperfeiçoar na pintura, arte a que, com mais esperanças e desejo de gloria, que de fortuna se havia dedicado.

Estes dous jovens tinham-se visto e sympathizado reciprocamente, porém o pintor, que logo concebeu uma profunda paixão por Thereza, foi tímido com ella, não só porque o amor verdadeiro sempre o é, mas porque, sabendo a classe a que ella pertencia vio e conheceu desde logo, que entre os dous mediava uma distancia immensa, e que estavam separados por um abysmo, que seria perigoso talvez para ambos querer transpô-lo.

Em vista disto soffocou no peito a paixão que Thereza lhe tinha inspirado; e seus labios não proferiram durante os dias que passára junto della, nem uma só palavra que podesse revelar-lhe seus sentimentos.

Com tudo, Thereza observára certa animação nas palavras, e olhar daquelle joven, quando á ella se dirigia, que insensivelmente a levou a considerá-lo com maior attenção, e então descobriu nelle uma figura varonil, e sympathica, uma alma de artisa, elevada e cheia de nobres e generosos sentimentos, um talento profundo, e ao mesmo tempo adornado de mil conhecimentos, ao menos uteis e interessantes.

A quédá de Thereza ao mar, o valor com que o joven pintor se lançou á agua para a salvar, no momento em que até os mais intrepididos marinheiros temiam ser victimas do seu arrojo, a commoção que á vista de tal perigo, se manifestou em suas feições, e as pulsações de seu coração que Thereza sentira clara e distinctamente quando seu salvador, louco de enthusiasmo pela ter livrado de uma morte certa, a apertava em seus braços e contra seu peito, com apaixonada ternura, tudo isto foi causa de que as boas disposições que já de antemão havia nella para o seu companheiro de viagem, se formalassem (seja-nos permitida a expressão), e de um sentimento vago, uma sympathia sem objecto, passassem

á uma inclinação effectiva, e que n'uma palavra, se convertessem d'uma supposta gratidão em um amor verdadeiro, exclusivo e vehemente, como sempre é o primeiro que sentimos em nossa vida.

O pintor firme em seu proposito, conheceu tambem quanto havia ganhado no coração de Thereza, mas isso não foi bastante para que lhe declarasse o seu affecto, por isso chegou o dia da sua separação, sem que a pobre menina tivesse a occasião de assegurar-lhe que nunca o seu beneficio seria esquecido, porém ao mesmo tempo a tristeza que elle manifestou ao separar-se, foi a causa de que ella se confirmasse cada vez mais na idéa de que era amada, não podendo todavia atinar com o motivo, que podia obriga-lo a guardar tanto silencio, quando já devia tambem conhecer que seus sentimentos seriam bem acolhidos.

Em vista disto, não parecerá estranho que Thereza se achasse desgostosa nas aristocraticas reuniões, a que a levava a sua familia, que ouvisse com indifferença os frivolos galanteios dos amadores de officio, e que sua alma voasse á outra região mais sublime de ternura e idealismo que sem estes antecedentes, e certa classe de pessoas era impossivel advinhar, e comprehender.

A rosada aurora derramava já seus prateados raios sobre as correntes do Gualdaquivir, que as reflectia sobre as negras, e lustrosas pedrarias que guarnecem os templos de Sevilha, quando Thereza, depois de uma noite de dolorosas cogitações, sahia de casa para gosar do ar livre, e refrigerar o ardor de sua cabeça, e a febre de seu peito á matutina brisa do Outono que pura e embalsamada sopra quasi sempre nas risonhas alamedas que circundam Sevilha, guarnecendo de eterna verdura as margens do Gualdaquivir.

Quatro mezes tinham passado desde a tarde em que lançara a ultima vista sobre o seu companheiro de viagem, sem que neste tempo elle se houvesse apresentado em sua casa, nem ella tão pouco tivesse podido saber onde elle parava, ignorando absolutamente se tinha vindo á Sevilha, que tambem era a sua terra natural, se teria ficado em Cadiz, ou se teria tomado algum outro rumo, sem tratar de vê-la, nem participar-lhe o seu destino.

—Enganei-me, dizia ella consigo mesma; elle não me ama... se sentisse por mim a inclinação de que me ligongiei, não teriam passado quatro mezes sem que visse ver-me, nem se quer recordar-se de mim... Mas não importa, em quanto não encontrar um homem como elle não darei a minha mão, nem o meu coração a outro... A minha familia não poderá condemnar-me, por me serem indifferentes os que me apresenta... Pode ser que com o tempo se dessipe estes sentimentos, que tão obstinadamente se haõ apoderado de mim... Então, senão ditosa, ao menos poderei viver socegada.

Estes propositos fazia ella, e taes eram as reflexões e pensamentos que como ligeiras nuvens passavam pela sua alma, quando por entre os arvores da alameda de um antigo edificio do tempo do rei D. Pedro, divisou sentado n'um banco de pedra um mancebo, que com o lapis na mão, e a sua carteira aberta sobre o joelho, tirava o desenho do velho edificio que tinha diante de si.

O estridor que fazia o andar de Thereza sobre as folhas seccas de que o chão estava coberto, despertou a attenção do mancebo, e lhe fez voltar a cabeça para o sitio em que sentira o ruido.

Um grito de surpresa e de jubilo escapou dos labios de Thereza.

—Vós aqui? disse ella ao mancebo. Sem duvida chegastes hontem?

Já o leitor conhecerá que o joven, que Thereza tão inesperadamente encontrara, era o pintor seu companheiro de viagem, o que tinha salvado a sua vida, n'uma palavra aquelle a quem amava,

—Quando chegastes? lhe tornou ella a perguntar.

—Ha dous mezes; respondeu o pintor.

—Ha dous mezes, Raymundo!

—Dous mezes, Senhora.

—Não o acreditaria se o não dissesseis. E em dous mezes não vos lembrastes de que teria muito gosto de ver-vos aquella que vos deve a vida?

—Tenho pensado muitas vezes em vós, Senhora; mas julguei que a minha visita não vos seria agradável, e mormente quando tendes tantos amigos novos, que devem ter-vos feito esquecer...

—A quem, a vós? Não, senhor, nunca... E não tinha bem acabado de pronunciar estas palavras, que suas faces se cubriram do mais vivo rubor.

—Sou mui nescia, continuou ella, em manifestar tanto interesse por quem nenhum sente por mim...

Esta accusação era em demasia forte para que o pintor deixasse de responder. Elle amava tambem Thereza, seu coração era victima de uma paixão ardente, e o silencio, que a esse respeito tinha guardado até então, era devido á consideração, que Thereza por sua falta de experiencia nem sequer podia comprehender.

—Accusae-me injustamente, disse-lhe o pintor, convidando-a ao mesmo tempo a sentar-se no banco que elle occupava, se soubesdes quantos sacrificios tenho feito para vencer-me, e não me aproveitar da offerta que vos dignateis fazer-me de me apresentar em vossa casa; se soubesdes quanto tenho pensado em vós....

—Poderá ser certo tudo isso quanto dizeis; porém não sei que motivo possa ter-vos obrigado a este sacrificio. Se desejavaes ver-me, não tinheis a certeza de ser bem recebido em minha casa?

—Por vós talvez. Mas poderia eu esperar igual acolhimento da vossa familia? E mesmo suponho que me recebessem com agrado uma ou duas vezes, poderia esperar que isso continuasse por muito tempo? E então de que serviria ver-vos uma ou duas vezes? Oh! incendiar mais o fogo que me consume, alimentar com a vossa vista loucas esperanças, que mui custoso me tem sido combater e repellir.

—Senhor! eu não julgava que....

—Ah! Thereza! Para não ter conhecido os sentimentos do meu coração, é preciso não ter fixado um pouco em mim a vossa attenção. É verdade que meus labios nunca o manifestaram; porém naquelle dia em que fui bastante feliz de vos poder apertar em meus braços, não sentistes as pulsações de meu peito? Não chegou ao vosso coração a abraçadora chãma que devorava o meu? Não crestaram essas faces de neve as ardentés lagrimas que derramavam meus olhos?

—Pois bem, Raymundo, disse Thereza, já que tanto me amais, não devo occultar-vos que me não sois indifferente. Desde que vos conheci olhei-vos com predilecção; e quando me salvastes á vida senti por vós um sentimento de outra especie. Julguei que fosse gratidão, porém assaz tenho conhecido que era amor. Sofri um tormento atroz no dia em que nos separamos; depois não tenho feito senão pensar em vós, e tenho-vos procurado por toda a parte. Tenho hido constantemente ao porto ver os vapores que chegam, com a esperança de que virieis em algum delles; tenho percorrido os passeios, os templos onde ha melhores quadros, sempre procurando encontrar-vos, até que por fim, quando menos o esperava... Ah! agora somos felizes....

—Felizes! Bella Thereza!.... Oh! quanto nos falta para o ser! Ha um instante que nos encontramos, e já estamos conformes, porque as nossas almas o estiveram desde o instante em que se conheceram. É verdade: porém que podemos esperar deste amor? Noutes inteiras tenho pensado em vós. A filha da condessa de Olmo, a neta dos fidalgos mais orgulhosos do reino, e

um pobre pintor que a adora!.... Quem seria capaz de unir dous entes que se acham a tão grande distancia um do outro? Vós Thereza, representando a mais alta aristocracia da Hespanha, ennobrecida por seu nascimento, e o que é mais neste seculo, por suas immensas riquezas; e eu filho do povo, artista sem protecção no mundo, sem outro patrimonio que os meus pinceis, sem outro meio de illustrar o meu nome, que alguns mediocres quadros...

E esses sublimes sentimentos, que adornam a vossa alma, nada valem? Que importa que não sejaes senhor de uma brilhante fortuna? Para que a queremos?

—Essas palavras valem muito para mim, porque são um testemunho da candidez da alma da mulher, que tinha elegido. Porém não sabeis, Thereza, quantos males devem seguir-se a nosso amor. Ah! eu os temo mais por vós do que por mim. Esse mundo que agora vos idolatra, essa sociedade que vos respeita, bem depressa sabendo do nosso affecto mudariam de opinião; pensariam que tinheis faltado aos vossos deveres, e que eu abusara da vossa falta de experiencia.

—E por ventura, respondeu a decidida joven, temeis o pensar dessa sociedade, onde não tenho encontrado senão aduladores e gente frivola?

—Nada a temo, muito a desprezo, e nunca se dirá, disse Raymundo, que uma mulher fraca e inexperta me tem excedido em valor e resolução. Não fallemos mais dos obstaculos que se podem oppôr á nossa paixão. Pensemos só nos meios de a realisar, e de ser quanto antes felizes.

Thereza e o pintor Raymundo não pensaram mais nos obstaculos e males que poderia causar-lhes seu nascente amor. Abandonaram-se a todos os sonhos da sua imaginação, e nella crearam para o futuro uma vida de encanto e de illusões, que lhes promettia não só amor, mas tambem felicidade e constante ventura.

Correram perto de dous mezes, sem que a felicidade destes dous amantes fosse perturbada.

Thereza todas as manhãs sob pretexto de tratar da sua saude, dava largos passeios pelas alamedas que cercam Sevilha, e nellas se encontrava, e passava horas inteiras com Raymundo, alimentando um e outro esperanças quimericas, que estavam mui longe de poderem realisar-se, e ás quaes não era já possivel renunciar, por quanto o amor de ambos tinha augmentado a ponto de não conceberem já a felicidade, nem até a existencia separados um do outro. Uma só circunstancia, que ao principio lhes tinha parecido indifferente, começava todavia a perturbar-los no meio de seus sonhos de ventura.

Um irmão do pai de Thereza tinha vindo á Sevilha, sem duvida com a idéa de casar com sua sobrinha, e por meio deste consorcio adquirir o titulo e riquezas da familia.

Esta união não era tambem desvantajosa para ella, por que seu tio, que tocava nos quarenta annos de idade, se bem lhe não trouxesse grossos cabedades, e de que não precisava, era um official superior de marinha, e por isso podia offerecer-lhe um logar honorifico e considerado na sua idade, que elle havia adquirido por seu valor e eminentes serviços prestados á patria.

O Marquez e a mãe de Thereza pensaram que um tal casamento convinha a sua filha, e desde logo deram o seu consentimento, fazendo saber á esta a sorte que se lhe destinava, ponderando-lhe a conveniencia e vantagens, que um tal enlace lhe promettia.

Porém Thereza recusou abertamente dar a sua mão, por então, a homem algum, fazendo tambem desanimar com suas repulsas e maneiras seccas o enamorado tio, que lhe prodigalisava mil caricias e attentões, e que punha todo o seu esmero e cuidado em

pensando que era um sonho o que estava vendo, mas logo se persuadiu da realidade da metamorfose. Debalde lhe diziamos que a cabana estava armada em outro sítio, mas elle só respondia por exclamações que mostravam a violenta agitação de sua alma—minha mulher, meus filhos! meo pae! oh meo Deos! seos ossos profanados! erão as unicas palavras que soltava.

Acabava o criado de fallar, quando repentinamente entra pela sala um homem em cujo rosto se divisava a desesperação; parecia que lhe lançavam fogo os olhos, e as faces e labios lhe tremião com agitação convulsiva. Fechou para si a porta, e veio sem dar palavra collocar-se de frente do marquez. Levantou este a cabeça, e reconheceu o alfaiate Jacques.

Oh por cá!... que queres?

Justiça, Sr. marquez; só de V. Exc. a posso obter... já que as leis não protegem com igualdade todos os homens, e a força dos plebeos são os rogos, os seos direitos as lagrimas.

O marquez surrio-se com desdem, encrusou as pernas, e dice com certo ar de indiferença insultante.

Não te entendo homem.

O Sr. marquez bem sabe, que ainda que sou um simples artista, nunca me queixei da minha sorte. Meo pae deixou-me pela sua morte, esta pobre cabana, um nome obscuro, mas a minha resignação aliviava este peso, e julgava-me rico quando consultava a minha consciencia.

Riqueza é essa que não engorda, meo amigo, respondendo com ironia o marquez.

Apezar d'isso não a troco pela do Sr. marquez... outros são os meos prazeres n'este mundo... prezava muito o cantinho que me foi usurpado... porque ali dei eu os primeiros passos; ali recebi muitas vezes a benção de meo pae: ali morrêrão minha mulher e meos filhos. Era a um tempo feliz e desgraçado á sombra d'aquellas arvores... Tres gerações de avós meos ali viverão e morrêrão... E agora diga-me, Sr. marquez, que ha feito das suas sepulturas, dos seos cadáveres?... Ah! confundidos nos alicerces das casas que ali mandou edificar!

E' só isso o que tens a dizer? Respondeo o marquez, passando os dedos pelos canudos da cabilleira.

Mais duas palavras... Logo que fiquei convencido da minha desgraça procurei o mordomo de V. Exc. Para o abrandar não houve meios que não empregasse; até lhe pedi de joelhos e com as mãos postas, que mandasse procurar os despojos da minha familia, e que me levantasse outra vez a cabana no sitio onde tantos annos existio. Tratou-me com altivez e máo modo... E eu, Sr. marquez, acrescentou o artista com voz forte, eu... supportei com paciencia as injurias d'este homem sem humanidade, nem justiça, porque esperava encontral-as ambas no coração de V. Ex.....

Acabastes já?

O artista fez signal affirmativo com a cabeça.

N'esse caso safa-te daqui para fora bem depressa; quando não mandar-te-ei applicar um correctivo, que te ha de lembrar por muito tempo.

Apenas o artista ouviu estas palavras lançou mão de uma cadeira, e por algum tempo a conservou suspensa sobre a cabeça do marquez; depois pondo-a no chão com força replicou.

V. Ec. zomba de mim desapiadadamente... não receia nem a minha colera, nem a minha desesperação... Mas lembre-se que o direito não ha de ser sempre uma palavra vã... Os papeis hão de mudar algum dia... e então...

E então o que?

O artista mediu o marquez com os olhos e dice-lhe: Hei-de comportar-me com igual crueldade.

No dia seguinte o prolectario abandonou aquelles si-

tios, e foi-se alistar no exercito do marechal Villoroi, que ia guerrear em Cremona.

II.

Vingança do homem do povo.

Passarão oito annos, e uma noite os habitantes de Laval virão sair do castello de Charnacé grandes turbilhões de chammias. Lavrava n'elle um incendio, que animado por um vento impetuoso, não podia ser combatido. Os homens, que este acontecimento juntou em torno do edificio feudal, olhavam tranquillios e indifferentes esta destruição; não porque entre elles faltassem animos corajosos e corações compassivos, como em todos os tempos se encontrarão nos plebeos, mas nem um só havia deixado de sofrer as arrogancias aristocraticas do marquez.

Este homem altivo e soberbo, que no auge da sua fortuna havia opprimido os pobres camponozes, seos vassallos, não encontrava na desgraça, um só que expozesse a vida para o salvar. No meio dos espectadores d'essa scena horrorosa, havia um, vestido de militar, que parecia tomar muito a peito o final d'ella. Palido e desfigurado, com a testa já enrugada e calva, bem mostrava que esta velhice prematura era o resultado de desgraças continuadas, porque apezar de tudo deixava ver no seo rosto signaes de energia e grandeza d'alma.

E' verdade, dizia elle, Deus não guarda os castigos para o outro mundo.

N'este momento aparece a uma janella o marquez de Charnacé, meio nu, com os cabellos degrenhados, e mostrando pela palidez do rosto o susto que o dominava. Correo com os olhos toda a extensão do edificio, abrasado pelas chammias que da base subião até ao alto das torres; e depois distinguindo no meio das turmas o soldado cujo ar de intrepidez era notavel:

Salva-me, lhe diz, apresentando-lhe os braços abertos. O desconhecido levantou a cabeça com nobre altivez.

Sr. marquez, olhe para esta testa já cheia de rugas... veja esta farda... conte as minhas feridas... e diga-me, se pode esperar de mim compaixão?... Já peço humildemente! curva-se diante de mim, porque tem medo!... O perigo aproximou as distancias, não é isso? E como quer que eu me compadeça, quando houve tempo em que as minhas lagrimas de nada servirão?... Não dice eu que os papeis havião de mudar um dia?... Chegou-lhe a sua vez de supplicar, Sr. marquez, e a mim a de ser inflexivel!

Apenas o marquez ouviu estas palavras, e vendo pelo ar e rosto do plebeo, os symptomas de um odio implacavel, perdeo de todo a cabeça, e levantou as mãos para Jacques, que logo reconheceo.

Oh! tens rasão, dice elle com voz tremula; fui deshumano para contigo. Mas não ha crime que fique sem castigo! Que queres? Que exiges? Por maior que seja a tua ambição posso satisfazel-a. Levantar-te-ei da miseria, farte-ei rico, se quizeres!

E feliz tambem; não é isso?

Tanto quanto é possível sel-o n'este mundo... restituir-te ei a terra que possuias nos meos dominios, e mandarei de novo levantar a tua cabana.

E as cinzas da minha familia?

O incendio la fazendo terriveis progressos. O desgraçado marquez contemplava com incrível inquietação as chammias que já estavam prestes a roubar-lhe o unico apoio que lhe restava, a janella que o defendia. Mas Jacques não poude combater por mais tempo a sua generosidade na presenca do perigo e afflicção do marquez; salta precipitadamente por cima das ruinas abrasadas do palacio, e pelo meio das chammias vae livrar da morte

o homem, que aborrecia. Era magestoso espectáculo ver o valente soldado, defendendo o marquez das vigas que caíam de um e d'outro lado, e trazel-o são e salvo, depois de tantos esforços, para fóra do incendio.

Devo-te a vida, dice o marquez.

Jacques assumindo toda a sua dignidade e firmeza respondeo:

Comportaste-te como nobre, e eu como plebeo. Despojaste-me do canto da terra onde nasci, usaste do teu privilegio: eu salvei-te da morte, fiz o meo dever.

A gratidão do marquez durou tanto como o incendio! A choupana não foi edificada de novo! Os platanos que o artista tanto estimava, não lhe derão sombra na sua velhice! O pobre soldado morreo atravessado por uma balla na campanha de 1708! Jacques nem ao menos poude conseguir uma sepultura ao lado da de seos paes.

MISCELLANEA.

A OPTICA.

Não se espantem os nossos leitores do titulo scientifico do nosso artigo nem nos aparem a casaca por nos mettermos a fallar de uma parte da physica, coisa tão alheia dos nossos conhecimentos. Com effeito faz rir ver um pobre folliculario fallar de cousas superlativas, e que são o apanagio de sumidades litterarias e academicas. Porém bem diz o Sr. Mundo; que não ha coisa mais atrevida que madama Ignorancia. E não se lembrão estes Srs. criticos que se a gente fosse somente a fallar do que entende, estaria n'uma mudez continuada! Porém diz o dictado—Quem se escaalda, alhos come—Nada de cavaco, passemos á historia da optica, que é o que importa.

Em um dos dias passados fomos nós por um dos sitios mais frequentados da cidade, quando vimos muita gente junta. Ora todos sabem que isto de muita gente junta faz cocegas na curiosidade. Que será aquillo? perguntamos nós aos nossos boíões; naturalmente alguma recruta que estava mal com o cabo de policia da sua rua, e que torta, cega, ou alejada vae indo até a casa pia! ou algum guarda nacional esquentado a quem avisarão para os batalhões, e que faz um longo discurso contra o governo, para mostrar que uma portaria não pode derogar uma lei! pois, Srs. não era nada d'isso. Então que era?

Ora advinchem lá o que seria? era um cego, que mostrava uma optica, e annunciava em altos gritos e com ronca de l.º bago, que ali se via o que não se via em nenhuma outra parte. O ar emphatico com que o tal meliante realçava estas ultimas expressões nos fez certo pezo; e mettendo a mão nos bolsos, sacamos do nosso pataquinho e lhe dissemos, vejamos esses portentos. Então o orador nos fez applicar o olho direito á lente da machina e achamos que o homem tinha razão. Com effeito, era certo o que elle dizia; o que nós ali vimos, ainda o não tinhamos visto, e de certo o não tornaremos a ver.

Ali vimos certos figurões de boa casaca de pano de corte, e relógio com cadeia de ouro, mettidos n'uma escolta e presos para soldados!

Ali vimos certas formosuras de tibi quoque recusarem o mimo innocente de adereces e diamantes!

Ali vimos uma casa de café, servida por criados de 40 annos para cima, e já fóra do recrutamento.

Ali vimos certas casas de pasto com toalhas lavadas, e comidas frescas e delicadas!

Tambem alli vimos uma gazeta official censurando os actos do governo!

Ali vimos tambem a Porta de Carros cheia de homens laboriosos e occupados, trabalhando cada um no seu officio!

Item tambem vimos uma imprensa, na qual todos sabião ler e escrever!

Vimos tambem um velho amigo nosso, em um emprego muito vantajoso, sem se esquecer de antigas relações de amizade com os seus amigos em decadencia!

Ahi vimos uma personagem rica renunciar o seu soldo a favor do estado!

Ahi vimos um magistrado receber com frieza um grande do reino, e acompanhar até a escada um official de officio!

Ahi vimos um official de diligencias passar uma fé falsa, gratis!

Tambem ahi vimos um carcereiro chorar por um preso que tinha fome!

Item tambem ahi vimos um escrivão, dizendo que o officio lhe rendia!

Tambem ahi vimos um litterato rico! um agiota pobre! um jogador economico! um pretendente gordo! um absolutista liberal! e um cortezão com franqueza!

Ahi vimos os partidos politicos perdoarem-se mutuamente, e não consultarem senão o bem publico, e serem despedidos de interesses pessoais!

Vimos tambem uma orchestra de musica assistir a um sermão!

Ahi vimos um comico sem ralhar do empresario! e uma actriz representando sem olhar para os camorotes!

Tambem ahi vimos um negociante fallido sem ficar com que armar de novo a igreja! e uma loja de mercador com claridade bastante!

Tambem ahi vimos 3 medicos passeando juntos!

Item vimos tambem um soldado raso comprar umas casas com o dinheiro do pret!

Tambem vimos uma viuva chorar por seu defunto marido no fim de 6 mezes! e uma donzella de 18 annos franzir o nariz á palavra casamento!

Vimos tambem ahi um homem sem habito de Christo! um deputado eleito contra sua vontade! um commissario em chefe pobre como Job! e um pretendente de merecimento, empregado sem empenhos!

Vimos tambem um ministro de estado justo! um governo imparcial! uma constituição observada á risca!

Item vimos tambem um deputado sem ser consciencioso! um periodico sem ser independente e acreditado! uma viuva rica sem amores! um galego fazer um recato de graça!

Vimos tambem um empregado publico pago em dia! um contador de juizo levar por umas custas de autos menos de dez tostões! e um contador de fazenda sem 2 pratos de meio!

Vimos finalmente a orchestra de theatro tocar uma symphonia nova! e até vimos o premio grande da loteria ganhado pelo bilhete que tinhamos comprado!

Fallemos a verdade, o cego tinha razão; o que se vê n'uma camara optica, não se vê em nenhuma outra parte.

INFLUXO DAS NOVELLAS ROMANTICAS NA PERPETUAÇÃO DOS CRIMES.

As causas criminaes dos dois celebres delinquentes Oxford e Courvoisier que tanto chamou actualmente a attenção do publico de Londres, suscitirão n'aquella capital uma questao de grande interesse para a moral pu-

blice, e as tendencias litterarias. Courvoisier, o assassino de W. Russell declarou antes de morrer que a primeira idéa de seu crime foi suggerida pela leitura de uma novella, que está presentemente muito em voga em Londres, e Oxford tambem lia sempre novellas romanticas. Os periodicos de Londres fizeram sobresahir estas circumstancias, e os autores das obras d'aquella classe a que não alludido os papeis publicos responderão procurando atenuar a impressão que devião produzir estes factos. Nesta polemica forão citados os nomes dos Srs. Bulwer, Dickens, e Ainsworth, caudilhos da escola romantica de Londres, a quem attaca fortemente o *Courier* fazendo ver o perigoso que é para jovens a leitura de taes obras.

NOVO VOLCÃO.

A sociedade de geographia de Londres recebeu ultimamente uma communicação da ilha de Owyee, uma das do archipelago de Sandwich, no mar pacifico, da qual resulta que na montanha chamada Kiruca da dita ilha ha um volcão cuja cratera tem mais de nove milhas de circumferencia, e a qual tem lançado ultimamente um lago de lava liquida que tem uma milha de comprimento, e meia de largo; por todas estas circumstancias pôde qualificar-se este volcão como o maior de quantos existem.

O JANTAR DE LORD MAIRE.

As folhas inglezas dão-nos a descripção do jantar que lord Maire dera por motivo do casamento da rainha Victoria; como documento curioso nós o apresentamos a nossos leitores, advertindo-os que a despesa sahiu dos cofres da camara municipal. Duzentas e cincoenta terrinas de sopa de tataruga, e cada terrina de 3 canadas, 200 sorvetoiras, 6 cobertas de peixe, 30 entradas, 40 perús cosidos com ostras; 60 gallinhas assadas; 60 travessas de volateria; 46 de capões; 50 pasteis á franceza; 60 timbales de pombos; 53 presuntos de fambre; 43 pratos de linguas assadas; 2 lombos de vacca inteiros, (a que se dá nome aristocratico de barão de vacca) 2 quartos de carneiro; 3 pratos sir loin (são rins assados, ignora-se que um rei de Inglaterra, pelo bem que lhe sabia elevou á dignidade de baronete) 6 travessas de espargos; 6 de batatas; 48 de lagostas e carangueijos; 140 qualidades de geleias; 50 pratos de manjar branco; 50 ditos de tortas de nata; 39 de tortas de limão; 40 ditas de amendoas; 60 de pastelinhos; 56 de salada; 80 gallinhas de Angola assadas; 6 lebres assadas; 80 faiozes; 24 galcos; 55 pratos de perdizes e galinholas; 2 pavões assados. Sobremesa 100 ananazes, entre elles alguns de 3 libras de peso; 200 pratos de uvas creadas em estufas; 250 taes de gelados; 75 pratos de maçãs; 75 pratos de peras; 60 pratos de fillozes á saboiana; 75 pratos de avelãs, e 80 pratos de fructos seccos e cobertos!! O vinho e licores á discrepção!...

VARIÉDADES.

A LIVRARIA DE UM REI DA INDIA.

Dashelim, rei da India tinha humo tão grande li-

vraria, que com officiaes erão apenas bastantes para a conservarem em ordem; e para ser mudada de hum para outro lugar, erão necessarios mais de mil dromedarios. Como o rei não pudesse ler tão grande quantidade de livros, propoz aos seus brachmines, que deles extractassem as melhores passagens que encontrassem. Estes sabios philosophos immediatamente pozerão mãos á obra, e trabalharão com tanto afincio, que em menos de vinte annos destes extractos formáram humo pequena encyclopedia de doze mil volumes, que com facilidade podião transportar-se sobre trinta camellos. Apresentada a obra ao rei, ficarão admirados os brachmines de que, em lugar de agradecimentos, o rei lhes dicesse enfadado, que era impossivel ler humo quantidade de livros tal, que carregava trinta camellos; e que houvessem de extractar ainda o que melhor achassem. Os sabios, com effeito, de novo se derão ao trabalho, e conseguirão reduzir a obra a humo carga sufficiente para dez camellos, depois a quatro; e finalmente, tal foi a redução que fizeram, que humo mula ordinaria, podia com a carga dos extractos.

Desgraçadamente, o rei, durante o processo da redução da sua livraria, fez-se velho, e em estado de não poder ler a obra toda dos seus sabios.—« Ilustre sultão, lhe disse então o sabio Pilpai, que era seu visir: imperfeito conhecimento tenho da vossa livraria; mas sobre mim temo reduzi-la por tal maneira, que possais ler tudo quanto contém em hum só minuto, e ainda assia encontraréis materia bastante para a reflexão em toda a vossa vida. Logo Pilpai pegou em humo folha de palmeira, e sobre ella escreveu com penna de ouro as quatro sentenças que se seguem:

Primeira. A maior parte das sciencias coprehendem apenas a unica palavra—*talvez*—e toda a historia do genero humano se inclue nas tres palavras—*nascer*—*suffrir*—*morrer*.

Segunda. Amal só o que for bom, e fazei então só o que amardes.—Pensai só no que for verdade, e não digais tudo o que pensardes.

Tercera. Oh reis! subjugai vossas paixões, governai-vos, e será então para vós cousa bem facil governar o mundo.

Quarta. Oh reis! Oh povos! nunca assíz se vos repetirá aquillo de que só ouso duvidar os que se julgão sabios sem o serem: « Que não ha felicidade sem virtude, e não ha virtude sem o temor de Deos. »

Um Inglez muito entusiasmado com os negocios de Portugal disia em certo tempo:—O Srs., a governa Portuguez estar muito boa. Ser tudo gente muito capaz. Só falta mandar vir d'Inglaterra um General como Lord Beresford para toma conta de soldado Portuguez.

CARACTER DE DIFFERENTES NAÇÕES.

Certo Rei interrogou um estrangeiro sobre o caracter, e genio de diversas Nações. A unica maneira de responder á Vossa Alteza, disse o estrangeiro, é repetir-lhe a primeira pergunta que communmente se faz a um homem que entra no mundo. Na Hespanha, continuou elle, pergunta-se se é um Fidalgo da 1.ª ordem? Na Alemanha, se pôde entrar nos capitulos? Na França, se tem relações na Corte? Na Hollanda, se tem muito dinheiro? Na Inglaterra que qualidade de homem é? E em Portugal e Brasil se tem bons padrinhos.

INQUIZIÇÃO.

Segundo as publicações mais modernas, e melhores calculos, o numero de victimas sacrificadas pela Inquisição montão a 195:167 no tempo de Surtremada, 51:167 no tempo de Cisneros, e a 34:592 no tempo de Diogo Perez. Aquelles que soffrerão no tempo dos Inquisidores que precederão estes tres monstros, chegarão a 3:412:215. Suppon-se que 31:912 forão queimados vivos, 15:659 soffrerão o castigo do estatio, e 294:590 dos penitenciarios, 590:000 familias forão destruidas pela Inquisição, e custou á Hespanha 2:000:000 de seus filhos.

Disia o Padre Antonio Vieira que na India se conjugava primorosamente o verbo—*surripio*—Se hoje viera talvez dicesse que a sua arte de furtar estava incompleta.—

NOTICIAS INDUSTRIAES.

MANEIRA DE GRAVAR EM AÇO COM HUMA PENNA.

Aquece-se a folha de humo faca, de humo espada, &c.: esfrega-se com cera branca, de maneira que fique coberta de humo camada bem igual, de quasi meia linha de grossura. Escreve-se então com humo penna sobre a cera, de maneira que os traços cheguem ao aco. Derrama-se por cima da gravura hum pouco de vinagre, que se salpica de *deutochlorureto de mercúrio* (sublimado corrosivo). Dois minutos depois expõe-se a folha ao calor para lhe tirar a cera, e apparece mui distinctamente a gravura sobre a lamina.

CONSERVAÇÃO DAS CARNES.

Os cortadores, na Suissa, costumão esfregar as paredes e as madeiras de suas lojas com oleo de louro, para preservar a carne das moscas e da corrupção. Este processo simples e pouco dispendioso faz-se muiltissimo recommendavel.

PRESUNTO DE CARNEIRO.

O uso de só fazer presunto de pernas de porco prevaleceo, sem duvida, porque a carne deste animal recebe melhor o sal, he mais gordada, e de gosto mais delicado. Comtudo, he facil conservar as pernas de carneiro, fazendo lhes humo preparação semelhante.

Escolhão-se as pernas dos carneiros bem gordos, e esfreguem-se com humo mistura de duas onças de asucar em bruto, humo onça de sal commum moído, e meia colher de salitre: depois de esfregadas deitem-se dentro de hum alguidar, vascolem-se, e voltem se duas vezes por dia, durante tres dias consecutivos, e de cada vez lance-se fóra a salmoira, que escorre da carne depois de limpa; tornem-se a esfregar com a mesma mistura, e no dia seguinte sacudão-se, e repitão-se estas duas operações alternativamente por espaço de dez dias.

ANACDOTAS.

O SACRISTÃO MEDROSO.

Na aldeia de..... havia um sacristão, que era muito medroso, e em todas as partes julgava ver as almas do outro mundo. Uma noite, já fóra d'horas, bateu acceleradamente á porta do cura, que já dormia, o qual se levantou, temendo o chamassem para levar os sacramentos a algum enfermo; abre a porta, e vendo o sacristão a tremer lhe diz, que é isso? Ai Sr. cura, se vossa mercê visse o que eu vi! Então que viste tu? Junto á igreja mesmo no sitio em que enterramos o pobresito do Sr. Alcaide, eu o vi agora em figura de um burro! Vai-te tonto, vae dormir, lhe diz o cura, tivestes medo da tua mesma sombra.

OS PEZAMES.

Senhor Compadre: E' a voz do cimbalo nas torres sinal de sentimento, como nos olhos as lagrimas symbolo da pena. Tudo se vio quando morreu a senhora sua mulher: debrou a Freguezia, choraram os freguezes, todos sentiram. Grande sinal! Oh pena! Porém oh gosto. Pena sim, porque morta; mais alegria tambem, porque deplorada. Para um similhante caso se introduzio o rir por um olho, e o chorar por outro. Isto é o que lhe aconselho, pois tem para uma, e outra cousa grandes motivos &c.

Certo mercador perdeu em Mantua uma bolsa bem provida, e publicou que daria quarenta moedas a quem a achasse. Appareceu com ella uma velha e, entregou-lha. Duvidou o Mercador dar-lhe o prometido, asseverando, falsamente, que lhe faltava uma grande parte do seu dinheiro. Foi consultado o duque, que, ouvindo as partes, conheceu a cavillação, e entregou a bolsa á velha, dizendo ao Mercador: Que buscasse a sua, que não era aquella, pois se compunha de tanto mais dinheiro, como dizia.

POESIA.

QUADRA.

Roubou-me toda a ventura
Um tyranno e cruel fado;
Minha Marília deixou-me,
Sou de todo desgraçado.

GIOSA.

No momento em que de Amor
Gozava magos arcanos,
Vi contra mim dous tyrannos,
Desprenderem seu rigor:
O Gême abraçador
Serpes nutre com bravura,
E junto co'a Desventura,

Os meus dias negrejando,
Com vivo furor nefando
Roubou-me toda a ventura.

Quiz o Céu, ou quiz a sorte
Perturbar o meu socego,
Pois amor com desapego,
Propinou a duva morte;
Da saudade pelo corte
O meu peito foi rasgado,
E neste infeliz estado
Bebendo o fel da amargura,
Supporto com desventura
Um tyranno e cruel fado.

Céus, oh Céus, eu supportar
Posso ainda o teu rigor!
Ah! venha tartareo ardor
A minha alma affoguar:
Que eu vivesse para amar
Quiz amor; mas separou-me!
Justos Céos! assaz roubou-me,
Fugio de mim o prazer,
Já não posso mais viver
Minha Marília deixou-me.

Sem Marília encantadora
De Amor suave atractivo,
Não posso achar lútilva,
Ardo em chama abrazadora:
Viva magoa affligidora.
Rasga meu peito anciado,
E pelas furias cercado,
Invocando sempre a morte,
Sem mudar nunca de sorte,
Sou de todo desgraçado.

CHARADAS.

5.ª

A isto cheguei }
Por muito arder } 2

Forte expedição }
Me fez perecer. } 2

No corpo humano
Hei de apar'cer.

6.ª

Mil remorsos cruéis te pezam n'alma }
Tu não cumpristes as leis amaste o crime } 1
Teus encantos ó Julia a formosura }
Do mer'cido castigo, oh! não te exime. }

D'encontro a morte impavida caminha }
Entra em duro combate pavoroso... } 3
Tudo é horror; mas desprezando p'rigos }
Lá cinge os louros do valor brioso. }

Que Lysia te respeite, eis os meus votos,
Que sempre te consagre a fé mais pura;
Que nunca te despreze; e sempre admire
A virtude, a moraa, que em ti fulgura,

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N.º 2.

A 1.ª = VENUS = a 2.ª = PANTALÃO = a 3.ª =
SALGADO = a 4.ª = MARMOTA =



PRINCIPIOS

DE

MORAL, VIRTUDE, E CIVILIDADE.

(Marquez de Maricá.)

Quando defendemos os nossos amigos, justificamos a nossa amizade.

Os homens enganão-se miseravelmente quando esperão achar a sua felicidade, mais na forma dos seus governos, que na reforma dos seus costumes.

A escravidão nos amantes é ambição do senhorio. O summario da vida femenina são amores na terra e mais nos céos.

O retiro para o sabio não é solidão, mas sociedade e correspondencia com Deos.

As revoluções politicas resolvem-se ordinariamente em deslocações e substituições.

E' molina a condição dos povos em que faltão lavradores, e sobejão legisladores.

Louvamos por grosso, mas censuramos por miudo. Não admira que os moços sejão prodigos e os velhos avarentos: no physico e moral a mocidade é expansão, e a velhice contracção.

Na montanha gosa-se mais, porem o valle é mais abrigado.

Hum governo sem prestigio e força, aliena e desencana os povos.

O temor da morte é a sentinella da vida. Hum sexo é a metade de outro sexo, ambos elles se procurão, porque unidos se completão.

Ha muita gente infeliz por não saber tolerar com resignação a sua propria insignificancia.

Nenhum homem é tão bom como o seo partido o apregoa, nem tão máo como o contrario o representa.

A razão prevalece na velhice, porque as paixões tambem envelhecem.

A virtude é agro-doce, mais o vicio doce-amargo. A razão dos philosophos é muitas vezes tão extravagante como a imaginação dos poetas.

O nosso orgulho nos eleva para nos precipitar de mais alto.

A intelligencia humana é um reflexo da divina, como o clarão da lua é reverberação da luz do sol.

A gente moça evita a companhia dos velhos, como as pessoas suadas o ar que as pôde constipar.

As revoluções que regenerão as nações velhas, arruinão e fazem degenerar as novas.

Os sabios vivem ordinariamente solitarios: receião se dos velhacos, e não podem tolerar os tolos.

Os povos em revolução exigem que se lhes rendão graças pelos seus proprios crimes e desatinos.

A mocidade se compraz nas revoluções como no movimento.

Maranhão.

Typ. MONARCHICA CONST. DE F. DE S. N.
CASCAES. ANNO DE 1842.



ORLANDO FURIOSO



PARANANHIENSE,

PERIODICO DE INSTRUCCÃO E RECREIO.

N.º 4.

SEGUNDA-FEIRA 15 DE AGOSTO.

1842.

ANALYSE DA ESTAMPA.

POESIA.

O DELIRIO DE ORLANDO.

EXTRAIDO DO CANTO 23 DO POEMA DE LODOVICO ARIOSTO, INTITULADO

ORLANDO FURIOSO.

DE seguir fatigado o Sarraceno, (1)
 Chegou Orlando a cristalino rio,
 Que por florido prado s'estendi,
 Que de rico tapiz Natura ornava,
 Bastas frondosas arvores cobriam.
 Quente soão tornava grata a sombra
 Ao despido Pastor, e ao duro armento,
 E a Orlando mais que incomodava um pouco
 O pezo da couraça, escudo, e elmo:
 Entra no bosque a descansar, mas teve
 Quanto possa pensar-se, duro alvergue,
 E impia mansão neste infelice dia.
 Voltando em torno a vista encontra escritos
 Muitos arbustos na ramosa margem,
 E, mal que attento os fita, reconhece
 Serem da Deusa sua os caracteres:
 Era aquelle um dos sitios venturosos,
 Onde a miúdo com Medoro vinha
 De casa do Pastor, que perto estava
 A bella Dama do Catal Senhora. (2)
 Angelica, e Medoro, ambos unidos (3)
 Em laços cento, e em cem logares olha,
 Quantas as letras são, tantas as puas,
 Que desabrido Amor n'alma l'ent rra.
 Vai buscando co'a idéa em varios modos,
 Não crer quando crer deve a seu despeito,
 Q'outra Angelica seja a crer s'esforça,
 Que nos troncos alli deixasse o nome.

(1) Mandricardo, Rei da Tartaria.

(2) Angelica, Rainha do Catal, a quem Orlando amava.

(3) Medoro era Mancebo d'humilde nascimento, mas gentil em extremo, que militava no Exercito dos Mouros que sitiava Paris. Angelica o encontrou quasi morto, curou-lhe as feridas, e casou com elle namorado da sua formosura. Vide Or. Cant. 19 est. 29 até 31.

Diz depois « estas notas bem conheço:
 « Mil irmãs destas tenho visto, e lido,
 « Talvez que ella imagine este Medoro!...
 « Talvez, que este anagramma elle me ponha!..
 Com taes opiniões, que da verdade
 Jam tão longe, o mal contente Orlando,
 Fraude usando a si proprio, inda a seu lado,
 A esperança susteve alguns momentos,
 Porém debalde; quanto mais procura
 Dentro n'alma apagar a impia suspeita,
 Mais a impia suspeita innova, e arde.
 Qual Ave incauta, que inviscada fica,
 Quanto mais bate as azas, mais forceja
 Para ao visco fugir, mais este a prende.
 Orlando chega onde se curva o Monte
 Sobre a limpida fonte, e um arco imitta.

Adornavam na estrada o sitio bello
 Com tortos ramos héras, e parreiras:
 Costumavam aqui no ardor do dia
 Abraçar-se os felices dous amantes:
 Tinha alli, mais que os sitios adjacentes,
 Já de negro carvão, ou niveo gesso,
 Escritos, ou d'agudo ferro á ponta
 Esculpidos seus nomes dentro, e em torno.

Alli descendo a pé o afflicto Conde
 Sobre a entrada da gruta observa, e nota
 Palavras, que Medoro alli gravára
 Com sua propria mão; todo estasiado
 Do prazer que na gruta disfructava,
 Esta sentença a versos reduzira,
 Que fora, me persuado em seu idioma,
 E era em nossa language este o sentido.

« Limpidas aguas, verdejantes hervas,
 « Alegres plantas, espelunca opaca,
 « Que frescas sombras tão amavel tornam,
 « Onde a formosa Angelica nascida
 « Do altivo Galafron, que tantos tempos
 « Cobiçaram sem fracto amantes centro,
 « Mil vezes jazeu n'ua entre meus braços,
 « Recompensar-vos tão macio amparo,
 « Não póde o pobre, misero Medoro,
 « Mais que em louvar-vos sempre, supplicando
 « Todo o amante, Donzellas, Cavalleiros,
 « Viajantes, ou incolas, que um dia
 « Aqui traga fortuna, ou proprio arbitrio,
 « Q'á herva, a sombra, ao antro, rio, ás plantas
 « Digam, a Lua, e o Sol tenhaes benignos,
 « E das Nymphas impida o couro amavel,
 « Que a vós algum Pastor conduza o gado. »

Era pois isto em Arabe, este idioma,
 Tambem como o Latim sabia o conde,
 Entre as em que era prompto immensas linguas,
 Promptissimo era nesta o Palladino;
 Mil vezes lhe foyrara allouca e danno

Achando-se entre o Povo Sarraceno,
Mas não s'uffane se lhe deu proveito,
Q'um mal ora lhe faz, que obtem desconto.
Trez vezes, quatro, e seis devora os versos
O misero, sem fructo procurando
Escrito ali não ver quanto acha escrito,
E claro mais, e mais encontra sempre,
Sentindo cada vez no peito ancioso
Gelida mão, que o coração lh'aperta,
Vem por fim a ficar c'o a idéa, e olhos
Fixos na pedra á pedra indifferente.
Quazi esteve a ficar sem cor, sem vida:
Tanto s'entrega á dôr, tanto ao tamento;
Credê quem vezes mil o tem provado,
Excede este pezar as penas todas:
Désfallecendo deixa sobre o peito
A cabeça cair, e achar não pôde,
Tanto excesso de magoa a alma lh'afoga,
Vóz ao queixume, lagrimas ao pranto.
A impetuosa dôr no peito fica,
Q'em confuso tropel sair tentava:
Assim vempoz ficar a agua no vazo,
Que largo o bojo tem, e a bocca estreita,
Que voltando-se a pino atropelado
Tentando o humor sair, tanto s'apressa,
Q'indo entalar-se na passage augusta,
A gota, e gota a custo vai correndo.
Eis volve um pouco a si, e, pensa o como
Possa não ser verdade quanto ha visto;
Q'infamar do seu bem quizera o nome
Algum maligno crê, deseja, espera,
Ou cravar-lhe o punhal acicalado,
Do ciume cruel por dar-lhe a morte,
E que tenha o cruel, fosse quem fosse,
Della ao vivo imitado os Caracteres.
Então pequena, e debil esperança
O espirito reforça, e anima um ponco:
Depois de Brighadoro o dorso opprime, (1)
Quando ao nitido Phebo a Irmãa rendia,
Não muito caminhava, eis que dos tectos
Vê em globos ao ar subindo o fumo:
Sente cães a latir, mugir rebanhos,
Entra n'Aldéa, e toma aliojamento.
Fulgado s'apêa, o Brighadairo
Deita o esperto Rapaz, que delle cuida,
Outro o desarma, outro as esporas d'outro
Lhe tira, outro a pulir, vai prompto as armas,
Era esta a mesma caza onde Medôro
Jacto ferido, e teve alta ventura,
Deitar-se pede Orlando, e cea escusa,
Farto de dôres, não d'outro sustento.
Tanto mais alcançar busca repouso
Tanto maior trabalho encontra, e pena:
Pois que do odiado escrito as portas todas
Janellas, e paredes vê cobertas:
Quer perguntar, e o labio a voz embarga,
Porque recêa o misero o successo,
(Que procura offuscar d'obscura nevoa,
Para o menos sentir,) ver claro, e certo.
Mas que lhe monta usar fraude a si mesmo?
Sem de tal inquirir, lhe narra tudo;
Tentando o bom pastor modificar-lhe
A pezada tristeza, que o consume,
A historia dos felices dous amantes
Que mil vezes narrou, que ouviram muitos,
E ouviram com prazer, lhe narra uffano,
Como, da linda Angelica implorado,

(1) Nome, que Ariosto, seguindo Boiardo, no Orlando Inamorato dá ao Cavallo, que Orlando mais estimava, veja-se o mesmo Ariosto ubiq.

Medôro conduzira á sua Aldéa,
Gravemente ferido, e que ella a chaga
Cuidadosa pensou, curou-lha em breve:
Mas que em seu coração amor travesso
Outra abriu mais profunda: e que abraçando-a,
Subio tenue fagulha a tanto incendio,
Q'ocultar-se não pode, e enfim transpira.
E sem dar attenção a que era prole
Do maior dos Monarchas do Levante,
Pelo excessivo amor foi constringida
A dar-se Esposa a um simples cavalleiro,
Veio por fim a terminar se a historia,
Em mostrar o Pastor ao Paladino
A joya, que ao partir, em premio grato,
Do bom hospicio Angelica lhe dera.
Tal conclusão é rigida secure,
Que d'um golpe a cabeça leva ao triste:
Após que d'um sem numero de golpes
Cansou de atormentar o amor tyranno:
Dissimular a magoa Orlando intenta,
Mas debalde forceja, ella é mais forte:
D'olhos, e bocca em prantos, e em suspiros,
Cumpre, queira, ou não queira, em fim rebente.
Mai que soltar a redea pode ás penas,
Sem respeito d'algum, pois que só fica,
Dos olhos inundando as faces todas,
Corre um rio de lagrimas ao peito;
Suspira, geme, e vai em crebras voltas
Daqui, dalli correndo o leito todo,
E mais dura que pedra, e mais pungente
Que se d'ortigas fora a cama sente.
Em trabalho tão aspéro lhe lembra;
Q'ue nesse mesmo leito, em que jazia,
Abraçada d'o amante a ingrata Dama
Em extazi d'amor folgada houvera,
Não d'outr'arte aborrece aquellas plumas
Nem com menor presteza dellas salta,
Q'o Rustico da relva onde deitado,
Indo os olhos cerrar depara a serpe.
Leito, casa, Pastor, n'alma lh'acordam
Tão subita aversão, que, sem que espere
Da Lua a branda luz, ou que rayando
Conduza a madrugada o novo dia,
Toma Cavallo, e armas e caminha
Pelo mais tenebroso da floresta;
E quando observa que ninguem o escuta,
Abre as portas á dor em gritos, e urros.
De chorar, de gritar não cessa hum ponto.
Ou seja claro dia, ou noite escura,
Foge aldeas, cidades, pelos bosques
Descoberto a jazer na dura terra,
De si se maravilha, que conserva
Tão viva fonte d'agua na cabeça,
Como possa éxalar tantos suspiros,
E mil vezes consigo diz chorando.
« Lagrimas não são estas, que dos olhos
« Em tão larga torrente estou vertendo:
« Não supririam lagrimas a magoa
« Fingar, que inda no meio existe apenas,
« Ora o vital humor do fogo extincio
« Dos olhos toma a estrada, e delles foge;
« Elle é que se derrama, e que ha de a um tempo
« Trazer ao ponto extremo a dôr, e a vida.
« Estes que indices são de meu martirio,
« Não são suspiros, taes nunca elles foram,
« Que suspiros dão treguas, e eu não sinto
« Q'a pena o peito meu exhale um pouco;
« Amor que o coração m'abrazza, e queima
« Este vento produz, em quanto inquieta
« Circumvoando ao fogo as azas bate
« Amor porque milagre portentoso

CHARADAS.

7.º

Isto faz o dourador—2
S'ê forte custa a soffrer—1
Apresento esse objecto, inda que falso,
Pelo qual o mortal anda a correr.

8.º

Ao verbo=ser=pertenço—1
Na Luz historia ei lugar—1
Quem assim for generoso
De continuo está a praticar. } 1

Para adorno, defeza, e valor,
Ao guerreiro precisa sou;
De mim se servio Alexandre,
Quando o forte « Nô » cortou.

9.º

Do navio a melhor parte—1
Todas as couzas o tem—2
Peleja o guerreiro
Para me ganhar;
Para qu' a vindouros,
Sua gloria vá mostrar.

10.º

A mulher criminoza
N'isto se vem a tornar; } 1
E no processo os Juizes,
Assim a fazem notar. } 1

Se mancebo assim ha... }
Oh como é formozo!... }
Faz da bella o encanto, }
E tambem é ditozo. } 1

Appellido sou d'homem,
Mas verbo tambem sou;
Tanto nome como verbo,
Ao homem só me dou.
(por D. J. Pereira.)

EXPLICAÇÃO DAS CHARADAS DO N.º 3.

A 5.ª =COTOVELLO=A 6.ª =RELIGIÃO.

ROMANCES.

UMA INFIDELIDADE.

Que tendes esta manhã bella marquezã? Parecedo
tão triste e tão agitada?!
Vossa Magestade, é mui benigna em tomar nota do
meo estado.
Como assim! Vós sabets que não ha pessoa em mi-
nha casa por quem me interesse mais que por vós.

« Entre chammãs o tens sem que o consumas?
« Não sou, não sou quem meu aspecto indica,
« Morreo quem era Orlando, e jaz na terra;
« Deu lhe a morte a prejura, que adorava,
« Tanta Guerra lhe fez sua inconstancia!
« Sou o espirito seu delle apartado,
« Que penando voguea neste inferno,
« Porque seja co'a sombra, que só resta,
« Exemplo aos que em amor poem esperanza.
« Toda a noite vagou no bosque o Conde,
« E ao despontar da rosea madrugada,
« Seu destino o levou de novo á fonte,
« On-le Medôro o distico esculpira;
« Sua injuria observar escrita, e clara.
« Com tal força o ferio, d'arte o transporta,
« Que é todo odio, furor, vingança, e raiva,
« Sem mais se demorar a espada arranca,
« Talha escrito, e penado, vão aos ares
« Os mininos fragmentos: triste a gruta,
« Misero o arbusto, ou o tronco em que se encontra
« D'Angelica, e Medôro impresso o nome!
« De maneira os deixou que fresco, ou sombra
« Mais não darão a gados, e a Pastores;
« E a fonte que tão limpida corria,
« Té não pôde escapar d'Orlando ás furias,
« Que pedras, troncos, ramos, folhas, terra
« Não cessou d'arrojar nas claras ondas,
« Té que de sorte as enxovalha, e enloda,
« Q'a ser limpas, e claras não tornaram.
« Mas quando lasso, e de suor coberto,
« Já não acha vigor correspondente
« A' colera, á paixão, ao odio, á furia,
« Cae sobre o prado, e para o Céu suspira.
« Cansado, afflicto, enfim cae sobre a relva,
« Fixa os olhos no Ceo, e immovel fica,
« Sem dormir, sem sustento, assim tres vezes
« O vio nascendo o Sol, e o Sol morrendo.
« Não cessou de crescer a pena acerba,
« Q'ao auge sobe em fim, lhe varre o sizo,
« Em frenez violento ao quarto dia,
« S'ergue, e arroja de si malha, e loriga.
« Aquí lhe fica o escudo, o elmo alli fica,
« Longe o arnez, o corpetto inda mais longe,
« Allim todas as armas espalhadas
« Por aqui, por alli jazem no Campo,
« Rasga o facto depois, e descoberto
« Mostra o hispido ventre, o peito, as costas,
« E começou a horrifica doudice
« Q'inda, não teve igual desde que ha Mundo.
« E' tanto o seu furor, a raiva é tanta,
« Que todo o sentido se lh'offusca,
« Tomar a espada não veio á idéa,
« Q'altas cousas com ella executara,
« Mas ella, nem bipene, nem machado,
« A seu vigor immenso era precizo,
« E fazendo altas provas, qual só ia
« Arrancou de um puchão pinheiro antigo.
« Iguaes a este depois outros arranca,
« Como rasteiro mato, ou frageis Endos:
« Olmos velhos, Carvalhos, Freixos, Faias,
« Abetos, Azinheiras: d'igual modo
« Que para as redes pôr, mondando o Campo,
« Sagaz passarinho trata Ortigas,
« Lasserantes Espinhos, brandos Juncos,
« Tratava o insano Orlando antigos troncos.

(Por o Sr. Joze Maria da Costa e Silva.)

— Oh! sim— eu o sei! Vossa Magestade me tem dado d'isso mil provas.

Bem está; dai-me pois uma prova de confiança, fazendo com que eu tome parte em vossos desgostos.

Ha muito tempo que o teria feito se não receiasse ser importuna.

Vós nem sempre podeis estar comigo, bella marquiza. Levantae pois esses lividos olhos fixos na terra; desterrae de vossas lindas faces esse rubor infantil, e fallae-me como á uma confidente, como á uma amiga. As duas personagens que assim discorrião, tão tímida de um lado, e tão corajosa do outro, era a rainha de França, Maria Antoinetta, e sua segunda dama d'enfeite a joven marquiza de Sequeville. Unidas por sympathia do coração não menos que pela relação de idade, ellas se amavão quanto se pôde formar uma soberana e uma subdita, mas que pela sua formosura, ambas partilhavão fraternalmente as homenagens da corte. Sua conversação tinha lugar no fundo do palacio das Tullerias, durante o *toilette* de banho de S. M., que a marquiza acabava de apromptar por suas proprias mãos, com a ajuda de de tres criadas graves.

Vamos, marquiza, repetio Maria Antoinette, logo que se achou só com ella, abri francamente vosso coração: é por ventura alguma desgraça que vos aconteceu, alguma perda? Eu vos escuto, disponde de mim. A excessiva benevolencia de V. M. me confunde, e me captiva: não tenho experimentado nem perda nem desgraça; mas estou por momentos á sofrer ambas ao mesmo tempo.

Ah! meo Deus! Como assim!
V. M. sem duvida tem ouvido fallar esta semana do duello de M. o visconde Mareilles... Capitão das guardas francezas?

Certamente... com o cavalleiro de Chavignac. Que asseguraõ recebeu uma ferida mortal?

Sim! (acompanhado de um profundo suspiro.)

E' esse o que vos interessa, cara dama?

O cavalleiro? Oh não. Mas o visconde...
Ah! bem percebo?

Está bem! dizem que vae pagar a sua desgraçada coragem com a demissão de seo posto, e um exilio perpetuo na sua terra.

E' verdade. Eu vi hontem o decreto submettido por seos chefes á approvaõ do rei.

Grande Deos! E estará elle já assignado? Não. Todas as vezes que se trata de punir Luiz XVI se demora ao menos tres dias para formar a sua opinião.

A! tanto melhor. Porque se V. M. se dignasse acrescentar aos seos favores para commigo o mais importante de todos, qual era obter a clemencia real contra os rigores da justiça militar?

Este calor me espanta, marquiza... Que titulo tem pois o visconde de Mareilles a um tão vivo interesse?

A' esta pergunta feita tão friamente, Madame de Sequeville corou e ficou muda.

E' elle vosso parente? insistio a rainha.

Compreendo, acrescenta ella, vendo a joven marquiza persistir em seu silencio, vós amaes M. de Mareilles. Estas ultimas palavras forão pronunciadas com uma tristeza profunda, que espantou á dama.

V. M. me desapprova? pergunta ella com uma tremula voz.

Porque me não confiastes a mais tempo este segredo, responde docemente Maria Antoinette. Eu vos poderia esclarecer com fructo acerca de Mr. le visconde Mareilles. Que quereis vós dizer?

Que merece bem pouco a honra que lhe fazes, e mesmo aquella que vós lhe estaes reservando? Confesso que eu lhe tinha dado esperança de obter a minha mão,

e que o julgava perfeitamente digno de substituir M. de Sequeville.

Terrível erro, marquiza, do qual eu devo dissuadir-vos a tempo, ainda que vos desgoste...

Justo ceo! A que ponto se refere V. M.?

A fazer-vos saber que M. de Mareilles vos tem enganado, se vos tem dito que vos ama. Elle mo dice e provou, Madame! Sem duvida é calumniado...

Tranquilisae-vos pobre rapatiga! por quanto vós sois ainda criança. Ah! Apesar da vossa viuvez, conselhos e experiencia te são necessarios. Sabei pois uma coisa que só vós ignoraes. O visconde é um inconstante de seo estado, que quotidianamente põe aos pés de todas as mulheres da corte, os protestos e juramentos que depoz aos vossos...

A! Não é crível... E' impossivel Madame.

E' uma verdade, marquiza; eu o sei de boa parte, que não é suspeita.

De quem?

Vós julgaes que eu o não possa dizer: basta a minha asserção a mais positiva.

O respeito não persistio á uma dama d'enfeite contradizer um real testemunho tão fortemente pronunciado. Mas um movimento de cabeça timidamente inchado, indicou que ella olhava sua estima por M. de Mareilles tudo deixando na rainha sua opinião desfavoravel.

Assim, Madame, diz ella sómente, depois de um momento de silencio, eu faço mal em esperar de V. M. protecção para com o rei...

Escutae, marquiza. Si o visconde não vos inspirasse senão um interesse ordinario, sempre disposto á indulgencia, eu certamente não hesitaria em obter um favor sem inconveniente; mas desde o momento que tivesteis a desgraça de amar esse homem, eu seria verdadeiramente culpada, em vos roubar a occasião que vos offerece a providencia de o esquecer para sempre, e devo consentir em que elle seja exilado de Paris, em vosso interesse particular muito mais, que no da justiça.

Desde já agradeço a V. M., balbuciou Mad. de Sequeville, e vos peço perdão de vos ter destruido inutilmente.

Ella tinha lagrimas amargas n'estas palavras, bem como em suas palpebras. A rainha o percebeo, e lhe estendeo a mão com o gesto maternal.

Cara marquiza, diz ella com uma sincera emoção, eu vos causo muita dor mas é porque vos amo e estou tão afflicta como vós na verdade. Vamos, tomemos um meio entre a fraqueza e o dever. Prometto-vos que o visconde não sairá de Paris antes de oito dias. Durante este tempo tratae de me provar que eu me engano, e eu farei o mesmo em mostrar-vos o vosso erro. Se eu me enganar, elle permanecerá, se vós, então partirei.

Agradeço, Madame, agradeço! O ceo que vos inspira neste momento, me fornecerá sem duvida os meios de vingar M. de Mareilles.

Eu sinceramente o desejo, mas confesso que o não espero.

Interrumpidas pela chegada de pessoas admittidas á almoçar com a rainha, as duas lindas rivaes se separarão amigavelmente, depois de terem causado de longe alguns signaes de doce provocação.

Passados cinco dias quando Madame de Sequeville saía com as damas d'honra do quarto de Maria Antoinette, esta lhe acenou, e lhe perguntou se tinha achado algum meio de justificar M. de Mareilles.

Ah! responde a marquiza; eu não posso alegar senão um facto em seo favor, é minha confiança n'elle, mais inabalavel que nunca, apesar das terriveis suspeitas que V. M. me inspirou acerca de sua conducta.

Então, cara dama, vós perdesteis o ajuste, repete a rainha com uma ligetresa apparente, destinada a acaçar o effeito de suas palavras.

Como assim? pergunta seriamente a joven dama. E' o que vos vou explicar, proseguio Maria Antoinette com um tom de indifferença tanto mais estudado, quanto ella observou na dama um tremor involuntario.

Meu Deos; sim marquiza, acrescentou ella dirigindo-se para um tremó como para compôr sua coifa: é preciso decididamente renunciar a um amor impossivel, e apressar vos a substituir em vosso coração o visconde de Mareilles.

Por favor, Madame, explicai-vos promptamente: vós me tendes em supplicio.

Coragem, cara marquiza, tomae a causa como eu, e não facaes a honra do menor pesar por um indigno, que d'avance se regosija... Eis a historia, porque é uma historia, e vós deveis rir como eu se tiverdes a philosophia conveniente.

A reunião era brilhante hontem á noite no baile mascarado do conde d'Artois; asseguro-vos que fizesteis muito mal em não me acompanhar. Eu muito me diverti no m. o *incognito*, segundo meo costume n'estas circumstancias, e entre outras aventuras que me succederão quanto é saboroso deixar de ser rainha, quando para o tornar a ser não basta senão um gesto: vede o que me aconteceu por espaço de duas horas em um pequeno gabinete separado, onde eu passeava com a duqueza de Vanguyon.

Depois de me haver longo tempo seguido e considerado para se assegurar se era a pessoa que julgava uma mascara coureçoa a *intrigar* da maneira a mais galante. Fingi não lhe dar attenção, até que o podesse conhecer, o que não pude conseguir, apesar da minha vigilancia, quando a duqueza me apertou o braço dizendo pela boca pequena «E' o visconde de Mareilles!»

O visconde!

Não me interrompas, eu vos peço, e não sejaes zelosa por tão pouco. Logo que eu sube a personagem achei a mais bella occasião de o apanhar em fragante delicto de infidelidade, prestei-me sem hesitação ao seo cugano, e respondi á suas amorosas provocações por signaes d'intelligencia analogos. Animada pelo meo zelo por vós cara marquiza, eu nada empreguei para com o meo persiguidor a fim de o prender em meos laços. Minha boca permaneceu fechada com receio de que traisse a rainha de França. Não tardei muito em saber que eu era uma das paixões do visconde, que elle sempre tinha esperado n'aquelle baile, que está mui seguro que sua desgraça proxima em nada mudaria meos sentimentos; finalmente fez uso de todas as protestações que se costuma fazer á uma pessoa de quem se espera a felicidade. Confesso que o infiel acompanhou tudo isto com um calor e animação de que não julgava susceptivel, á vista do que d'elle se me tinha dito, e mui suspeito, minha cara, que se alguma de vossas rivaes é sinceramente amada, é aquella de quem eu tenho a honra de ter o lugar; mas ainda isto não é tudo, escutai o resto. Depois de uma serie de mil protestos cada um mais expressivo e energico, quando me retirava sufficientemente convencida, o mascara fallando-me ao ouvido, e apertando-me a mão me diz que receiava muito de ver sua desgraça e nossa separação apressadas por algum repentino rigor; que é absolutamente preciso fallar-me em particular no dia seguinte, si eu não queria expor-me a perder os seos adeoses.

Depois d'esse funesto duello, diz elle, não appareço mais na corte, sinão temendo receoso de ser preso a cada momento; contudo irei ainda amanhã á primeira hora á audiencia do rei; dizei-me o logar que melhor vos convem para que eu vos veja e passe convosco

a alienadã personagem a fim de o desenganar cruelmente do seo doce erro; mas reflecti, que seria sacrificar o de minha experiencia; e me decidi a proseguir até o fim.

Amanhã ás duas horas no vestibulo da *petit opera de la reine*, lhe dice eu por cima do hombro, disfarçando quanto pude minha voz.

Ali estarei respondeo logo o visconde, e nos separamos para nunca mais nos unirmo-nos.

Vede minha historia, marquiza: que pensais vós? Quanto a mim eu a acho concludente, e só sinto uma coisa, que o perfido não chegasse uma só vez a chamar-me pelo nome que eu teria quirdo saber, o que me priva do prazer de vos denunciar ao mesmo tempo vosso infiel e vossa rival.

Madame de Sequeville escutou esta narração com uma emoção acompanhada de duvida e indignação, de receio e de impaciencia.

Madame, respondeo ella depois de uma forçada hesitação; por mais o portuno que seja vosso testemunho, eu não posso renunciar ainda a minha confiança. Antes quero accreditar que vos enganae a vós mesmo, julgando enganar M. de Mareilles; que a duqueza de Vanguyon vos fez considerar por elle no barulho do baile, atravez do enganador véo da mascara, um outro que não tem senão uma similhaça apparente com elle...

Joven incredula! exclama a rainha com enfado: é preciso pois fazer-vos tocar as coisas com o dedo, como S. Thomé, para que não duvideis do que se vos afirma. Está bem; observai que são quasi duas horas; vós me acompanhareis ao lugar do *rendezvous*. Ali esperaremos o visconde: vós abertamente no vestibulo, e eu occulta na tribuna visinha. Vendo o perfido chegar á hora apressada então vos convenceréis, eu o espero, nos dareis á ambas o prazer de o confundir.

Accetto a experiencia, Madame, e se elle apparecer, eu me comprometo a banil-o para sempre da minha presença...

E eu a deixal-o desterrar sem piedade, hoje mesmo. Vamos depressa. As duas amigas se dirigirão á pequena opera para os apartamentos particulares de Maria Antoinette, e cada uma tomou sua posição com uma palpitación de coração facil de perceber.

Passado um quarto d'ora, se ouvirão ligeiros passos, e um joven entra no vestibulo...

Sois vós? exclamou a marquiza sobresaltada. Sim.... Madame respondeo tranquilamente o visconde; não me esperaveis aqui?...

Eu! responde a marquiza com surpresa, olhando attentamente o visconde d'alto a baixo.

Sim, eu vos esperava, continua ella com força, convencida de que o sangue frio do cavalleiro não era sinão um papel bem desempenhado; sim, eu vos esperava para vos declarar que vos restituo vossos juramentos, e nada ha de mais familiar entre nós... Adeus, senhor.

E sem duvida ella se retiraria, se o visconde sinão apressasse a surprendel-a.

Madame, diz elle com um tom de espanto o mais sincero e profundo, que signiica isso, eu vos supplico? e de que má desintelligencia somos victimas uno do outro? Não foi a vós que encontrei a noite passada no baile mascarado de M. le conde de Artois, com quem falei meia hora de meo amor, e de meos receios, e que me haveis a final dado esta hora de *rendezvous*, ao qual eu me apressei a não fallar? Sim, certamente fosteis vós, pois que eu vos acho aqui. Não nos poderiamos enganar ao mesmo tempo: e realmente não comprehendendo isto...

Elle para, vendo os olhos da marquiza...

MUSEO MARANHENSE.

Acaso nego eu, contestou Renato, que sou culpado! Porém a faculdade que tenho de convencer-me não tem cedido a nenhum de vós. Dizendo isto lançou a José um olhar ameaçador como no tempo de suas desavenças domesticas. Valentin batendo com a sua espada no chão, dice:—Renato tem razão; elle foi um ingrato para com nossa mãe, mais ninguem tem direito de o convencer aqui. Dizendo isto metteo-se entre os dois irmãos receando que elles viessem ás mãos como em outras occasiões.

Porém as severas palavras de José não tinham chegado ao coração de seu irmão Renato, cujos pensamentos são todos a respeito de sua mãe.

Valentin era soldado dragão, Roberto era mercador, José vivia com um letrado.

Renato concervava a mesma posição chamando a sua mãe, que já não podia ouvir-o, quando de repente ouviu um gemido aos pés da cama. Todos ficarão surprehendidos como se o grito de uma menina lhe viesse fazer lembrar o que tinha esquecido.

E nossa irmã, dice Renato, é da nossa familia. É verdade, responderão os outros, de sorte que a qui estamos cinco orfãos.

O que havemos de fazer com esta infeliz creadora? dice Roberto.

José dice, é preciso por todos os modos pensar nos meios de sua subsistencia. Já sua mãe tinha providenciado a seu respeito, dice uma velha entrando, e todos a conhecerão ser Gervasia Perrot, amiga da defuncta.

Já vejo que vim tarde, para assegurar á minha vizinha que cumpriria a sua ultima vontade, porém já estou velha para poder correr pelas ruas, e só hoje recebi a sua carta.

Como, Vm. tem uma carta de nossa mãe? dice Renato, vejamo-la. Eis aqui o testamento de vossa mãe, que de todos vós se lembrou.

Lê de-o, dice Roberto, pois a todos nos toca. José que lia melhor que os outros abriu e lêo: Minha boa vizinha, Deus chama-me a si em bem triste circumstancias. Chamou a meo querido Jorge, sem duvida para premiar as suas virtudes, porém obriga-me a deixar no mundo uns irmãos desavidos entre si, e uma orfã sem apoio.

Se tivesse entre os meos filhos o mais debil vinculo de amizade lhes deria: aí tendes a vossa irmã, entregue-a ao vosso cuidado, a minha benção vos acompanhará sempre: porém como sei que minha filha será infeliz com elles, não lha entrego. Quando eu expirar virás buscar a menina, unica pessoa de toda a minha familia, que algum dia me achará de menos: e a cobrirás com um panno de luto, e a levarás á casa dos expostos, que que lhe servirá de mãe, sem nunca a poder supprir, porém não ha outro remedio; lá achará muitos a quem amo, eu só tinha ella.

Se algum dia algum de seus irmãos se lembrasse de lhe fazer algum bem, que lho faça; o meo coração já se antecipa a agradecer-lho. Adeus, minha querida vizinha, não tenho forças para continuar. Crede que muito me afflige morrer em tanto abandono. Se algum dia encontrardes meos filhos, assegurae-lhes que não morri sem dar-lhes a minha benção, e dirás a Renato que lhe perdo-o.

Seguiu-se grande silencio á leitura de tão terna carta, pois nenhum dos irmãos achava palavras para rompel-o. Procurando cada um ler nos olhos do outro o que pensava: todos estavam calados e pensativos, não sabendo se convirião entre si, quando justamente pela primeira vez estavam de accordo.

Gervasia, não menos commovida do que os orfãos.

quem nunca mais verá. Vamos, da-lhe um beijo, e dize-lhe adeus para sempre.

Renato rompeo o silencio exclamando: não, minha irmã, não irás para os expostos. Os outros tres irmãos ficarão admirados, e Gervasia que ja estava preparando a menina ficou parada.

Minha mãe, continuou Renato, já me não podes ouvir, porém juro ainda diante de ti, que já estas na presença de Deus, de amar a minha irmã como tu merecias ser amada, e de a proteger como tu me protegeste. Tudo quanto te devo o pagarei á ella, e posto que fui ingrato para contigo serei agradecido para com ella. Não gosto de trabalhar, mas buscarei trabalho: se amava o jogo e as desordens, de hoje em diante fugirei d'elles. Tenho um officio e me entregarei a elle. Todos dizião Renato será sempre um vagabundo; mas eu provarei que tenho em mim o germen da honradez, e já que tu me perdoastes farei quanto possa para tornar-me digno do teu perdão.

Todos os outros irmãos, que estavam estupefactos á conversão de Renato, prometterão e concordarão em concorrer todos á sustentação de sua innocente irmã, pagando assim o que devião a seus paes.

Em nome de vossa mãe que aqui se acha presente, dice Gervasia, levantando parte do panno que cobria a cara da defuncta, em nome desta minha boa vizinha dou-vos de novo a sua benção, porque vejo que sois boas filhas, e em fim que sois irmãos.

A pobre velha nos entregou a menina, e arrebatada pelos sentimentos de ternura que excitou aquella scena, nos abraçou a todos quatro, e conseguiu reunir-nos de todo que nos achamos involuntariamente abraçados, e admirados de apresentar pela vez primeira quão suave coisa é a união.

VARIEDADES.

AS COUZAS DE MAIOR VALOR, ANTIGUIDADE, E SABEDORIA, &c. NA OPINIÃO DE THALES MILESIÓ.

Perguntado Thales Milesio, Sabio da Grecia, qual era a cousa mais antiga, respondeu que Deos. Qual mais formosa, o Mundo. Qual maior, o Lugar. Qual a mais veloz, o Pensamento. Qual a mais forte, a Necessidade. Qual a mais doce, a Esperança. Qual a mais facil, o dar conselho. Qual a mais difficil, o conhecer-se a si mesmo. Qual a mais sabia, o Tempo. Qual a melhor, a virtude.

RESPOSTA SUBLIME.

Sabião uns Mancebos extravagantes nús ao encontro de Livia, Mulher de Augusto; e julgando se que por este insulto erão dignos de morte, respondeo ella: Não ha causa para que sejam castigados, porque estes parecem estatuas á mulher casta.

DITO DE UM ANTIGO.

Perguntarão a um velho Romano, se tinha alguma defeito? O meu visinho vo-lo ditál respondeo o Ro-

MYTHOLOGIA.

ANIMAES CONSAGRADOS ÁS DIVINDADES.

QUADRUPEDES.

- o Leão era consagrado a Vulcano.
- o Lobo e o Cavalo. . . a Marte.
- A Corsa a Diana.
- O Cordeiro. a Juno.
- O Veado a Hecate.
- A Porca a Hecate.
- O Burro a Isis.
- A Ovelha. ás Furias.
- O Cão aos deoses Lares e Penates.
- A Lebre e a Panthera. a Baccho.

AVES.

A Aguia era consagrada a Jupiter, ordinariamente ve-se aos pés deste deos, sustentando entre as unhas um raio. E considerada tambem como o simbolo das legiões e o tipo ordinario dos imperios; ainda designa a apothese dos imperadores.

O Pavão, ave consagrada a Juno: é o simbolo da vaidade, e designa tambem a apothese das princesas.

O Corvo e o Cisne erão consagrados a Phebo para marcar, pela differença de suas cores, que este deos sabia tudo o que os dias e as noites podem produsir.

O Gavião, entre os Gregos, era consagrado a Apollo, de quem era prompto e fiel mensageiro; era tambem um dos symbolos de Juno para denotar a inveja que a animava.

A Pomba, ave favorita de Venus; ella a trazia na mão, e amarrada ao seu carro.

A Coruja era consagrada a Minerva, como simbolo da vigilancia; e, por esta razão, os Athenienses tinham por esta ave um respeito particular.

O Galo era consagrado á Minerva, Mercurio e Esculapio. Era tido como simbolo da vigilancia. Os Galos tinham tomado por insignia o galo: os Francezes tiveram-no longo tempo por emblema, e as moedas cunhadas no thesouro de Pariz conservão-no ainda.

O Pato: os Egyptios sacrificavão esta ave a Isis, e os Romanos a Priapo.

O Picanço era consagrado a Marte.

A Pega e todas as outras aves, excepto a coruja, erão consagradas a Baccho.

Os Macaricos erão consagrados a Thesis, porque, dizem, esta ave choca sobre agua e entre os canaviaes. Os antigos olhavão-os como um simbolo de paz e tranquillidade. Chamavão alcynis dies os dias em que não litigavão.

PEIXES.

- o Barbo era consagrado á Diana.
- A Enxova, á Venus.
- o Atum, á Neptuno.

REPTIS.

A Serpente era o simbolo da medecina e dos deoses que á ella presidem, como Apollo e Esculapio. Plinio dá muitas razões, e, diz elle, porque a serpente serve para muitos remedios: ou porque denota a vigilancia necessaria a um medico,

ANIMAES FABULOSOS.

A Phenis, ave fabulosa, de que os Egyptios fizerão uma divindade. Nos antigos monumentos, é um simbolo ordinario da eternidade, e entre os modernos o da resurreição.

A Hydra de Lerne, monstro terrivel, era consagrado a Hercules.

O Gryfo, animal fabuloso, que por diante assemelha-se á aguia, e por detras ao lio, com orolhas direitas, quatro pés e uma longa cauda. Não somente é o simbolo de Apollo, porém acha-se tambem algumas vezes consagrado a Jupiter, e até a Neméses.

O Dragão era consagrado á Minerva, para marcar a verdadeira sabedoria que não dorme nunca; era tambem consagrado a Baccho, para exprimir os furores da ebriedade.

O LEIGO E O LADRÃO.

Antes da revolução franceza, succdeo um caso, que seria tomado por fabuloso, se elle não tivesse sido authenticamente contestado.

Um leigo pedinte do convento dos Capuchinhos em Mendon, voltava para o seu mosteiro com a sacco cheia de provisões, prodigadas pelas caritativas almas (que ainda ás á neste mundo) e havendo tomado um atafio que ia por dentro do bosque, para chegar mais breve ao Convento foi repentinamente atacado por um salteador, que pondo-lhe uma pistola aos peitos lhe pediu a bolça ou a vida: Em vão o pobre leigo lhe representou, que o seu estado annunciando uma denudez absoluta devia pol-o ao abrigo de semelhantes attentados; porém elle foi forçado a ceder, e a pôr sua sacco no chão, bem como a mostrar suas algibeiras, e nitregar trinta e seis francos que havia recolhido d'esmolos.

Já o ladrão se retirava muy vangloriozo de sua preza, quando o monge o chama:

Snr., lhe diz elle, vós tendes sido assas bom por m'haverdes conservado a vida; mas voltando eu para o meu Convento, soffrerei ali tratamentos peores que a morte, porque não m'acreditarão o que accaba de succeder se vós não me fornecis um meio; o que fareis dando-me um tiro de pistola em minha capa para provar que fui atacado com armas de fogo, e que o unico recurso, que tive foi o de abandonar os fructos da minha colheita.—Com toda a vontade, disse o ladrão, apartai a vossa capa.—O capucho estende o manto e aguarda o tiro. . . . o ladrão despara. . . . Oh!, repetio admirado o leigo, o manto não me ficou furado!—É porque eu só havia carregado a pistola com polvora, pois que não queria fazer-vos mal mas tão somente incutir-vos terror.—Ah! senhor, pelo ceo não tereis vós ahí outra carregada com balla; pruguntou cheio d'interesse o malicozo leigo.—Não por certo.—A' estas palavras o monge lhe salta ao pescosso.—Ah patife. . . nós estamos agora igualmente armados. . . então se travou uma luta terrivel. . .

Elle atira com o ladrão ao chão, e lhe descarrega uma chuva de murros deixando-o por morto. . . . retoma então sua sacco, e os trinta e seis francos, e volta triumphante para o convento.

CONCERTO ORIGINAL.

Em 1777 Raimondi deu um concerto musical para o qual tomou por motivo as aventuras de Telamaco, que durou tam somente uma hora.

Eis aqui a distribuição dos papeis:
Telamaco 1.º violão.

Mentor Violoncello.
Calypço Flaota.

Eucharis, nympha de Calypço—um boé.

E todas as mais nymphas tocavam diversos instrumentos de vento.

Começou por uma symphonia que imitava uma tempestade; seguiu-se, um—duo—do primeiro violão, e o Violoncello; representando Telemaco e Mentor, exprimindo sua alegria por se verem salvos do naufragio.

Calypço (a flauta) esperou pela sua vez, e executando um solo figurava conduzir o mancebo á sua gruta. As nymphas juntas tocaram uma symphonia, enterrando algumas vezes por um solo do boé a qual mostrava as expressões d'amor d'Eucharis para Telemaco. Esta scena foi assim entretida até ao momento em que uma symphonia geral, annunciou o incendio do navio. Terminando tudo pelos gemidos d'Eucharis e pranto de Calypço.

A MORTE DE ZOMENY

OU OS ULTIMOS INSTANTES DO HOMEM DE BEM.

Quereis vós saber morrer? Aprendei a viver. Esta especie de axioma houvera se de repetir incessantemente a todos os humanos; os quaes deveramos trazer sempre nos olhos o leito em que havemos de morrer dizendo entre nós mesmos, *allí tenho de acabar*; porque então obrigados desta lembrança olharíamos como cunha para as cousas, sem nos deixarmos embair; e cahiriam no justo valor, e nas decuras da vida virtuosa, olhando de longe sem susto para o termo, a que correm todos os viventes, e tudo o que existe.

Um simples lavrador de certa aldeia sita no territorio de Besancón, chamado Zomeny, deo-nas ha pouco (em 1782) esta lição tão instructiva. Era elle de constituição robusta, juizo naturalmente são, e de probidade reconhecida; e podemos dizer, que foi victima da sensibilidade, e como tal intitulado no direito da esteril honra de figurar nas columnas deste apoucado Jornal.

Gosava pois o nosso respeitavel agricultor a satisfação de ser pae de dose filhos todos vivos e quando o cercava toda esta affectuosa sociedade, afigurava-se-lhes a quem o via, estar na presença de um Monarcha nomeado pela natureza, e acompanhado da sua corte. Todos os cuidados deste homem crão faser bem; se se levantava a discordia n'uma familia, já Zomeny corria a reconciliar uns com os outros, e abraçando-os estreitamente disia-lhes: « Ora vamos, amigos, acomodai-vos, que gosto ha em andares assim mal-avindos? Eu es-tou certo, que me haveis de agradecer, quando pesardes a melhor as cousas: não ha dinheiro, que pague um instante de alegria; e este nunca anda entre pessoas, que se querem mal. » Com effeito, em fim de contas, vinhão todos a cahir na verdade do que lhes disia o bom Zomeny: dissipava-se o máo humor, e depois de hebrearem um traço: despedião-se todos mais amigos, que nunca. « Que tens tu visinho, disia elle ont'ora, parece-me que andas triste? Tenho de semear uma folha de terra, (acodia o visinho) e não posso desenhar a parar a mulher, que está doente, e não tem outro remedio que cure della. » Não he mais que isso? Replicava Zomeny: « pois então amigo, fica-te ao pé de Maria Joanna, que é boa mulher; faze quanto poderes para que se torne a pôr em pé, e não te afflijas, que eu com alguns de meus filhos buscaremos Lazer para adubar mos o teu agro. » Logo vinha se outro a elle, e lhe disia « Pai Zomeny, venho pedir-vos um alqueire de pão, que já se me acabou o meu, e a minha fa-

« milia vai me esperando com fome » leva dois, disia então Zomeny, e Deos dará. Mas eu não tenho dinheiro, tornava o outro, e elle a replicar, e quem te pediu já? Quanto o tiveres mo darás, não é assim? Zomeny, disia-lhe a quem, muito mal te quer Joao; e elle logo « muito digno é esse de compaixão, por que o aborrecer não pôde deixar de mortifica: eu sou muito mais feliz que elle, pois não tenho o trabalho de querer-lhe mal; antes se de mim lhe cumprisse alguma cousa, havia de servi-lo com todo o coração. »

Eis-aqui como aquella creatura virtuosa, benefica, e tão digna de sincero acatamento havia chegado á uma idade avançada, sem padecer a menor molestia, e o que é mais para temer, e mais terrivel, sem remorsos, de que mui poucos individuos das nossas brilhantes convivencias se podem livrar. Já se fez esta reflexão, que raras vezes a boa saude anda desacompanhada da pratica da virtude; e um dos nossos sabios modernos disia: *Não ha cousa que faça lograr tão boa saude como o ser um homem de bem.*

Zomeny se entretinha co'arado desde a boa manhã, quando se lhe foi dizer, que seu filho mais velho, e pai tambem de outros dose filhos, perdera, por um subito accidente, a sua filha mais velha, que tinha já dez e sete annos. Ouvida esta noticia, deixou o bom velho cahir das mãos o arado, exclamando, ah meu Deos! Havi misericordia de minha pobre filha, e dando a correr entra por casa do filho exclamando, morreo a minha Theresa! E logo cahindo sobre o cadaver da neta todo choroso, quando o quiserão apartar dali, estava já estorcido. E acodindo-se-lhe com remedios, que o tornaram a si, disse pondo a mão no coração, aqui me derão o golpe mortal; sim amigos, agora sinto, que heide dizer-vos um adeos para sempre.

Levado dali para sua casa amudarão-lhe os accidentes, sobrevio febre, e tudo remittente á medicina, pelo que o doente disse aos circunstantes, bem previu eu, amigos, que não tornaria a ver me neste mundo com a minha amada Theresa; eu vou, vou-me para ella.

E pedindo logo os Sacramentos, que recebeu com edificativa piedade, vendo-se rodeado dos filhos, e netos, que por todos erão quarenta e tres, tiranda forças da fraquesa, para lhes dar a sua paternal benção, e exortalos a viverem em paz, e união, como se via enterrando com o pranto dos seus, continuou dizendo: não me choreis, amigos do coração, cedo ou tarde todos havemos de passar esta jornada: O cura então querendo cumprir com seu santo ministerio, fazia por adoçar-lhe os horrores da morte; mas elle lhe replicou: senhor cura, ou nunca fui mui entendido, mas sempre alcancei, que devia assemelhar a meu pai e avô: ainda agora me lembro delles, que ambos acabarão em paz neste leito, onde eu vou faser o mesmo. Não é o Senhor Deos pai de nós todos? Pois assim é, eu me lanço no seio de sua misericordia... Meus amados filhos, abri-me aquella janella, para ver ainda a verdura. Aquella arvore: eu a dispuz, que bem me lembra, e era então bem moço: ella ainda tão vigorosa, e eu vou-me—Adeos amigos: já vivi, trabalhei para vós; agora orai a Deos por mim.

Nesta seguridade d'alma, fructo de uma vida de setenta e cinco annos de virtudes, rendeo Zomeny o seu espirito ao Creador.

Depois de morto, exclamou hum dos netos, para a mai, olha mamai o meu bom papai como está dormindo; e na verdade o bom velho parecia estar u'um somno descansado, e respirar lhe ainda no semblante sua alma pura, e beneficentissima. Doce, e affectuosa virtude, tu não és via quieta; tu só podes faser os homens bem-aventurados: tu só podes semear de flores o caminho, e ambitos da sepultura.

O CASAMENTO DESIGUAL.

Um Desembargador, homem fidalgo, casou uma filha com outro Ministro, bom Letrado, e grande valido d'El rei, porém filho de um Ferreiro; e perguntando-se-lhe por que assim casara sua filha com um homem baixo, respondeu: « Eu não olho donde elle vem, mas para onde vai. »

SENTENÇA D'ELREI FILIPPE.

Este soberano, Pai de Alexandre Magno, sendo Juiz de dous homens viciosos, e máus, sentenciou a causa, dizendo: « Que un fugisse logo logo de Macedonia, e o outro, que corresse atrás d'elle. »

RESPOSTA D'UMA VIUVA.

Uma honrada mulher falecendo-lhe o marido, a quem ella amava muito, ficou moça, e apertando com ella alguns parentes que casasse com um viuvo, cuja mulher havia sido mui virtuosa, respondeu-lhes: « Não hei-de casar com tal homem, por não estar-mos quatro em uma cama. »

O MARUJO E O CONFESSOR.

Por occazão da quaresma foi um marujo confessar-se ao Convento da Penha de França, fez o homem a sua confissão, e nella prometeu ao Padre, que ao menos n'aquelle dia havia procurar não offender á Deos. Acabou a confissão, e sahio da Igreja; passado grande espaço de tempo, e chegando o Padre á janella da sella, vê no largo o marujo de conversa com uma moçona, rendendo-lhe fin-zas, e requebros; então gritou-lhe, oh Manoel isso é o que me promettes?... O marujo responde immediatamente:—ah sou Padre, o dito isto, isto não é para oje, é para amanhã.

BOA MANEIRA DE CONSERVAR AMIGOS.

André Vaz, homem valorosissimo, conservando sempre estreita amizade com Thomé Rodrigues, (criado de El-rei D. João III.) succedeu terem uma desavença em uma casa, em que estavam varios homens; e supposto que o amigo lhe disse e muitas palavras asperas, e che-gasse a desal-o para baixo, nunca André Vaz, lhe respondeu com a alguma. Depois foi se o amigo, e disse André Vaz aos circunstantes: « Quem disser que foi cobardia sofrer eu ao meu amigo tudo o que me disse com a paix o escolha dous companheiros, e venham todos tres combater-se commigo. »

ORIGEM DO ADAGIO LATINO—SIMIA IN PURPURA.—

Uma Matrona Italiana de maior idade, mui dada a enfeites, e posturas do rosto, ao tempo que o cardeal Capata a visitava, lhe perguntou que novidades havia em Italia. O cardeal, vendo lhe o rosto mui maltratado por força das unturas, respondeu-lhe: Illustrissima Senhora, mui malas novas tenemos; porque, segun las cosas corren yo estoy viendo Soliman apoderado de Civitavechia. (1)

(1) Civitavechia quer dizer, cidade velha.

Estas exequias de Zomeny forão um espectáculo dos mais sumptuosos; onde não era menos para ver aquelles simples lavradores d'bragarem-se sobre a tumba dando-lhe largamente beijos e lagrimas. De toda parte soavão choros, e gemidos, dos que disião: Já lá vai o bom Zomeny, perdemos nelle nosso pai, e nosso amigo, meus filhos, não haveis de ver outro homem como elle. O Cura teve cuidado de lhe faser depois da estação um elogio simples, e desafectado, que fez chorar todos os assistentes, e lagrimas dessas, que muitas vezes faser brotar obras, e desejos de faser bem. A compaixão quer-se estimulada; e quando o amor proprio, é um dos primeiros virtudes do homem, e se vem uar aquella feliz chama da sensibilidade, necessariamente resulta de ambos a satisfação propria, e a dos proximos. E como só a felicidade grangeada com a virtude tem a vantagem de propagar-se, e dilatar a publica prosperidade, por isso a bemaventurança do vicioso, se estes a podessem gosar, quando muito seria um bem particular, mas incapaz de conferir nada para o geral. Que felicidade pode ser aquella, que nao se comunica com o trem!

AREBODUAS.

O CÃO DE BOLONHA.

Na noite de 13 para 14 do mez de Dezembro de 1823, o domestico d'um estalajadeiro de Bolonha tendo sahido d'esta cidade para conduzir um carro d'avenques a Montreuil, adormeceu sobre o cavallo e cahio em terra. Uma das rodas do carro passou-lhe por cima e matou-o. Os cavallos continuárão seu caminho té Neuville, lugar ordinario da pousada, o estalajadeiro, inquieto por não ver o conductor e seu cão, expedio um postilão para faser todas as diligencias pela estrada. Chegado este á entrada da floresta de Long villiers, ouviu os latidos do cão, e logo o vio junto ao corpo inanimado de seu senhor, ao qual nunca o quiz deixar aproximar. Voltou a Neuville em demanda de mais pessoas; o estalajadeiro tambem veio. Foi este o unico que pôde aproximar se ao cão, porque levava vestida uma camisola azul igual á com que seu senhor estava vestido. Finalmente, atastarão este fiel animal, que enviárão a Neuville: bem depressa elle arrebeitou a corda com que estava amarrado, e voltou ao lugar em que seu senhor havia sido morto. Foi reconduzido a Bolonha, e só no dia 19 é que lhe poderão fazer tomar algum alimento. Muitas carroças de postas que atravessavão a floresta, na noite de 13 para 14, virão se forçadas a tomar o lado da estrada, porque o cão prohibia a todos os passageiros o aproximar-se ao lugar em que jazia o cadaver de seu senhor.

ROMPANTE HESPAÑHOL.

Humã manhã que certo fidalgo Hespanhol, se dirigia á porta del sol, em Madrid, vio estendido no chão, que passava pelo maior valentão.

O fidalgo pára, e pergunta ás pessoas que o rodeavam, com a maior admiração.

—Quem é que o matou?!!!!!!

—Foi Deos!!! respondeu um dos que estavam presentes.

—Deos!!! Deos!!! replica o fidalgo; só se foi á praça, de frente a frente, não era capaz disso.

DA MESMA NATUREZA.

A uma velha muito enfeitada disse Diogenes, vendo-a, passar com pressa: *Si ad vivos properas, falsa es; si ad mortuos, ne cuncteris*; se para os vivos te apressas, vas errada; se para os mortos, não te detinhas.

Daqui nasceu o Adagio supra, por isso escusadamente se enfeitam os muitos annos, porque por mais que ponham, nunca tapanão a velhice, em que não pôde haver formosura.

Ainda a este respeito com energia diz Rufo:

*Aun que de perlas te siembre,
Mico enjermo, y con desmaio,
Quiem bastará a házerte Maio
Si Dios te hizo Dezembre?*



PRINCIPIOS

DE

MORAL, VIRTUDE, E CIVILIDADE.

(Marquez de Maricá.)

Os que não sabem aproveitar o tempo, dissipão o seo, e fazem perder o alheio.

Os importunos são como as moscas que enxotadas, revertem logo.

Os conselhos dos moços derivão de suas illusões, os dos velhos dos seus desenganos.

As crenças religiosas fixão as opiniões dos homens, theorias filosoficas as perturbão e confundem.

O mundo florece pela vida, e se renova pela morte.

Vivemos no seo de Deos que, sendo immenso, nos comprehende a todos.

Os charlatães politicos promettem muito e cubição tudo.

Não vemos os defeitos de quem amamos, nem os primores de quem aborrecemos.

A virtude resplandece na adversidade, como o incenso recende sobre as brasas.

Na admissão de uma opinião ou doutrina, os homens consultão primeiramente o seo interesse, e depois a razão ou a justiça, se lhes sobeja tempo.

Os velhos invejão a saude e vigor dos moços, estes não invejão o juizo e prudencia dos velhos: uns conhecem o que perdêrão, os outros desconhecem o que lhes falta.

Reformar e não inovar é o voto do legislador prudente.

Os velhos são muito ciosos em amor, porque se rejeição da concorrência.

As flores e as mulheres enfeitão e guarnecem a terra.

Quando saimos da nossa esphera, ordinariamente nos perdemos nas dos outros.

Os que anarquião por ambição do poder turvão a agua que pretendem beber.

Os genios mais sublimes são como as exhalações celestes, ardendo e iluminando se consomem.

Aborrecemos o absolutismo nos outros, porque o cubicamos para nós mesmos.

O luxo faz empobrecer a uns, e não deixa enriquecer a outros.

Há verdades que é mais perigoso publicar do que foi difficil descobrir.

Todas as virtudes são restricções, todos os vicios ampliações da liberdade.

O que ganhamos em autoridade perdemos em liberdade.

Vivemos em um mundo encantado que se renova e remoça envelhecendo.

Como os sabios não adulão os povos, tambem estes os não promovem.

A experiencia que não dóe pouco aproveita.

A ignorancia tudo exagera, porque não conhece o justo meio.

Ninguem se vinga com tanto primor como aquelle que, havendo perdoado, se converte em bemfeitor.

Sem referencia de Deus toda a felicidade é inata ou incompleta.

Ainda que perdoemos aos máos, a ordem moral não lhes perdõa, e castiga a nossa indulgencia.

Os homens delinem e classificão as virtudes, as mulheres as praticão.

A autoridade de poucos é e será sempre a razão e argumentos de muito.

Os homens crêm tão pouco na autoridade da propria razão, que ordinariamente a justificão com a allegação da dos outros.

O fraco offendido atraçõa, o forte e magnanimo perdõa.

Perante um audictorio de tolos os velhacos tornão-se facundos, e os doutos silenciosos.

No banquete da natureza os commensaes se succedem, a morte exclue a uns, a vida chama e admite a outros.

Nos partidos politicos a calumnia é moeda corrente que circula sem menor escrupulo nem reserva.

Tendo nós uma só lingua, porem dois braços, devemos ser singelos no fallar, mas dobrados em trabalhar.

Os homens de intelligencia ordinaria não sabem encarecer a propria capacidade sem depreciar a dos outros.

Guardai-vos do prodigo: desbaratando o seu não respeita o alheio.

A vida reluz nos olhos, a razão nas palavras e accões dos homens.

A moidade se expoê para conhecer o mundo e os homens, a velhice se contrõe por havêl-os conhecido.

Louvemos a quem nos louva para abonarmos o seu testemunho.

Ha serviços tão subidos que só a admiração ou a gloria os pôde recompensar.

A facunda dos velhacos é irresistivel para os tolos.

Os homens de ordinario abjurão com facilidade as doutrinas que os elevarão a grandes empregos, quando podem servir de embaraços a ulteriores e mais distintas promoções.

Os cortezões são como as serpentes flexiveis mais venenosas.

A virtude offendida se desaggrava perdoando.

A maledicencia pôde muitas vezes corrigir-nos, a lisonja quasi sempre nos corrompe.

Os sentimentos religiosos de admiração, amor e gratidão para com Deus nos conferem n'este mundo uma prelibação da bemaventurança eterna.

Os desejos se multiplicão na abundancia, como a herba nas terras pingues.

A felicidade que o luxo confere é temporaria; mas a miseria que depois occasiona, permanente.

Maranhão.